

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização | Património Artístico e História da Arte

Dissertação

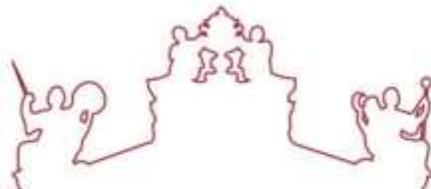
**Os Romanos no Antigo Território do Concelho da Amadora:  
Valorização do Património Arqueológico Local (Villa Romana  
da Quinta da Bolacha e do Aqueduto Romano)**

Joana Ramos Januário Gama Veríssimo

Orientador(es) | Manuel Francisco Patrocínio  
André Miguel Carneiro

Évora 2021





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Antónia Fialho Conde (Universidade de Évora)

Vogais | Manuel Francisco Patrocínio (Universidade de Évora) (Orientador)  
Maria Teresa Caetano (Câmara Municipal de Sintra) (Arguente)



## **Resumo:**

Esta dissertação pretende contribuir para a valorização do património romano da cidade da Amadora. Para isso é explorado o que tem sido desenvolvido e descoberto nestes espaços patrimoniais, particularmente a *Villa Romana* da Quinta da Bolacha e o Aqueduto Romano, mas também como estes espaços se integram na história do território que atualmente pertence ao Concelho da Amadora, e como se integram no seu presente.

Assim este trabalho pretende contribuir para uma maior divulgação do património romano da atual cidade da Amadora junto da sua população, permitindo também uma maior interligação entre os vários setores da cidade e outros eventos culturais da mesma, mas também permitir a divulgação a outros locais, nomeadamente Lisboa, uma cidade próxima da Amadora e a capital de Portugal. Pretende também proporcionar o crescimento do interesse nestes monumentos à semelhança do que tem sucedido com exemplos patrimoniais de outros locais da área metropolitana de Lisboa.

**Palavras-chaves:** Herança Romana; Património Arqueológico; Valorização Patrimonial Local; Cidade da Amadora

## **Abstract:**

**Title:** The Romans in the Ancient Territory of Amadora Municipality: Enhancement Proposal for the Local Heritage Archeological Sites (Quinta da Bolacha Roman Villa and the Roman Aqueduct)

This dissertation aims to enhance the value of the roman sites in Amadora city, and for that reason we will explore what has been done and discovered in these spaces, in the Roman Villa of *Quinta da Bolacha* and the Roman Aqueduct in particular. We also plan to understand how these historical places fit into the history of the territory that now belongs to Amadora, but also how they belong to its present.

So, this study will make possible a better enhancement of the Roman sites of the current Amadora city to its own inhabitants, supported on a better work between departments of the city and with other cultural events. The plan would be to also advertise to other cities, especially Lisbon, the Portuguese capital and in whose neighborhood stands the City of Amadora. Finally promote the growth of these monuments in relation to both cities, similarly to what has happened with other roman monuments in the suburbs of the capital.

**Key Words:** Roman Heritage; Archaeological Heritage; Local Heritage; Amadora City

## Agradecimentos:

Quero primeiro agradecer aos meus orientadores, ao professor doutor Manuel Patrocínio e ao professor doutor André Carneiro, por terem sido uma preciosa ajuda em perceber como melhor produzir este trabalho e conseguirem-me ajudar no que pretendo. Obrigado por todas as respostas aos emails.

Também agradeço à educação da Amadora e à cidade, que me criou e me fez a pessoa que se hoje, a razão pela qual me quis focar nela e nas suas riquezas escondidas, pelo menos escondidas de mim até recentemente.

Agradeço ao Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, pela informação disponibilizada sempre, e aos investigadores que trabalharam, investigaram e escreveram sobre este Museu e o património romano na Amadora nas últimas décadas

No espírito da cadeira História Social da Arte e da Cultura e de um dos trabalhos que mais apreciei realizar, quero agradecer à boa televisão que me manteve entretida durante trabalho e pausas e me inspirou durante este último ano complicado. Quero agradecer aos velhos favoritos que voltaram como *Scrubs*, *The West Wing* e *Private Practice*, e agradecer aos novos, *Ted Lasso*, *Star Trek: The Next Generation* e *Black Sails* que me mostraram um mundo em que a esperança é o mais importante.

Falando em mais importante, quero agradecer aos meus amigos que me distraíram e não me deixaram parar, à Alison, à Em, à Jamie, à Jen, à Mel, à Noemi, e finalmente à Mary e à Justine, que durante toda esta pandemia trabalharam em lares e muito agradeço o seu trabalho, tal como agradeço o trabalho de todos os profissionais de saúde e pessoas na primeira linha.

Em honra da memória da minha mãe, uma mulher incrível que esteve ao meu lado todos os dias da minha vida, e muito me apoiou este último ano, em que passamos mais tempo em casa todos juntos. Quero também agradecer à minha família, ao meu pai e ao meu irmão, que todos os dias continuam a oferecer-me o apoio que preciso.

Saúde para todos.

# Índice

<b>Resumo</b> .....	<b>3</b>
Resumo .....	3
Abstract.....	4
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>5</b>
<b>Índice</b> .....	<b>6</b>
<b>Lista de Figuras</b> .....	<b>9</b>
<b>1. Introdução</b> .....	<b>12</b>
1.1. Problemática .....	14
1.2. Objetivos.....	15
1.3. Metodologia.....	16
<b>2. Caracterização da Atual Cidade e Concelho da Amadora</b> .....	<b>17</b>
2.1. Caracterização Geográfica .....	18
2.2. Caracterização Demográfica e Urbana.....	21
2.3. Caracterização Cultural: Oferta Cultural.....	24
<b>3. Elementos para a História do Território da Cidade da Amadora e do seu Património</b> .	<b>27</b>
3.1. Da Formação do Território aos Primeiros Homens .....	27
3.2. A Presença Romana e Islâmica, e a Ruralidade da Amadora.....	32

3.3. Crescimento no Século XIX e a Industrialização do Século XX .....	35
<b>4. Caracterização da Presença Romana: o Domínio da Lusitânia e o Destaque do Território de <i>Olisipo</i> e suas Envolvências Património .....</b>	<b>40</b>
4.1. Domínio Romano na Lusitânia.....	40
4.1.1. Vida Rural.....	42
4.2. Domínio Romano no Território de <i>Olisipo</i> .....	46
4.2.1. O Fim do Domínio Romano .....	51
<b>5. Vestígios Romanos no Território do Atual Concelho da Amadora .....</b>	<b>53</b>
5.1. <i>Villa</i> Romana da Quinta da Bolacha.....	55
5.1.1. O Espaço da <i>Villa</i> na Sociedade .....	61
5.2. Aqueduto Romano.....	66
5.3. Outros Vestígios Romanos no Antigo Território do Concelho da Amadora.....	72
5.3.1. Espaço Habitacional e Necrópole no Moinho do Castelinho .....	72
5.3.2. Serra de Carnaxide.....	76
5.3.3. Outros Vestígios Romanos: Menor Dimensão .....	77
<b>6. Gestão e Valorização do Património Arqueológico Monumental e dos Vestígios Romanos da Cidade da Amadora: Estratégias e Projetos Atuais, e Definição de Novas Propostas .....</b>	<b>79</b>
6.1. Estratégias e Projetos Atuais .....	79
6.2. Definição de Novas Propostas .....	92
6.2.1. Investimento em Novas Tecnologias .....	93
6.2.2. A Conquista do Público Juvenil.....	98
6.2.3. Relação com a Comunidade .....	101
6.3. Conclusões.....	108

<b>7. Bibliografia e Fontes .....</b>	<b>110</b>
7.1. Fontes .....	110
7.2. Legislação.....	113
7.3. Referências Bibliográficas.....	115
7.4. Referências Eletrónicas .....	133
7.4.1. Vídeos.....	144
<b>8. Anexos Gráficos .....</b>	<b>147</b>
8.1. Folheto do Sítio Arqueológico da Villa Romana da Quinta da Bolacha .....	147
8.2. Folheto do Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira.....	149
8.3. Carta Militar de Portugal na Amadora.....	151
8.3.1. Carta Militar de Portugal Folha 416 .....	152
8.3.2. Carta Militar de Portugal Folha 417 .....	153
8.3.3. Carta Militar de Portugal Folha 431 .....	154
8.4. Desdobrável Informativo “A Herança Romana a Visitar fora de Lisboa” .....	155
8.5. A Identificação das <i>Villae</i> Exploradas no Território do Distrito de Lisboa .....	158
8.6. Programação Ficcionalada do “Dia Romano” .....	161

## Lista de Figuras

1. “Freguesias da Amadora”	18
2. “Relevo e Hidrografia do Concelho da Amadora”	19
3. “Parque Central”	25
4. “Exposição Temporária “Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho”	30
5. “Núcleo Museológico do Moinho do Penedo – Moinho do Penedo Restaurado”	33
6. “Palácio da Porcalhota/Fachada do Casa do Infantado na Freguesia da Mina de Água – Rua Elias Garcia, número 278”	35
7. “Estação da Amadora no século XX”	37
8. “Fábrica de Espartilhos Santos Mattos”	38
9. “Império Romano”	41
10. “Mapa das Vias na <i>Hispania</i> ”	43
11. “Galerias Romanas, que pertenciam às Termas Romanas de Lisboa, da Rua da Prata”	47
12. “Levantamento Aerofotográfico e 2009 com Identificação dos sítios de Cronologia Romana Identificados na Amadora”	53

13. “Planta Geral do Sector I da <i>Villa</i> Romana da Quinta da Bolacha”	57
14. “Exposição “Antes da Amadora” no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira – Vestígios Romanos da <i>Villa</i> Romana da Quinta da Bolacha”	59
15. “Ruínas da <i>Villa</i> Romana da Quinta da Bolacha”	60
16. “Aqueduto Romano”	66
17. “Ruínas da Barragem Romana de Belas (muro ao fundo) e Caixas de Água Modernas”	67
18. “Aqueduto Romano”	68
19. “Percurso Possível do Aqueduto Romano da autoria de Nuno Neves (2012)”	70
20. “Exposição Temporária “Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho – Fotos dos Vestígios encontrados nas Escavações”	72
21. “Exposição Temporária “Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho – Vestígios encontrados que datam do século IV d. C.”	73
22. “Planta Geral do Sector II do Sítio Arqueológico do Moinho do Castelinho”	74

23. “Planta Geral das Estruturas da Serra de Carnaxide – Via F”	76
24. “BD de Nuno Saraiva em Campanha de Sensibilização contra COVID-19 na Av. Conde Guimarães”	80
25. “Placar Informativo no Parque Aventura”	81
26. “Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira – Entrada e Símbolo da Casa de Malta”	83
27. “Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira – Parte Traseira”	84
28. “Exposição “Antes da Amadora” no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira – Cozinha Romana”	87
29. “ <i>Lucky Luke</i> de Risko (2010) – realizada no âmbito do Concurso de Pintura de Murais de Banda Desenhada, organizado pela Estradas de Portugal e a Câmara Municipal da Amadora”	102
30. “Anúncio Agenda Cultural – Recriação Histórica do Clã de Carenque”	103

# 1. Introdução

No âmbito do Mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural e chegando ao fim da parte curricular do mesmo, chegou ao momento da realização da minha dissertação. Esta tem o título “Os Romanos no Antigo Território do Concelho da Amadora: Valorização do Património Arqueológico Local (*Villa* Romana da Quinta da Bolacha e do Aqueduto Romano)”, sendo a tese orientada pelo Professor Doutor Manuel Patrocínio e pelo Professor Doutor André Carneiro.

O título tem como objetivo refletir o tema do trabalho, mas também os objetivos que pretendo alcançar, isto é o estudo do património Romano na Cidade da Amadora, com o intuito de os valorizar. O trabalho irá focar-se em espaços como a *villa* Romana da Quinta da Bolacha e o Aqueduto Romano, mas considerando a existência de outros locais também inseridos no período de domínio romano na Lusitânia, tal como a necrópole no Moinho do Castelinho que também tem sido explorada recentemente.

Uma das razões desta escolha de tema, a mais pessoal<sup>1</sup>, prende-se por colocar a Amadora no seu centro. Esta é a cidade onde cresci toda a minha vida e na qual fiz todo o meu percurso escolar do ensino básico, e ao crescer sem conhecer estes espaços, sem ter ouvido falar deles ou da história de terem existido romanos na cidade, achei que seria uma boa ideia explorar isso mesmo e perceber como seria possível que gerações futuras adquiram este conhecimento.

Quanto à escolha destes dois sítios patrimoniais na cidade da Amadora ao contrário de outros, está relacionado com a relevância que têm vindo a ter nas descobertas no território da Amadora. A *Villa* Romana da Quinta da Bolacha, localizada na atual freguesia da Falagueira-Venda Nova<sup>2</sup>, é o vestígio patrimonial romano e antigo com maior relevo, desde o número de estruturas físicas existentes aos vestígios encontrados, estando alguns expostos numa das exposições no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira. Por outro lado, o Aqueduto Romano

---

<sup>1</sup> As razões que fazem desta uma boa escolha também a nível de estudo e científico, eu irei especificar mais adiante, no próximo subcapítulo, “Problemática”.

<sup>2</sup> Vide “*Villa* Romana da Quinta da Bolacha”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/743-imoveis-de-interesse-publico-villa-r-qt-bolacha.html> (Consultado a 07/10/19).

destaca-se pela relação com a antiga *Olisipo*, tornando-se assim um exemplo da dependência que existia perante os dois territórios, mas esta ligação com a atual capital portuguesa também permite atualmente atrair mais interesse para a Amadora, tendo em conta a maior atração turística e cultural de Lisboa.

Durante este ano de 2020 e 2021, a pandemia SARS-COV que tem afetado todo o mundo trouxe vários constrangimentos, tal como o fecho de bibliotecas e arquivos durante vários períodos de alguns meses, ou a redução do horário de funcionamento e do número de visitantes dos mesmos. A necessidade de resguardo e confinamento pessoal também diminui a minha possibilidade de deslocações, o que levou maiores impossibilidades de trabalho de campo e de documentação fotográfica da minha autoria. Contudo tentei contornar a falta de acesso aos recursos mais físicos através de pesquisas virtuais, de forma a adquirir fontes e bibliografias digitais para preencher lacunas que possam ter existido pela falta de acesso físico a material.

## 1.1. Problemática

Tal como previamente escrevi, a minha escolha de tema não foi meramente pessoal, mas também se prendeu com ter preocupações sobre a falta de divulgação dos monumentos patrimoniais romanos da cidade na Amadora. Desta forma pareceu-me haver a necessidade para um trabalho deste teor que pretendesse enaltecer e dar a conhecer estes mesmos locais, tal como a *Villa Romana da Quinta da Bolacha* e do Aqueduto Romano, na atual cidade da Amadora.

Assim sendo as problemáticas que destaco neste trabalho são o conhecimento que a comunidade da Amadora tem sobre o património romano na sua própria cidade, e em particular as escolas e a sua relação com estes monumentos patrimoniais<sup>3</sup>. O entendimento desta problemática tornou-se dificultada com o trabalho à distância e a impossibilidade de colocar inquéritos diretamente.

Outra problemática de relevo, no seguimento e como consequência da mencionada acima, é perceber a existência pouca divulgação deste património local pela cidade, existindo mesmo falta de informação e sinalização destes dois sítios arqueológicos patrimoniais, mas até do Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, que tal como a *Villa Romana da Quinta da Bolacha*, constituem parte do Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, esta falha é ainda mais presente quando em comparação com outros aspetos e eventos culturais da cidade.

---

<sup>3</sup> Pois, tal como eu disse anteriormente, realizando grande parte do meu percurso escolar, da pré-escolar ao 9º ano, em escolas neste conselho, eu nunca tinha ouvido este património ser mencionado.

## 1.2. Objetivos

De forma a então responder às problemáticas expostas anteriormente, torna-se essencial o cumprimento dos objetivos colocados ao realizar este trabalho. O primeiro a responder é perceber o que tem sido desenvolvido e explorado nestes espaços patrimoniais desde da sua descoberta, isto é, a possibilidade de elaborar um histórico da exploração da *Villa Romana* da Quinta da Bolacha e do Aqueduto Romano, mas também perceber a sua atual exploração, os trabalhos mais recentes e a sua inovação.

Outro dos objetivos a ter em conta com este trabalho é entender a existência destes espaços dentro da história do espaço do atual concelho da Amadora, dessa forma torna-se essencial não só perceber a história do território da Amadora, da *Villa Romana* e do Aqueduto Romano, entendendo em simultâneo o funcionamento destas estruturas.

Como complemento do objetivo anterior também pretendo adquirir conhecimento com estudos de caso comparáveis e referenciais, que irão permitir perceber como a valorização dos monumentos romanos no território urbano da atual Amadora é semelhante ou diferente da valorização de outros locais semelhantes, como por exemplo algumas das *villae* encontradas na área metropolitana de Lisboa.

Contudo entre todos os propósitos, o essencial é a valorização da *villa romana* da Quinta da Bolacha e do Aqueduto Romano, de forma a ser possível propor atividades que permitam divulgar estes locais a um público maior, não só na cidade da Amadora, mas também na cidade de Lisboa, que por ter um universo de público mais diversificado e se encontrar próximo da Amadora, será um território preferencial de divulgação.

### 1.3. Metodologia

De forma a cumprir estes objetivos torna-se essencial a existência de uma metodologia de trabalho, a orientar a forma de pensamento e a elaboração da tese. Esta prendeu-se com a análise bibliográfica, de estudos e monografia relacionada com vários temas explorados neste trabalho, tal como a Amadora (a sua História, o seu presente e os seus monumentos romanos), e o domínio Romano da Lusitânia.

Contudo a análise de fontes documentais também permite conhecer melhor a realidade romana, pois apesar de não existir documentação sobre estes locais na Amadora, existe muita informação a analisar sobre monumentos da mesma tipologia noutros locais. Para além da consulta de fontes do período clássico, também foram analisadas fontes mais recentes que me permitem conhecer melhor a história da formação da Amadora.

Para além desta análise mais teórica, também foram realizadas algumas visitas de campo, tanto quanto possível, mas menos do que gostaria de ter conseguido realizar, devido à pandemia ter impedido à minha deslocação, por essa mesma razão a recolha fotográfica também não foi possível ser tão extensa, mas é da mesma forma ainda um aspeto metodológico a considerar.

Ainda em termos de metodologia, tinha sido também planeado a realização de um inquérito<sup>4</sup> a uma amostra da população de escolar da cidade da Amadora, de forma a perceber a relação com o património romano e a sala de aula, mas a impossibilidade da realização do mesmo diretamente levou a que a resposta conseguida *online* fosse muito pequena para permitir alguma conclusão ou análise pertinente.

---

<sup>4</sup> De acordo com o método quantitativo, isto é, um inquérito com perguntas mais fechadas, incluindo uma pergunta aberta para concluir o inquérito

## 2. Caracterização da Atual Cidade e Concelho da Amadora

Os monumentos patrimoniais abordados nesta dissertação, *Villa Romana* da Quinta da Bolacha e o Aqueduto Romano, são localizados no conselho da Amadora. Esta cidade que é recente, apesar do território ter uma história mais antiga<sup>5</sup>, foi elevada a esta categoria administrativa em 1979<sup>6</sup>. A 11 de setembro desse mesmo ano, data em que atualmente é celebrado o feriado municipal, também foi classificada como município, com a “desanexação da freguesia da Amadora do Município de Oeiras e de partes das freguesias de Queluz e Belas do Município de Sintra”<sup>7</sup>, isto sendo um resultado do seu grande crescimento durante todo o século XX, inicialmente como um espaço industrial<sup>8</sup>, mas mais tarde, que continua até aos dias de hoje, como uma cidade de serviços e uma cidade dormitório para a capital portuguesa, Lisboa.

---

<sup>5</sup> Tópico que será explorado no capítulo 2, “Elementos para a História do Território da Cidade da Amadora e do seu Património”.

<sup>6</sup> Vide Decreto Lei n.º 58/79, de 17 de Setembro. *Diário da República n.º 215/1979, Série I de 1979-09-17*. Lisboa.

<sup>7</sup> Vide Decreto Lei n.º 45/79, de 11 de Setembro. *Diário da República n.º 210/1979, Série I de 1979-09-11*. Lisboa.

<sup>8</sup> Atualmente não tendo mais indústria a funcionar no concelho.

## 2.1. Caraterização Geográfica

Assim, a cidade da Amadora pertence à área metropolitana de Lisboa, sendo um dos concelhos deste distrito, que, desde a reorganização administrativa de 2013, reduziu de onze para seis freguesias<sup>9</sup>: Águas Livres, Alfragide, Encosta do Sol, Falagueira-Venda Nova, Mina de Água e Venteira, ocupando um território de 23,79 km<sup>2</sup><sup>10</sup>, sendo este um dos mais pequenos municípios de Portugal<sup>11</sup>.

A cidade da Amadora faz fronteira com vários outros concelhos do distrito de Lisboa, tal como o concelho de Odivelas a nordeste, a norte e oeste por Sintra, o concelho de Oeiras<sup>12</sup> a Sul e Oeste, e a capital nacional, Lisboa, a sueste.

É nesta fronteira com Sintra que também se encontra a zona mais montanhosa do concelho da Amadora, com um valor máximo de 273 metros na Serra de Mira (a norte), contudo a Amadora “possui altitudes moderadas no contexto nacional”<sup>13</sup>, tendo 82% da sua área uma altitude entre os 50 e os 200 metros<sup>14</sup>. Para além da falta de elevada altitude,



Figura 1 – “Freguesias da Amadora”. In “Freguesias”, Câmara Municipal. Amadora. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/territorio/informacao-geografica/mapa-iterativo-freguesias.html> (Consultado a 20/11/2020)

<sup>9</sup> Desde de 1997, a Amadora tinha 11 freguesias, um aumento das suas iniciais 8 freguesias na sua criação.

<sup>10</sup> Vide “Conhecer a Amadora”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/conhecer-a-amadora.html> (Consultado a 20/01/20)

<sup>11</sup> Vide “Superfície” in “Ambiente, Energia e Território”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2019-05-31

<sup>12</sup> Concelho da qual fez parte desde de 1916 até ser elevada ao seu próprio concelho.

<sup>13</sup> Vide Emanuel Augusto Lopes Crucho, *Caracterização física do concelho da Amadora e susceptibilidade às inundações*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território, apresentada ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013, p. 51. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/20515>

<sup>14</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 51.



Figura 2 – "Relevo e Hidrografia do Concelho da Amadora". In "Ficheiro:Amadora relief.png", Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Amadora\\_relief.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Amadora_relief.png) (Consultado em 31/01/2021)

também “o município apresenta declives fracos a moderados”<sup>15</sup>, tendo mais de metade da Amadora inclinações inferiores a 10%<sup>16</sup>.

Contudo o ponto mais baixo da Amadora

encontra-se no fundo do vale do Rio da Costa, na zona Este, com apenas 41 metros de altitude em relação ao nível do mar<sup>17</sup>. Esta zona fica inserida na bacia hidrográfica Rio da Costa, situada na zona nordeste do concelho, a partir da Serra da Mira e do planalto de Mina de Água<sup>18</sup>, sendo esta uma das quatro bacias hidrográficas localizadas na Amadora. Estas bacias servem também grande parte da Grande Lisboa, e marcam a Amadora como uma zona de nascentes<sup>19</sup>.

Assim sendo as outras bacias são a Rio Jamor, incluindo a sub-bacia da Ribeira de Carenque, esta que serve como um meio físico de fronteira com o concelho de Sintra, esta bacia no total ocupa um terço do concelho<sup>20</sup>, especialmente na zona oeste<sup>21</sup>; outra das bacias é a da Ribeira de Alcântara (também conhecida na Amadora como Ribeira da Falagueira) que drena o setor centro-este do concelho, ocupando 36% do mesmo, tornando-se a maior no município, começando

<sup>15</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 53.

<sup>16</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 53.

<sup>17</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 51.

<sup>18</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 61.

<sup>19</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 61.

<sup>20</sup> Ocupa 34% do espaço do concelho para ser mais exato.

<sup>21</sup> Vide Emanuel Augusto Lopes Crucho, *op. cit.*, p. 61.

no Planalto de Mina de Água até continuar o seu caminho para o concelho de Lisboa<sup>22</sup>; a Ribeira de Algés é a quarta bacia do concelho, localizada mais a Sul, com afluições provenientes das serras de Monsanto e de Carnaxide<sup>23</sup>. Sendo assim, no total a rede hidrográfica do concelho tem extensão de 46,8 km, apesar de que muitos troços se encontrarem “artificiados e encanados”<sup>24</sup>.

A caracterização geográfica do concelho também serviu para a criação de fronteiras e organização local. Para além da Ribeira de Carenque a separar os concelhos de Sintra e Amadora, também existe um curso de água a demarcar as fronteiras da freguesias de Águas Livres e Falagueira-Venda Nova, e várias elevações a separar Encosta do Sol da freguesia de Mina de Águas a norte, como é possível ver na imagens anteriores (figura 1 e figura 2).

Esta construção geográfica também acaba por ter consequências a nível de temperaturas, destacando-se o concelho por, apesar de se enquadrar nos climas temperados de tipo mediterrâneo, também se encontrar num local de transição entre dois subtipos climáticos mediterrâneos<sup>25</sup>. Estes climas temperados são caracterizados com a média do mês mais frio ser entre 0°C e 18°C, mas também que os meses no Verão são caracterizados por um clima extremamente seco<sup>26</sup>. Contudo os dois subtipos caracterizam uma distinção nas temperaturas no Verão, com uma temperatura média mensal no mês mais quente superior a 22°C<sup>27</sup>, enquanto o outro subtipo indica o oposto, que a temperatura média mensal do mês mais quente é inferior ou igual a 22°C, mas ao mesmo tempo garante quatro ou mais meses com uma temperatura média superior a 10°C<sup>28</sup>. No entanto ao analisar a precipitação, percebe-se que apesar de se encontrar neste local de transição, normalmente está mais próxima do clima das temperaturas mais altas no Verão<sup>29</sup>, sendo esta precipitação influenciada pelos ares marítimos, mesmo sem a Amadora estar localizada numa zona com costa<sup>30</sup>.

---

<sup>22</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 61.

<sup>23</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 62.

<sup>24</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 62.

<sup>25</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 13.

<sup>26</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>27</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>28</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>29</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>30</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 15.

## 2.2. Caraterização Demográfica e Urbana

Apesar de ser pequena em tamanho, a cidade da Amadora é um local que sofreu um crescimento, tanto demográfico como urbano. Atualmente, consultando os dados dos censos de 2011, é o município com a maior densidade populacional, 7363,4 habitantes por km<sup>2</sup>, um aumento significativo dos 6885,6 habitantes por km<sup>2</sup>, que era possível encontrar em 1981 (tendo nos censos de 2001 superado Lisboa como o município com maior densidade populacional)<sup>31</sup>.

A Amadora tem uma população total de 175136 habitantes<sup>32</sup>, pelo menos em 2011, o que o marca como o nono município mais populoso de Portugal<sup>33</sup>, o que evidencia um crescimento substancial em relação ao século passado, que em 1981, pouco depois da sua elevação a município, tinha 163878 habitantes<sup>34</sup>.

Observando a população da Amadora também é importante refletir o elevado índice de envelhecimento da população nesta cidade, tendo uma das mais altas da Área Metropolitana de Lisboa<sup>35</sup>, segundo dados de 2018, 149,8<sup>36</sup>, o que significa quase 150 idosos (pessoas acima dos 65 anos) por 100 jovens (pessoas até aos 15 anos). Estes dados na Amadora também refletem os dados de todo o país no qual o aumento do índice de envelhecimento tem sido notado no geral, existindo em Portugal um índice de 101,6 em 2001, para 157,4 atualmente (2018)<sup>37</sup>, enquanto a Amadora tinha um índice de 93 em 2001<sup>38</sup>.

---

<sup>31</sup> Vide “Densidade populacional segundo os Censos”, *INE - X, XII, XIV e XV Recenseamentos Gerais da População apud “População”, PORDATA*. Última atualização: 2020-02-06

<sup>32</sup> Vide “População residente segundo os Censos: total e por dimensão dos lugares” in “População”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2015-06-26

<sup>33</sup> Vide DIG – Divisão de Informação Geográfica, *Amadora em Números. Amadora Data*, Camara Municipal da Amadora, Amadora, 2014, p. 7.

<sup>34</sup> Vide “População residente segundo os Censos: total e por dimensão dos lugares”, *op. cit.*

<sup>35</sup> Sendo o Índice de Envelhecimento sendo apenas mais elevado em Barreiro (185,4), Lisboa (175,4), Oeiras (155,8) e Almada (153,6).

<sup>36</sup> Vide “Índice de envelhecimento” in “População”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2019-06-14.

<sup>37</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>38</sup> Vide idem, *ibidem*.

Estes dados refletem então uma cidade com 32742 habitantes de idade acima dos 65 anos em 2011<sup>39</sup>, para 25903 jovens até 14 anos, inclusive<sup>40</sup>, sendo assim evidente a diferença de dez mil habitantes entre estes dois grupos etários. O resto da população desta cidade, com idades compreendidas entre 15 e 64 anos, constituem as restantes 116491 pessoas<sup>41</sup> que vivem nesta cidade.

Observando os 175136 habitantes da Amadora, segundo outros fatores demográficos, também é possível evidenciar um maior número de mulheres, do que de homens, com, em 2011, 92794 mulheres para 82342 homens<sup>42</sup>.

Esta população é distribuída por 88036 alojamentos, que em 30 anos (de 1981 para 2011) aumentaram em 33619<sup>43</sup>, sendo possível verificar que o aumento se deu a nível de habitações familiares clássicas (por exemplo apartamentos ou moradias), de 51203 para 87939 edifícios deste tipo, e alojamentos coletivos, como lares e hotéis, começaram também a ser mais comuns na Amadora, com 34 locais em 2011<sup>44</sup>. Ao mesmo tempo, habitações familiares não clássicas, como barracas, tem vindo a diminuir, de um total de 3197 para 63 em 2011<sup>45</sup>, sendo a maior parte destas não barracas mas outros tipos de alojamento familiares não clássicos<sup>46</sup> (estes locais normalmente com uma construção precária, que poderá ser móvel ou improvisada, e possivelmente edifícios que não foram construídos com o intuito de residência mas estavam a ser usados para tal).

Para além destas construções para residência, a Amadora também tem edifícios escolares, que tem vindo a diminuir um pouco nos últimos dez anos<sup>47</sup>, possivelmente uma consequência da

---

<sup>39</sup> Vide “População residente segundo os Censos: total e por grandes grupos etários” in “População”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2015-06-26.

<sup>40</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>41</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>42</sup> Vide “População residente segundo os Censos: total e por sexo” in “População”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2015-06-26.

<sup>43</sup> Em 1981, pouco tempo após a criação do município, este tinha 54417 locais de alojamento.

<sup>44</sup> Vide “Alojamentos segundo os Censos: total e por tipo” in “Habitação, Conforto e Condições de Vida”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2015-06-26.

<sup>45</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>46</sup> Vide “Alojamentos familiares não clássicos segundo os Censos: total e por tipo” in “Habitação, Conforto e Condições de Vida”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2015-06-26.

<sup>47</sup> Nomeadamente nas escolaridades mais novas, como pré-escolar e primeiro ciclo.

população mais envelhecida. Contudo em 2019, existia um total de 165 escolas<sup>48</sup>, divididas em 75 pré-escolas, 46 do 1º Ciclo, 17 do 2º Ciclo, 18 do 3º Ciclo e 9 escolas Secundárias<sup>49</sup>. A nível de escolaridade, os dados são do último censo, em 2011, que marca ainda uma taxa de analfabetismo de 3,7%<sup>50</sup>, uma das mais altas da área metropolitana de Lisboa<sup>51</sup>, parte destes valores estão incluídos nas 11752 pessoas sem escolaridade, 37290 com o 1º Ciclo<sup>52</sup>, 16934 com o 2º Ciclo, 30929 com o 3º Ciclo<sup>53</sup>, 28390 com o Secundário, cerca de 1677 com o Ensino Médio<sup>54</sup> e 22261 com o Ensino Superior<sup>55</sup>.

---

<sup>48</sup> Vide “Estabelecimentos nos ensinos pré-escolar, básico e secundário: por nível de ensino” in “Educação”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2020-07-28.

<sup>49</sup> Vide *idem, ibidem*.

<sup>50</sup> Vide “Taxa de analfabetismo segundo os Censos: total e por sexo” in “Educação”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2015-06-26.

<sup>51</sup> Especialmente em relação a outros concelhos na zona Norte do rio Tejo, os concelhos a Sul tendem a apresentar uma taxa maior de analfabetismo.

<sup>52</sup> Sendo este o nível de escolaridade com o maior número de pessoas a alcançar.

<sup>53</sup> Na altura deste censo, o fim do 9º Ano era um dos deveres da escolaridade obrigatória, desde o ano letivo 1987/1988, o que explica o maior número de pessoas. Contudo desde de 2012, o secundário marca a escolaridade obrigatória, por isso o atual panorama poderá ser diferente.

<sup>54</sup> Este termo do Ensino Médio já não é usado, tendo sido extinto durante os anos 70 do século passado, mas refere-se a um ensino técnico profissional.

<sup>55</sup> Vide “População residente com 15 e mais anos segundo os Censos: total e por nível de escolaridade completo mais elevado” in “Educação”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2015-06-26.

### 2.3. Caraterização Cultural: Oferta Cultural

A cidade da Amadora é frequentemente esquecida quanto se fala de cultura (ou turismo) na Área Metropolitana de Lisboa, comparada com grandes centros culturais como o próprio concelho de Lisboa, Cascais ou Almada (conhecidas pelas suas costas de praias), ou Sintra, classificada como paisagem cultural da UNESCO<sup>56</sup>. Contudo, mesmo sendo esta uma cidade “dormitório”<sup>57</sup>, também apresenta os seus próprios pontos de cultura, o que permite que este local se distinga como uma cidade com interesse cultural e um local de procura para passear.

Assim sendo, em 2018, a cidade da Amadora tem dois museus de um total de 93 na área metropolitana de Lisboa<sup>58</sup> e também tem quatro outros espaços culturais tais como galerias de arte e exposições temporárias<sup>59</sup>. A nível dos museus também é possível ter acesso a dados de 2018, que nos indicam as visitas, estas em grande parte escolares, 3221 de um total de 8079 visitas, e sendo também 81 dos visitantes, estrangeiros<sup>60</sup>, fazendo assim os visitantes portugueses e particulares um total de 4777<sup>61</sup>. Para além do pequeno número de turistas estrangeiros, também é possível observar que a Amadora, apesar da sua localização privilegiada nos arredores da capital portuguesa, ainda não se apresenta como um dormitório para turistas estrangeiros, sendo apenas 13% dos hóspedes em estadia na Amadora estrangeiros<sup>62</sup>, hóspedes que no seu total apenas são 0,2 por cada 100 habitantes<sup>63</sup>, sendo estes dados de 2011.

Alguns dos exemplos do património cultural da Amadora que se podem destacar são a Casa Roque Gameiro<sup>64</sup>, a residência do pintor aguarelista, agora usada como Museu em sua honra, e o

---

<sup>56</sup> Sendo uma paisagem cultural, uma paisagem que coincide um ambiente natural e atividades humanas, criando tradições, folclore, arte, entre outros.

<sup>57</sup> Cidade Dormitório é um subúrbio a uma grande cidade, tipicamente, que serve frequentemente como um grande foco urbano, incluindo para as pessoas que trabalham na cidade vizinha.

<sup>58</sup> Vide “Museus: número” in “Cultura”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2019-11-18.

<sup>59</sup> Vide “Galerias de arte e outros espaços de exposição temporária: número de espaços” in “Cultura”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2019-07-08.

<sup>60</sup> Apesar do número pequeno comparado com outros locais de Lisboa, apresenta na mesma um crescimento do número de visitantes fora do país.

<sup>61</sup> Vide “Museus: total de visitantes, visitantes escolares e estrangeiros” in “Cultura”, *INE, PORDATA*. Última atualização: 2019-11-20.

<sup>62</sup> Vide DIG – Divisão de Informação Geográfica, *Amadora em Núm3ros. Amadora Data*, [...], p. 28.

<sup>63</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 28.

<sup>64</sup> Alfredo Roque Gameiro (1864-1935) foi um pintor português, especializado na arte da aguarela.

Museu Municipal de Arqueologia, um espaço importante em ter em conta durante este trabalho, já que engloba parte do património arqueológico romano da Amadora. Outros espaços como o Cineteatro D. João V e os Recreios da Amadora são importantes na dinamização cultural na Amadora e na Grande Lisboa<sup>65</sup>, com a apresentação de peças de teatro, filmes, bailados, concertos, exposições, entre outras formas de arte, e também a Galeria Municipal Artur Bual, fundada em 1980<sup>66</sup>, é outro local de destaque na dinamização do interesse por vários nomes conceituados das artes plásticas<sup>67</sup>.

A nível patrimonial também existem vários monumentos relacionados com a bacia hidrográfica existente na Amadora, tal como a localização de vários Moinhos, nas freguesias de Alfragide e Minas de Água, também o Aqueduto das Águas Livres, o Aqueduto da Gargantada, os vestígios do Aqueduto Romano, e o Chafariz da Porcalhota. Para além destes, é possível encontrar também vários exemplos de Quintas do século XVIII-XX que marcavam os arredores de Lisboa,



Figura 3 – "Parque Central". In " Ficheiro:Parque Central da Amadora - Portugal (5301681698).jpg", Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parque\\_Central\\_da\\_Amadora\\_-\\_Portugal\\_\(5301681698\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parque_Central_da_Amadora_-_Portugal_(5301681698).jpg) (Consultado a 31/01/21)

como um local de repouso para a elite.

De forma a complementar o património cultural, a Câmara Municipal da Amadora também investiu em recuperar espaços verdes, apesar da cidade já não ser um espaço rural, têm sido desenvolvidos pela cidade vários parques urbanos, parques infantis, pistas de caminhada, circuitos de manutenção<sup>68</sup> e também têm

<sup>65</sup> Vide "Cineteatro D. João V", *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/cineteatro-d-joao-v.html> (Consultado a 25/01/20)

<sup>66</sup> Inicialmente fundada com o nome Galeria Municipal da Amadora.

<sup>67</sup> "Galeria Municipal Artur Bual", *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/galeria-municipal-artur-bual.html> (Consultado a 25/01/20)

<sup>68</sup> Os circuitos de manutenção são espaços, normalmente em forma de circuito, com vários equipamentos de exercício.

investido na requalificação de ribeiras e na arborização de vias<sup>69</sup>, não só por razões de estética, mas também com o objetivo de melhorar a qualidade ambiental e investir na saúde da população<sup>70</sup>.

Finalmente, o concelho da Amadora também se destaca quanto a arte urbana, tendo *grafittis* distribuídos por todo o concelho, incluindo de artistas de renome internacional tal como Odeith e VILE, e muitos outros artistas locais. Grande número destas pinturas também foram promovidas pela Câmara Municipal da Amadora de forma a publicitar e de certa forma complementar um dos mais importantes marcos culturais nesta cidade, a Amadora BD, um festival de banda desenhada internacional que acontece todos os anos, desde a penúltima década do século XX, no Outono. Este festival serve tanto de palco para artistas locais como internacionais, e também serve de impulso à população mais jovem para se interessar por esta forma de arte, e recolhe um número significativo de visitantes, residentes na Amadora<sup>71</sup> e não só, acolhendo no total mais de 30000 visitantes anualmente<sup>72</sup>.

Concluindo também o desporto, desde o futebol à natação, passando pelo ténis e hóquei, entre outros desportos, concluem algumas das importantes atividades do concelho. Contudo é possível também saber que estes exemplos da vida na cidade acabam por causar despesas, assim no âmbito de atividades culturais e de desporto, à Câmara Municipal no valor de 19,80€ por cada habitante<sup>73</sup> (cerca de metade do valor gasto por habitante na região de Lisboa na sua totalidade)<sup>74</sup>.

---

<sup>69</sup> Vide Camara Municipal da Amadora, *Plano Estratégico de Arborização do Concelho da Amadora*, Amadora, Camara Municipal da Amadora, 2013, pp. 4-5.

<sup>70</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 2.

<sup>71</sup> Estes visitantes têm desconto nos seus bilhetes.

<sup>72</sup> Vide DIG – Divisão de Informação Geográfica, *Amadora em Núm3ros. Amadora Data*, [...], p. 16.

<sup>73</sup> Estes dados sendo de 2012.

<sup>74</sup> Vide “Comunicado | Cancelamento Do Festival Amadora Bd 2020”, *Amadora. Câmara Municipal*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/4394-comunicado-cancelamento-do-festival-amadora-bd-2020.html> (Consultado a 02/01/2021)

### **3. Elementos para a História do Território da Cidade da Amadora e do seu Património**

O primeiro capítulo centra-se na atual Amadora, mas apesar de o seu crescimento como cidade ser bastante recente, datando do fim do século anterior, a História deste território data de muito mais cedo, existindo registos de comunidades a viverem neste local desde o Paleolítico<sup>75</sup>.

#### **3.1. Da Formação do Território aos Primeiros Homens**

As formações do território do concelho são em parte, 25%, da Era Cenozóica, datando do Paleogénico e Quaternário<sup>76</sup>. É nesta mesma formação geológica que também levará à formação de zonas da atual freguesia de Benfica<sup>77</sup>, na periferia da Amadora, estas duas localidades continuaram a ter uma importante relação, muito além deste início, ao longo da sua história.

De seguida nos períodos Miocénico e Pliocénico não existem registos de vestígios. Já o Quaternário representa 17% das formações da área do concelho<sup>78</sup>, o que inclui “pequenas parcelas de depósitos de terraços marinhos, e essencialmente depósitos fluviais aluvionares”<sup>79</sup>. Fósseis datados do Plistocénico indicam uma “flutuação do nível da água provocada pelos ciclos glaciários e interglaciários”<sup>80</sup>, enquanto esta água também transportou alguns detritos para o fundo dos vales do concelho, alimentando-se das diversas formações sedimentares e vulcânicas que constituem o município<sup>81</sup>.

O terreno organiza-se com formações sedimentares cretácicas na zona norte e noroeste do concelho e com uma “disposição monoclinal Norte-Sul”<sup>82</sup>, enquanto no extremo norte do território da Amadora tem formações mais antigas (“formações de Serradão e de Guia indiferenciadas”, como assinalou Emanuel Crucho<sup>83</sup>) do Cretáceo Inferior, e formações do Cretácico Superior no

---

<sup>75</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>76</sup> Vide Emanuel Augusto Lopes Crucho, *op. cit.*, p. 39.

<sup>77</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 39.

<sup>78</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 40.

<sup>79</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 40.

<sup>80</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 40.

<sup>81</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 40.

<sup>82</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 40.

<sup>83</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 40.

centro-norte, para as mais recentes (Formação da Bica)<sup>84</sup>. As formações vulcânicas cretácicas estão por todo o território<sup>85</sup>, especialmente no centro e sul do concelho, enquanto as formações sedimentares paleogénicas estão presentes na zona este, e as quaternárias, como aluviões holocénicas, distribuem-se maioritariamente no Sul<sup>86</sup>. Estas formações terão impacto no tipo de solo deste território, que vai desde o solo vulcânico e uma variedade de calcários, para além de argila, solo arenoso, entre outros<sup>87</sup>, esta diversidade vai facilitar a fertilidade desta localidade e torná-la apelativo à vida humana.

Como já mencionado anteriormente, existem registos de habitação humana na região durante o Paleolítico, incluindo durante o período Acheulense<sup>88</sup>, Mustierense<sup>89</sup> e o Paleolítico Superior e Pós-Paleolítico, todos dos quais foram encontrados vestígios no território do concelho<sup>90</sup>, já que a constituição do mesmo, com zonas mais aplanadas e com diversas linhas de água, proporcionava um bom local para a instalação de comunidades<sup>91</sup>. Os primeiros Homens a temporariamente fixarem-se nestes locais eram caçadores recolectores nómadas, sendo assim possível encontrar mais materiais de superfície, ou a pequena profundidade ao tratar-se de camadas de solo arável<sup>92</sup>, indicando que como povo nómada não construíram habitação permanente, mas erguendo abrigos temporários ao ar livre, procurando e recolhendo o que necessitavam – na Amadora é possível encontrar cerca de 30 locais com vestígios destes grupos<sup>93</sup>, tais como por

---

<sup>84</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 40.

<sup>85</sup> Apesar desta serem referentes a locais na Amadora, estas formações sedimentares são semelhantes na Grande Lisboa como um todo, havendo especialmente sinais de evidências em Sintra e Cascais.

<sup>86</sup> Vide Emanuel Augusto Lopes Crucho, *op. cit.*, p. 40.

<sup>87</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 44-50.

<sup>88</sup> Este período do Paleolítico Inferior ficou marcado pela criação de ferramentas, isto é, a manipulação da pedra, madeira ou outros bens da natureza para criar instrumentos mais eficientes. Assim também associado ao *Homo erectus* e aos primeiros *Homo sapiens*.

<sup>89</sup> Este período do Paleolítico Médio é caracterizado por ser o período dos homens de neandertal, com o aparecimento também dos primeiros rituais funerários.

<sup>90</sup> Vide João Luís Cardoso, Georges Zbyszewski, Maria da Conceição André, “O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 1992, pp. 148-157. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/6093>

<sup>91</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>92</sup> Vide João Luís Cardoso, Georges Zbyszewski, “Três jazidas paleolíticas do complexo basáltico de Lisboa: Damaia, Venteira e Casal da Barroca (Amadora)”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Vol. 5, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 1995, p. 24. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/4590>

<sup>93</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

exemplo as jazidas Paleolíticas da Damaia, Venteira e Casal Da Barroca (Amadora)<sup>94</sup> ou tal como os vestígios Mustierenses encontrados no antigo campo de aviação de Amadora<sup>95</sup>.

A fixação de povoados na Amadora não foi imediata, sendo apenas possível identificar um povoado, de Baútas<sup>96</sup>, durante o Neolítico inicial (5000 anos a.C.), neste local existem vestígios do início da agricultura e pastorícia, mas também do fabrico de peças de cerâmica<sup>97</sup>.

No entanto, durante o Neolítico Final e o Calcolítico (4000 a 3000 a.C.) começa a ser mais predominante a fixação de povoados, facilitada pela existência de elevações que não são muito acentuadas<sup>98</sup> e a existência de água abundante, faziam deste território um local ideal para o foco de populações<sup>99</sup> (“as povoações de cumeada”<sup>100</sup>). Estas povoações destacam-se, não por apenas haver vestígios relacionados a atividades como a caça, a pesca, a agricultura ou a recolção como já existiam anteriormente, mas também pela inclusão de outras atividades quotidianas que passaram a ser desenvolvidas como moagem, tecelagem, fabrico de queijo e metalurgia do cobre<sup>101</sup>, como o povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora)<sup>102</sup> e Monte das Pedras (Mina)<sup>103</sup>.

Como já foi possível notar anteriormente e continuará a ser relevante na história da Amadora, esta passa pelos seus picos de população. A Idade de Bronze (2000 a.C.) é marcada pela

---

<sup>94</sup> Vide João Luís Cardoso, Georges Zbyszewski, *op. cit.*, p. 23.

<sup>95</sup> Vide Georges Zbyszewski, João Luís Cardoso, “O Paleolítico do antigo campo de aviação de Amadora”, *Arqueologia*, Número Doze, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (G.E.A.P.), 1985, p. 56. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/6188>

<sup>96</sup> Este mesmo local também apresenta vestígios de ocupação durante Calcolítico Pleno e a Idade do Ferro, e possivelmente a Idade do Bronze.

<sup>97</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>98</sup> Neste caso referendo a existência de elevações, tal como a Serra das Éguas, mas que não são muito íngremes, de forma a dessa forma não complicam a vida neste local.

<sup>99</sup> Vide *idem*, *ibidem*.

<sup>100</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *As Cerâmicas Carenadas do Povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Um Contributo para o seu Estudo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010, p. 96.

<sup>101</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>102</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *As Cerâmicas Carenadas do Povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora) [...]*, p. 7.

<sup>103</sup> Vide Marco António Andrade, “O sítio pré-histórico de Monte das Pedras (Mina, Amadora): identificação e caracterização de uma possível oficina de talhe neolítica”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 14, Lisboa, 2011, p. 5.

diminuição do tamanho dos povoados, permanecendo a existência de 11 locais<sup>104</sup>, estes sendo continuações das povoações calcolíticas<sup>105</sup>. Este período é marcado pela invenção da metalurgia do Bronze, usada em armas por exemplo, que ajuda a identificar os povoados como desta época, tal como as cerâmicas produzidas e as foices em sílex<sup>106</sup>.



Figura 4 – "Exposição Temporária Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho – Vestígios encontrados que datam do período romano e períodos anteriores" (VERISSIMO; 2019)

O fim da Idade do Bronze começa então a receber a chegada dos primeiros comerciantes e navegadores da Fenícia a Lisboa<sup>107</sup>, permitido o começo de um desenvolvimento de relações entre os comerciantes e navegadores e as elites do território de Lisboa<sup>108</sup>.

<sup>104</sup> Alguns destes povoados estão na Fábrica das Gabardines, no Moinho da Atalaia, no Fiat-Alfragide, mas também o Casal de Vila Chã (Norte e Sul), o Casal de São Brás, no Liceu da Amadora, no Campo de Aviação/Casal do Borel, Alfragide-FAP e possivelmente também o povoado das Baútas.

<sup>105</sup> Vide exposição permanente "Antes da Amadora" no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>106</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>107</sup> Vide João Luís Cardoso, "Lisboa pre-histórica: novas informações, à luz de antigos documentos", *Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Volume 60-61, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2008-2009, p. 114.

<sup>108</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 114.

Estas relações comerciais, mas também o aumento da cerâmica, com o desenvolvimento da roda de oleiro<sup>109</sup> marcaram a Idade do Ferro (século VI a III a.C.), com a existência de pequenas povoações agrícolas de raiz familiar<sup>110</sup>, tal como as explorações do Moinho da Atalaia, Baútas, Casal de Vilã Chã Sul, Moinhos do Filipinho, Fiat-Alfragide e Alfragide Segundo Sul<sup>111</sup>. Outra das indústrias importantes deste período foi a exploração e produção de objetos em ferro<sup>112</sup>.

---

<sup>109</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>110</sup> Vide João Luís Cardoso, “Lisboa pre-histórica: novas informações, à luz de antigos documentos” [...], p. 115.

<sup>111</sup> Vide Elisa de Sousa, “A Idade do Ferro no concelho da Amadora”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 16, Lisboa, 2013, p. 151.

<sup>112</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

### 3.2. A Presença Romana e Islâmica, e a Ruralidade da Amadora

A partir do século I a.C. começa a ocupação romana na zona da Amadora, em particular no Moinho do Castelhinho<sup>113</sup>, como será explorado noutros capítulos. Após o domínio romano são conhecidos menos vestígios<sup>114</sup>, quer do período islâmico, quer do período cristão que lhe segue, na Amadora<sup>115</sup>, mas é possível perceber que houve alguma ocupação de população em antigos locais povoados pela população romana<sup>116</sup>, este reaproveitamento de espaços romanos por povos seguintes não é algo particular da Amadora, sendo registos destas duplas presenças também encontrados em sítios arqueológicos<sup>117</sup> em Sintra<sup>118</sup>.

Não existe a cronologia exata para a presença islâmica no que teria sido o território da Amadora, mas “presume-se que apenas em 714 ou 716 Lisboa se tenha submetido pacificamente”<sup>119</sup> e deverá ter sido também durante estes anos que os territórios na periferia da atual Lisboa ficaram sob poder muçulmano<sup>120</sup> – este domínio então reunia diferentes culturas, com a presença de moçárabes<sup>121</sup>, mouros e judeus, que apesar de diferentes religiões e culturas, viviam perante a cultura e domínio islâmico de Andalúzia<sup>122</sup>.

A presença muçulmana durou variados séculos, mesmo para além da Reconquista de Lisboa por D. Afonso Henriques em 1147. Sendo assim, mesmo após esta data, a comunidade islâmica manteve-se na cidade sob proteção régia, estando num bairro isolado respondendo às

---

<sup>113</sup> Vide *idem*, *ibidem*.

<sup>114</sup> A falta de conhecimento dos vestígios é transversal a todos os períodos, nomeadamente devido ao rápido crescimento industrial e habitacional, mas também acontece, especialmente nos vestígios da pré-história, terem sido encontrados há mais anos, vários dos sítios mencionados anteriormente foram encontrados na primeira metade do século XX.

<sup>115</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>116</sup> Vide *idem*, *ibidem*.

<sup>117</sup> Tal como as escavações do Alto da Vigia.

<sup>118</sup> Vide Marco Oliveira Borges, “A importância estratégica do conhecimento do território na formação de um sistema defensivo: o caso de Sintra (Portugal) durante o Período Islâmico”, *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*, Volume 22, Número 2, Universidad Industrial de Santander, Santander (Colombia), 2007, p. 30.

<sup>119</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 21.

<sup>120</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 21.

<sup>121</sup> Moçárabes eram cristãos que na Península Ibérica viviam sob domínio muçulmano, que aceitavam a língua e cultura árabe, apesar de não converterem religiões.

<sup>122</sup> Vide Luís Ribeiro Gonçalves, *Sistemas de Povoamento e Organização Territorial: Dois Vales na Periferia de Lisboa (Séculos IX – XIV)*. Dissertação de Mestrado em História Medieval, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011, pp. 69-70.

necessidades da comunidade<sup>123</sup>, e apesar de várias tensões terem levado a mais tarde expulsões da comunidade islâmica para fora da Cerca Fernandina e, mais tarde, do Reino<sup>124</sup>, ainda no século XIV, existe uma maior atividade comercial na zona de Benfica<sup>125</sup>, esta uma localidade da zona da periferia a que hoje chamamos Amadora.

Parece ter havido um registo constante de pessoas na aldeia da Falagueira<sup>126</sup>, mas é no século XIII, que é possível encontrar mais antigos registos de povoamento, sempre dispersos pelo atual território do concelho<sup>127</sup>, com uma divisão de terras e dispersão de agricultores, sendo parte desta produção distribuída pelo clero<sup>128</sup>, e a outra parte dos bens alimentares essenciais produzidos, tal como leite e derivados, pão<sup>129</sup>, frutos e verduras, para a cidade, onde os saloios<sup>130</sup> vendiam através de feiras e venda ambulante (a pé ou carros)<sup>131</sup>. Também para as cidades vinham pessoas do campo como as lavadeiras que ofereciam serviços de lavagem de roupa, e homens faziam trabalho pesado<sup>132</sup>.



Figura 5 – "Núcleo Museológico do Moinho do Penedo – Moinho do Penedo Restaurado". In " Núcleo Museológico do Moinho do Penedo", Amadora. Câmara Municipal. Cultura.. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/3160-nucleo-museologico-do-moinho-do-penedo.html> (Consultado 8/02/21)

---

<sup>123</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 25.

<sup>124</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 25.

<sup>125</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 25.

<sup>126</sup> Vide exposição permanente "Antes da Amadora" no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>127</sup> Vide Gisela Encarnação, *Amadora Rural*, Camara Municipal da Amadora, DEDES/Divisão de Intervenção Cultural & Museu Municipal de Arqueologia/Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, Amadora, 2010, p. 5.

<sup>128</sup> Vide A. Morais, *op. cit.*, p. 120.

<sup>129</sup> O crescimento da capital tornou essencial o aumento da produção de cereais, e por essa razão durante os séculos XVIII e XIX foram construídos vários moinhos de vento nos arredores de Lisboa, que trabalhavam de uma forma constante, quase de uma forma pré-industrial.

<sup>130</sup> Saloios era nome dado a habitantes que viviam na periferia rural e vendiam as suas produções na cidade.

<sup>131</sup> Vide Gisela Encarnação, *Amadora Rural*, [...] p. 11.

<sup>132</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 11.

Um destes locais foi, tal como mencionado anteriormente, a Aldeia da Falagueira, que é um locais que apresentou população constantemente perante a história da freguesia. Contudo este não era o único local habitado durante os séculos XVIII e XIX, também marcado com a existência de outras pequenas aldeias como a de Carenque, da A-Da-Maia, mas especialmente A-Da-Beja<sup>133</sup>, para além de diversas quintas pelo atual concelho, destacando uma vivência permanentemente rural<sup>134</sup>.

---

<sup>133</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>134</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 5.

### 3.3. Crescimento no Século XIX e a Industrialização do Século XX

A Porcalhota era contudo a zona mais importante da Amadora, sendo não apenas uma zona rural. Durante o século XIX e início do século XX, esta cresceu, devido à sua proximidade com



Figura 6 – "Palácio da Porcalhota/Fachada da Casa do Infantado na Freguesia da Mina de Água – Rua Elias Garcia, número 278". In "Fachada da Casa do Infantado/Palácio da Porcalhota", Amadora. Câmara Municipal. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/747-imoveis-de-interesse-mun-casa-infantado.html> (Consultado a 26/11/20)

Sintra, sendo um ponto de passagem entre Lisboa e Sintra, passando por este local a Estrada Real<sup>135</sup>, que se separava entre a Estrada Real de Mafra e a de Sintra (esta modernizada no século XIX com técnicas inglesas<sup>136</sup>)<sup>137</sup>. Estas duas regiões tinham uma existência numerosa de segundas habitações da aristocracia (e até da família real)<sup>138</sup>, mas também a Amadora, a partir do século XVIII, recebeu membros da

aristocracia, continuou assim a ser uma zona rural, mas agora de grandes casas com o objetivo em parte de permitir o descanso dos proprietários, tal como as *villae* na época romana, tomando, durante o século XIX e XX, a forma de quintas apalaçadas que também se tornaram comuns em Benfica, arredores de localidades da atual Amadora<sup>139</sup>.

Algumas destas propriedades que são possíveis encontrar na Amadora são o Palácio da Porcalhota, também conhecida pela Fachada da Casa do Infantado, que fica na antiga Estrada Real

<sup>135</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 7.

<sup>136</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 9.

<sup>137</sup> Existindo outras separações, como por exemplo em Belas, com uma trifurcação que divide em três vias, uma para as Serras da Silveira, outra para a Serra da Mira, e outra via para Casal de Cambra.

<sup>138</sup> Vide Gisela Encarnação, *Amadora Rural*, [...], p. 7.

<sup>139</sup> Vide exposição temporária "FACES da Amadora" no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

e por essa razão era utilizada como Pousada tanto para realeza, como aristocratas nas suas deslocções entre a capital e Sintra ou Mafra<sup>140</sup>; a Quinta de São Miguel que é uma quinta oitocentista com um jardim, uma gruta e lago artificiais, também à beira desta mesma Estrada Real<sup>141</sup>; o *Chalet* Desidéria, que era um edifício residencial, projetado, em 1910-1911, por um arquiteto local, Guilherme Eduardo Gomes, que trabalhava para burguesia local<sup>142</sup>; a Quinta Grande da Damaia (atualmente conhecida como de Alfragide), datada do Século XVIII, também conhecida como Quinta dos Condes de Lousã, devido aos seus proprietários durante o século XIX, que olhava pela aldeia A-Da-Maia e os seus vários terrenos agrícolas, mas também com o seu próprio jardim privado acompanhando o palácio e uma pequena capela a Nossa Senhora da Conceição, já no século XX, o Padre Himalaia adquiriu a propriedade, que usou para experiências empíricas e científicas, antes de a vender para pagar dívidas no período em que os arredores da Quinta transformavam-se de campos agrícolas em zonas urbanas<sup>143</sup>. Para além destes exemplos mais significativos, ainda existiriam outras quintas no território.

A Porcalhota também se destacou com a construção de uma linha férrea ligando Lisboa-Sintra, com uma paragem ferroviária neste local, que levou à construção de tendas de comércio, casas de pasto, estalagem<sup>144</sup> e residências para a burguesia urbana que trabalhava em Lisboa<sup>145</sup> – isto levou a que paisagem fosse completamente alterada, abandonando a caracterização de “campos agrícolas, casas apalaçadas e povoamento escasso”<sup>146</sup>.

---

<sup>140</sup> Vide “Fachada da Casa do Infantado / Palácio da Porcalhota”, *Património Cultural. Direção-Geral do Património Cultural*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/11647332> (Consultado a 26/11/20)

<sup>141</sup> Vide “Quinta de São Miguel”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/765-outros-monumentos-qt-sao-miguel.html> (Consultado a 26/11/20)

<sup>142</sup> Vide “Chalet Desidéria”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém*. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=35892](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35892) (Consultado a 26/11/20)

<sup>143</sup> Vide Ana Celeste Glória, Catarina Diz de Almeida, Daniela V. De Freitas Simões, “Da Revitalização à Ruína — o caso paradigmático da Quinta Grande”, *Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospectiva*, Lisboa, Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, 2018, pp. 578-580.

<sup>144</sup> Vide Gisela Encarnação, *Amadora Rural*, [...], p. 9.

<sup>145</sup> Vide Gabriela Xavier, *Pela Estrada da Porcalhota*. Exposição Temporária, Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2013, p. 5.

<sup>146</sup> Vide “Fachada da Casa do Infantado / Palácio da Porcalhota”, [...]

A segunda metade do século XIX também levou à instalação da primeira associação do Município, a Sociedade Filarmónica de Recreios Artísticos, das primeiras escolas primárias e da capela, que, anualmente, organizava a festa em honra do Mártir S. Sebastião<sup>147</sup>.



Figura 7 – “Estação da Amadora no século XX”. In “Ficheiro:Vias&plataformasAmadoraCP(1940s).jpg”, Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vias%26plataformasAmadoraCP\(1940s\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vias%26plataformasAmadoraCP(1940s).jpg) (Consultado a 31/01/21)

Sendo assim, a Amadora foi a crescendo,

sendo este nome para a localidade começado a ser usado mais regularmente<sup>148</sup>. Contudo apenas em 1907, Amadora se tornou o nome geral para este local; por decreto do rei D. Carlos I, a pedido de padre Ferreira de Amaral, as localidades de Venteira, Porcalhota e Amadora passaram a ser agrupadas numa única freguesia<sup>149</sup>, chamada de Amadora<sup>150</sup>, que quatro anos depois, em 1911, tinha 3680 habitantes<sup>151</sup>.

Assim durante todo o século XX, o território da atual Amadora avança para além de um espaço rural para um centro industrial, localizado nos arredores da capital, tinha-se tornado um local bastante apelativo para a construção de fábricas<sup>152</sup>. Para além do crescimento industrial, também houve um investimento do comércio local<sup>153</sup>, inicialmente com pequenas lojas, mas

<sup>147</sup> Vide Gisela Encarnação, *Amadora Rural*, [...], p. 9.

<sup>148</sup> Outros nomes usados na localidade, que são reconhecidos ainda hoje também datam de estas de tempos mais antigos.

<sup>149</sup> Sendo neste período ainda uma freguesia de Benfica e não de Odivelas, como será mais tarde antes da sua independência como concelho.

<sup>150</sup> Vide *Diário da Assembleia da República. II Legislatura. 1ª Sessão Legislativa (1976-1977), I Série — Número 81*. 2 de Março de 1977, Lisboa, p. 2751.

<sup>151</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 2751.

<sup>152</sup> Vide exposição temporária “Faces da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>153</sup> Vide idem, *ibidem*.

passando a serem construídos grandes estabelecimentos durante as décadas de 60 e 70<sup>154</sup>, já que durante os 50 anos que tinham passado, a população teria aumentado para 47355 habitantes, isto em 1960<sup>155</sup>.

Enquanto o sector dos serviços continuou a crescer, o sector secundário teve uma “vida” mais curta na Amadora<sup>156</sup>. Teve os seus inícios com a Fábrica de Espartilhos Santos Mattos<sup>157</sup>, o sector continuou a crescer, e durante a década de 40 estabeleceu-se o núcleo industrial da Venda Nova<sup>158</sup>. A industrialização acaba por permitir também um aumento da população, com o povo do



Figura 8 – “Fábrica de Espartilhos Santos Mattos”. In “Exposição | Fábrica de Espartilhos Santos Mattos”, Amadora. Câmara Municipal. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/agenda.html?view=event&itid=176> (Consultado a 07/02/21)

interior do país, querendo melhores condições de vida, dirige-se para a metrópole à procura de melhores ofertas de trabalho, acabando a trabalhar em fábricas, construção civil ou até na Carris<sup>159</sup>. Este êxodo rural, tal como o movimento da população do centro de Lisboa para os subúrbios<sup>160</sup> leva à necessidade de uma rápida construção para habitação, levando a vários bairros clandestinos<sup>161</sup>.

<sup>154</sup> Vide *idem*, *ibidem*.

<sup>155</sup> Vide *Diário da Assembleia da República. II Legislatura. 1ª Sessão Legislativa (1976-1977), I Série — Número 81*. 2 de Março de 1977, Lisboa, p. 2751.

<sup>156</sup> Apesar do sector industrial ter-se apenas desenvolvido no século XX na Amadora; este mesmo século também viu o seu declínio.

<sup>157</sup> Começou como oficina ainda no século XIX, mas apenas se desenvolveu para uma grande indústria no início do século XX, com a produção de espartilhos, mas também de soutiens, cintas ortopédicas (para todos os géneros) e outros acessórios de moda feminina. Contudo no pós-Primeira Guerra Mundial, a produção de espartilhos diminuiu devido a uma simplificação do vestuário feminino. Para além da produção de roupa, a fábrica também ajudou na criação e arranjo de algumas peças de aviões durante as tentativas de aviação na Amadora.

<sup>158</sup> Vide exposição temporária “FACES da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>159</sup> Vide A. Morais, *op. cit.*, p. 121.

<sup>160</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 121

<sup>161</sup> Vide exposição temporária “FACES da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

Contudo com o crescimento demográfico e dos setores secundário e terciário, o sector primário tornou-se obsoleto na Amadora<sup>162</sup>, já que muitos dos campos tiveram de ser destruídos para permitir a construção de edifícios que respondessem às necessidades de espaço para os novos setores, mas também receber os novos habitantes com este *boom* populacional descrito anteriormente.

Em 1974, com o fim da ditadura e guerra colonial, começaram também a chegar à Amadora emigrantes de ex-colónias à procura de oferta de emprego e espaço para poder construir as suas próprias casas<sup>163</sup>, o que foi permitido pela Câmara Municipal de Oeiras, mas sem mecanismos legais de ordenamento do território, de forma a melhorar e garantir a integração dos recém-chegados<sup>164</sup>.

Apesar deste crescimento populacional e urbano, a elevação a concelho autónomo não foi imediata, existindo uma resistência a esta freguesia tornar-se um concelho, com o adiamento constante de construção de creches ou espaços verdes, que tornariam o local mais do que um dormitório<sup>165</sup>. Contudo em 1977, com 110200 eleitores<sup>166</sup>, foi aprovada a necessidade a elevação a concelho da zona da Amadora e iniciada a discussão da sua organização<sup>167</sup> e tendo finalmente a 11 de Setembro de 1979, a Amadora sido elevada a concelho, tal como foi expresso ao iniciar o capítulo anterior<sup>168</sup>.

---

<sup>162</sup> Vide *idem, ibidem*.

<sup>163</sup> Vide A. Morais, *op. cit.*, p. 123.

<sup>164</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 123.

<sup>165</sup> Vide *Diário da Assembleia da República. II Legislatura. 1ª Sessão Legislativa (1976-1977), I Série — Número 81*. 2 de Março de 1977, Lisboa, p. 2751.

<sup>166</sup> Uma estimativa de cerca de 200000 habitantes na sua totalidade.

<sup>167</sup> Vide *Diário da Assembleia da República. II Legislatura. 1ª Sessão Legislativa (1976-1977), I Série — Número 81*. 2 de Março de 1977, Lisboa, p. 2751.

<sup>168</sup> Vide A. Morais, *op. cit.*, p. 125.

## 4. Caracterização da Presença Romana: o Domínio da Lusitânia e o Destaque do Território de *Olisipo* e suas Envolvências

### 4.1. Domínio Romano na Lusitânia

Vários mitos contam a história do nascimento de Roma, e com a sua existência desde de cerca do século VIII a.C., o seu poder foi crescendo e a presença romana tornou-se marcante por toda a Europa, especialmente durante o século I a.C.<sup>169</sup> ao século V d.C.<sup>170</sup>. Este período corresponde ao Império Romano, que dominou grande parte do território a que chamamos atualmente Europa, Norte de África e Próximo Oriente, incluindo a Península Ibérica, a *Hispania*, da qual fazia parte a Lusitânia, que incluía a parte do norte, o centro e o sul do atual território português continental, mas também parte da *Extremadura* da atual Espanha.

Apesar da importância do Império Romano e da expansão do povo romano, já antes deste período, a existência de contactos com a *Hispania* era importante, facilitando a realização de trocas comerciais, inicialmente, e ao longo dos séculos facilitando a ocupação romana na península.

Assim, após o fim da Segunda Guerra Púnica<sup>171</sup>, poder militar começou por se localizar no litoral nordeste (lado oposto à Lusitânia), que atacava cidades de forma a adquirir riqueza<sup>172</sup>, mas também derrotar as chefes tribais que teriam ajudado os Cartaginenses<sup>173</sup>. Estas campanhas

---

<sup>169</sup> Contudo no Mediterrâneo é possível notar a sua presença desde o Séc. III a.C. no Mediterrâneo com as Guerras Púnicas, e desde meados do séc. II a.C. a sua presença foca-se na Grécia e na *Hispania*.

<sup>170</sup> Este século marca o fim do Império Ocidental, enquanto o Império do Oriente, com a sua capital em Constantinopla

<sup>171</sup> A Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.) foi a segunda de três guerras entre Cartago e Roma pela supremacia sob o mar Mediterrâneo, nas quais, entre outras disputas, a soberania em zonas da *Hispania* foi uma das questões da guerra.

<sup>172</sup> Vide Phillip James Meyers, *Developing Identities within Roman Iberia: Hybridity, Urbanism, and Economics in Southern Iberia in the Second and First Centuries BC*. A thesis submitted to the University of Birmingham for the degree of Doctor of Philosophy. Birmingham, June 2016, p. 116.

<sup>173</sup> Vide João Gouveia Monteiro, “As Guerras Púnicas”, *História de Roma Antiga. Volume I. Das Origens à Morte de César*. Coordenado por José Luís Brandão e Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 183.

militares também tornam possível um aumento do poder político para alguns indivíduos<sup>174</sup>, como por exemplo Cipião Africano que ao regressar a Roma é eleito cônsul, ganhando assim mais poder político, para além do poder militar<sup>175</sup>.



Figura 9 – “Império Romano durante o Impeério de Augusto”. In “File:Impero romano sotto Ottaviano Augusto 30aC - 6dC.jpg”, Wikipedia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Impero\\_romano\\_sotto\\_Ottaviano\\_Augusto\\_30aC\\_-\\_6dC.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Impero_romano_sotto_Ottaviano_Augusto_30aC_-_6dC.jpg) (Consultado a 31/01/21)

Desta forma tornou-se então possível criar uma rede de alianças que permitisse que estas cidades, servissem Roma como aliados<sup>176</sup>, garantido a prosperidade das próprias elites locais durante este semi-controlo romano, que poderia incluir necessidade do uso da força militar ou/e cobrança de impostos<sup>177</sup>. Assim este pós-guerra permite estabelecer Roma como uma força maior no Mediterrâneo<sup>178</sup>, com a criação de medidas que aumentavam a soberania romana, com o requerimento de exclusividade com mercados romanos ou alteração de rotas de forma a servir

<sup>174</sup> Vide Phillip James Meyers, *op. cit.*, p. 116.

<sup>175</sup> Vide João Gouveia Monteiro, *op. cit.*, p. 183.

<sup>176</sup> Vide Phillip James Meyers, *op. cit.*, p. 116.

<sup>177</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 118.

<sup>178</sup> Vide João Gouveia Monteiro, *op. cit.*, p. 197-198.

Roma melhor<sup>179</sup> – esta relação e rede de alianças permitiu estabelecer uma base de estabilidade de longa duração nos próprios territórios.

Contudo apenas em meados do século II a.C., começa a criação de cidades romanas permanentes na *Hispania*<sup>180</sup>, esta transição não é marcada por um momento, mas gradual, com o crescente domínio cultural de Roma, em grande parte da zona sul e este da *Hispania*, e assim a transição económica e política torna-se mais simples<sup>181</sup>. Desta forma a conquista da *Hispania*, mais tarde, foi facilitada com Roma já a exercer bastante influência na *Hispania*<sup>182</sup>.

#### 4.1.2. Vida Rural

Apesar das cidades terem sido essenciais para o crescimento da civilização da Península e da sua Romanização, com grandes cidades como *Emerita* (Mérida), *Pax Iulia* (Beja), *Scallabis* (Santarém), *Bracara Augusta* (Braga) e *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa)<sup>183</sup>, a vida do campo também foi crescendo, estando assim presente na Lusitânia sempre a dualidade do campo e da cidade. Para o sucesso da região foi essencial o estabelecimento de uma forma de comunicação entre o mundo rural e o mundo urbano, como por exemplo com a criação de vias terrestres, servindo *Olisipo* como um ponto central da rede, para além dos rios também serem frequentemente usados para transporte, especialmente o Tejo a caminho da capital<sup>184</sup>.

Esta comunicação e vasta rede de vias entre os dois aspetos da vida no Império Romano era essencial, já que cerca de 80-90% da população do Império Romano vivia em zonas rurais<sup>185</sup>,

---

<sup>179</sup> Vide Phillip James Meyers, *op. cit.*, p. 118.

<sup>180</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 117.

<sup>181</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 119.

<sup>182</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 118-119.

<sup>183</sup> Vide Jorge de Alarcão, *Portugal Romano*, Lisboa, Editorial Verbo, 1974, p. 65.

<sup>184</sup> Vide Alda Delicado, *Contributo para a caracterização do mundo rural olisiponense*. Dissertação de Mestrado de História Antiga, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011, p. 33.

<sup>185</sup> Vide Kim Bowes, *Rural Poverty in the Roman Empire*, Philadelphia, University of Pennsylvania, 2011, p. 1.

e esta parcela da comunidade tinha como uma das suas grandes funções produzir sustento e bens essenciais às cidades, nomeadamente com a produção de bens alimentares<sup>186</sup>.



Figura 10 – “Mapa das Vias na Hispânia”. In “Ficheiro:Hispania roads-pt.svg”, Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Hispania\\_roads-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Hispania_roads-pt.svg) (Consultado a 31/01/21)

Na Lusitânia, esta produção era variada, desde a produção agrícola, com diferentes produtos, tal como cereais, vinha e azeitona que faziam a “trilogia que hoje se designa de “dieta

---

<sup>186</sup> Vide André Carneiro, "Povoamento rural na Lusitania", *História de Roma Antiga. Volume II. Império Romano do Ocidente e Romanidade Hispânica*. Coordenado por José Luís Brandão e Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 453.

mediterrânica<sup>187</sup>”<sup>188</sup>, mas também hortaliças e outros legumes, ervas aromáticas e as árvores de frutos<sup>189</sup>, e para a pastagem, a produção de feno, trevo e tremoço<sup>190</sup>. Esta pastagem servia também como alimento para a exploração animal, desde o gado bovino, a cavalariça, asinino, muar, caprino, ovino, suíno e até de capoeira<sup>191</sup>. Apesar das evidências que a carne não era a base da alimentação, especialmente para toda a população, a criação de gado era uma das principais atividades rurais da Lusitana<sup>192</sup>. Esta produção era então vendida em mercados, nas grandes cidades como já mencionado, ao lado de cereais, linhos e lãs, por exemplo, que tinham relevo não só localmente, mas também importantes para serem exportados para outros espaços do Império<sup>193</sup>.

Esta produção agrícola estava normalmente associada às *villae*, propriedades agrícolas, mas também serviam de local de descanso e ócio aos seus proprietários<sup>194</sup>, com o campo, nos meses da primavera e verão, garantindo as oportunidades para o convívio que serviam também para consolidar “relações de amizade ou de aliança político-económica”<sup>195</sup>. Contudo a nível de produção, as *villae* também pretendiam a sua sobrevivência e alimentação independentemente, sendo assim possível encontrar nas suas propriedades desde moinhos, fornos, celeiros a estábulos<sup>196</sup> e teares.

Estas surgem nos finais do século I a.C, seguindo obviamente os “moldes arquitetónicos de Roma”<sup>197</sup>, e tornam-se mais comuns no território durante o século seguinte com a fundação das

---

<sup>187</sup> Contudo a dieta mediterrânica atual não seria igual à do período romano, com uma nova introdução de alimentos em séculos mais recentes, mas a presença de cereais, vinha e azeitona, como referidos, está presente nas dietas destes dois períodos.

<sup>188</sup> Vide Ana Sofia Lacerda Matias, *Povoamento rural romano e usos potenciais da terra em torno da capital da civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal)*. Dissertação de Mestrado de Arqueologia e Território, na área de especialização em Arqueologia Romana, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017, p. 36.

<sup>189</sup> Como macieiras, pereiras, figueiras e nogueiras.

<sup>190</sup> Vide Ana Sofia Lacerda Matias, *op. cit.*, p. 36.

<sup>191</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 39.

<sup>192</sup> Vide Jorge de Alarcão, *Portugal Romano*, Lisboa, Editorial Verbo, 1974, p. 105.

<sup>193</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 105.

<sup>194</sup> Vide José D’Encarnação, “*Villae Romanas*”, *Villae Romanas. Investigação e Inovação. The Roman Villae / Research and Innovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, Julho de 2020, pp. 14-15.

<sup>195</sup> Vide André Carneiro, *op. cit.*, p. 458.

<sup>196</sup> Vide Jorge Tomás Garcia, “Cultura material y cultura visual de las *villae* en el *ager* de Olisipo”, *Revista de Humanidades*, nº 33, Sevilha, 2018, p. 16.

<sup>197</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *A cerâmica comum da villa romana da Quinta da Bolacha (Amadora, Portugal)*. Dissertação de Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018, p. 26.

idades na *Hispania*<sup>198</sup>. As *villae* mais antigas aparentam ter sido localizadas no território alentejano, onde também é possível encontrar a maior quantidade das mesmas<sup>199</sup>, devido tanto à forte investigação arqueológica e ao facto da paisagem desta região ser semelhante ao que os romanos apelidavam de ideal<sup>200</sup>. Para além do Alentejo, no Algarve também foi possível encontrar várias *villae* romanas<sup>201</sup>, estas também existem na Beira Litoral e Estremadura, contudo menos ricas e densas<sup>202</sup>.

O século II e III d. C. apresenta uma continuação do crescimento dos espaços rurais, como por exemplo a *Villa Romana* da Quinta da Bolacha a surgir no século III d.C.<sup>203</sup>, mas também com a construção de termas e outros edifícios, e com uma maior atenção aos aspetos decorativos em edifícios habitacionais<sup>204</sup>, e durante o século IV d.C., vai se atingir o pico do esplendor decorativo nas residências rurais na *Hispania*<sup>205</sup>, tornando-se estas o centro da paisagem, já que as “sedes de poder do mundo público urbano em decadência”<sup>206</sup> se deslocam para outros locais, “pólos semi-privados, sejam as moradas urbanas (incluindo as da elite eclesiástica em ascensão) ou as residências no campo”<sup>207</sup>.

Mesmo com a mudança social nos séculos V e VI d.C., as *villae* acabam por se manter funcionais durante mais tempo do que os balneários nas suas proximidades<sup>208</sup>, mas perdem as suas características mais sociais ou ligadas ao ócio, tornando-se assim somente espaços de produção agrícola<sup>209</sup>.

---

<sup>198</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 26.

<sup>199</sup> Vide Jorge de Alarcão, *op. cit.*, pp. 107-108.

<sup>200</sup> Vide André Carneiro, *op. cit.*, p. 455.

<sup>201</sup> Vide Jorge de Alarcão, *op. cit.*, pp. 107-108.

<sup>202</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 108.

<sup>203</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 29.

<sup>204</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 26.

<sup>205</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 26.

<sup>206</sup> Vide André Carneiro, *op. cit.*, p. 264.

<sup>207</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 264.

<sup>208</sup> Vide Jorge de Alarcão, *op. cit.*, p. 107.

<sup>209</sup> Vide André Carneiro, *op. cit.*, pp. 264-265.

## 4.2. Domínio Romano no Território de *Olisipo*

Para além da importância da vida rural, a Lusitânia também tinha as suas cidades e apesar dos traçados urbanos e equipamento essenciais de *Olisipo* (e outras cidades lusitanas) serem semelhantes a cidades das províncias orientais, em escala as cidades nesta zona do mundo romano eram muito mais pequenas<sup>210</sup>. *Olisipo*, a capital marítima de Lusitânia<sup>211</sup>, destacava-se já com a sua História, sendo o nome da mesma uma referência ao herói Ulisses, sendo mito que o herói teria conhecido esta terra, isto teria como objetivo enaltecer a cidade dando-lhe um passado mais longínquo e marcante<sup>212</sup>.

Contudo cronologicamente é possível dizer que *Olisipo* já era procurada desde os meados do primeiro milénio a.C., com a presença dos navegadores fenícios e o desenvolvimento de algumas das mais relevantes cidades portuárias, essenciais para se facilitar as trocas comerciais<sup>213</sup>, mantendo assim os contactos com o mundo mediterrâneo, com portos abertos à navegação<sup>214</sup>.

Já os registos da presença romana nesta cidade datam do período republicano, no século II a.C., a cidade foi crescendo, tornando-se provavelmente a segunda maior da Lusitânia<sup>215</sup>, com cerca de 20000 habitantes, tendo em conta o tamanho da muralha romana e comparação com outras cidades, e as explorações arqueológicas e epígrafias não apontam nenhuma informação que desminta estes valores<sup>216</sup>.

---

<sup>210</sup> Vide Vasco Gil Mantas, “As Cidades Romanas de Portugal. Problemática Histórica e Arqueológica”, *História Antiga: Relações Interdisciplinares. Paisagens Urbanas, Rurais & Sociais*. Carmen Soares, José Luís Brandão & Pedro C. Carvalho (coords.), Imprensa da Universidade de Coimbra, [s.d], p. 25.

<sup>211</sup> Vide Museu Nacional de Arte Romano Mérida, “Conferencia ‘Carlos Fabião’ – Olisipo”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3zc0suCKgxI&t=29s> (Consultado a 05/11/20), minuto 6:32.

<sup>212</sup> Vide Carlos Fabião, “No Seio de Olisipo”, *31 Cordon Lisboa. Um edifício com história*. Eon – Indústrias Criativas, 2017, p. 24.

<sup>213</sup> Vide João Pimenta, “Os Contextos da Conquista. *Olisipo* e *Decimo Jvnio Bruto*”, *Cira. Arqueologia. Atas. Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo*, nº3, Vila Franca de Xira, dezembro de 2014, p. 46.

<sup>214</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 46.

<sup>215</sup> *Emerita Augusta* (Mérida) seria a capital da Lusitânia e a cidade mais habitada, com cerca de 50000 habitantes.

<sup>216</sup> Vide Vasco Gil Mantas, “População e mobilidade nas Cidades Romanas de Portugal”, *Cidade Antiga. Cidade Medieval*, Volume 2, I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 2012, p. 112.

A antiga organização urbana de *Olisipo* sofreu muitas transformações até aos dias de hoje, na qual esta antiga cidade forma a parte original da cidade a que chamamos Lisboa<sup>217</sup>. Em primeiro lugar, o porto da cidade continha uma linha de água atingindo cotas mais elevadas, ocupando as atuais Praças do Comércio e Praça do Município<sup>218</sup>, com uma frente ribeirinha maior, onde desaguava uma ribeira que corria ao longo da atual Avenida Almirante Reis e outra pela atual



Figura 11 – “Galerias Romanas, que pertenciam às Termas Romanas de Lisboa, da Rua da Prata”. In “Ficheiro:Galerias Romanas.jpg”, Wikiedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Galerias\\_Romanas.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Galerias_Romanas.jpg) (Consultado a 26/11/20)

Avenida da Liberdade.

*Olisipo* também era marcada com duas colinas<sup>219</sup>, a do atual Chiado e a, mais tarde conhecida como, do Castelo<sup>220</sup>. Esta última colina seria o local de origem da povoação na cidade, devido à sua posição estratégica, com “controlo visual da entrada da barra do

Tejo e do seu estuário, assim como, de toda a

margem sul e de boa parte dos vales que a circundam a norte”<sup>221</sup>, esta era também a zona onde normalmente residiam as elites da cidade, e onde houve uma implantação urbana e militar<sup>222</sup>.

---

<sup>217</sup> Como se sabe o traçado atual da cidade da Lisboa data da reconstrução de Marquês de Pombal após o trágico terramoto de 1755.

<sup>218</sup> Vide Carlos Fabião, “No Seio de *Olisipo*”, [...], p. 23.

<sup>219</sup> Estas duas colinas, em vez das tradicionais sete colinas que conhecemos hoje, já que o espaço da cidade era muito mais reduzido comparado ao que é hoje.

<sup>220</sup> Vide Carlos Fabião, “No Seio de *Olisipo*” [...], pp. 23-24.

<sup>221</sup> Vide João Pimenta, *op. cit.*, p. 47.

<sup>222</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 54.

A água estava também bem presente na vida de *Olisipo*, o oceano permitia um contacto com outras partes do império, enquanto o rio Tejo, com as suas águas calmas<sup>223</sup>, permitia um mais rápido movimento da mercadoria<sup>224</sup>, fazendo ligação com por exemplo *Scallabis* (Santarém) e outros dois portos<sup>225</sup> nesta direção<sup>226</sup>.

Como evidência deste comércio é possível encontrar um acervo considerável de moedas em Chões de Alpompe (Santarém), remontando maioritariamente para o período republicano, mas algumas que datam dos inícios do principado de Augusto, desta forma dá para evidenciar o uso da moeda durante estes períodos<sup>227</sup>; vestígios neste mesmo local também indicam uma produção local de armas e materiais de construção (como tijolos romboidais), também trocados e comercializados com *Olisipo*<sup>228</sup>.

Durante o governo de Augusto, procedeu-se à reorganização administrativa do Império, nomeadamente das províncias, com o objetivo de colocar em marcha um processo de uniformização destas mesmas províncias ocidentais<sup>229</sup>, no entanto *Olisipo*, já estando sob influências orientalizantes e romanas há mais tempo teve uma mais fácil adaptação<sup>230</sup>, já que não requereu uma mudança tão grande. Contudo foi necessária uma renovação urbanística da parte baixa da *urbe*<sup>231</sup>, esta mais perto do rio e do porto, desenvolvendo-se uma zona mais industrial

---

<sup>223</sup> Vide João Pimenta, *op. cit.*, p. 45.

<sup>224</sup> Estas redes de águas fluviais eram uma das mais valias da Lusitana, pois também se sucedia em outras fozes, como por exemplo na Figueira da Foz com saída do Mondego, em Alcácer do Sal com o Sado, em Mértola-C. Marim com o rio Guadiana, entre outras.

<sup>225</sup> Tal como os portos no Monte dos Castelinhos e no Porto do Sabugueiro.

<sup>226</sup> Vide Carlos Fabião, “Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica”, *Cira. Arqueologia. Atas. Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo*, nº3, Vila Franca de Xira, dezembro de 2014, p. 11.

<sup>227</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 13-14.

<sup>228</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>229</sup> Vide Maria Teresa Caetano, “«O Último Porto de Ulisses»: história, urbanismo e arte de Felicitas Iulia Olisipo”, *Revista de História de Arte*, Nº 4 – Cidades Portuguesas Património da Humanidade, 2007, p. 74.

<sup>230</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 76.

<sup>231</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 77.

para a produção de *garum*<sup>232</sup>, uma das principais mercadorias de *Olisipo*<sup>233</sup>, para além do fabrico de ânforas<sup>234</sup> e da produção de sal<sup>235</sup>.

Apesar de *Olisipo* se dedicar à pesca, era essencial da mesma forma um acesso a outros alimentos que formam uma alimentação variada<sup>236</sup>, como a pecuária, os vegetais ou por exemplo os cereais, por essa razão tornou-se essencial que com o crescimento das cidades, que também crescesse a exploração agrícola nos arredores<sup>237</sup>. *Olisipo* é assim mencionada por Plínio, o Velho, como tendo uma importante rede de tráfego e comércio devido ao seu mar aberto, mas também obtendo riqueza com a exploração de ouro e estava rodeada por boas áreas agropecuárias<sup>238</sup>.

No entanto as escavações e explorações destes locais não têm sido as mais comuns, havendo pouca informação existente<sup>239</sup>, devido à fragmentação dos achados encontrados, levando assim a que a exploração e interpretação seja mais complexa<sup>240</sup>. Apesar disso, sabe-se que a zona não urbana que servia a cidade era vasta e heterogénea<sup>241</sup> entre si<sup>242</sup>, desde as zonas rurais dos atuais concelhos de Loures, Amadora, Oeiras<sup>243</sup> ou Cascais. A produção rural deveria chegar “até às portas da cidade”<sup>244</sup> ou até penetrando algumas partes do seu interior<sup>245</sup>. Assim existem alguns lugares explorados<sup>246</sup>, existindo até 42 locais arqueológicos na zona da atual área metropolitana de Lisboa identificados como *villae*<sup>247</sup>, nomeadamente, os Povos em Vila Franca de Xira, que terá

---

<sup>232</sup> O *garum*, a par de outros produtos, era uma especialidade piscícola em forma de pastas ou molhos de peixe que servia para tempero culinário, mas também com uma forma de preservação do peixe durante mais tempo, especialmente em caso de transporte.

<sup>233</sup> Vide Maria Teresa Caetano, *op. cit.*, p. 77.

<sup>234</sup> Estas também usadas depois para transportar produto tal como o *garum*.

<sup>235</sup> Vide Maria Teresa Caetano, *op. cit.*, p. 89.

<sup>236</sup> Considerando sempre que uma alimentação variada não tem a mesma forma hoje que teria no período romano.

<sup>237</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 27.

<sup>238</sup> Vide Carlos Fabião, “No Seio de *Olisipo*” [...], pp. 24-25.

<sup>239</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 27.

<sup>240</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 27.

<sup>241</sup> A zona nos arredores de *Olisipo* tinha diferentes tipos de características e de solos, por exemplo solos basálticos mais propícios aos cereais, calcários mais para olivais ou pastagem, argilosos para jardim, e zonas como Sintra com um clima mais húmido permitia uma maior vegetação verde.

<sup>242</sup> Vide Jorge Tomás Garcia, *op. cit.*, p. 17.

<sup>243</sup> Vide Carlos Fabião, “No Seio de *Olisipo*” [...], pp. 38-39.

<sup>244</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 39.

<sup>245</sup> Vide *idem*, *ibidem*, pp. 38-39.

<sup>246</sup> No anexo 8.5. (“A Identificação das *Villae* Exploradas no Território de Lisboa”) é possível verificar a identificação de parte destes sítios arqueológicos num mapa do distrito de Lisboa.

<sup>247</sup> Vide Jorge Tomás Garcia, *op. cit.*, pp. 16-17.

sido ocupado desde o século I d.C. e em funcionamento até pelo menos ao século V d.C.<sup>248</sup>, aqui terá sido encontrado uma estrutura de cais e um local de habitação (mas o seu tipo não confirmado<sup>249</sup>)<sup>250</sup>; em Cascais, encontraram-se mesmo vestígios de uma *villa* romana com marcas de exploração agrícola em Freiria<sup>251</sup>. Em outro local, a *villa* romana do Alto da Cidreira, apresenta bastante espólio<sup>252</sup>, e outros achados em Casal do Clérigo, Miroiços e Vilares também aparentam fazer parte do que teriam sido uma *villae* romanas<sup>253</sup>. Em Sintra são encontrados vários “achados dispersos de cariz epigráfico”<sup>254</sup> por todo o concelho, mas também o que aparenta ser vestígios arqueológicos de *villa* romana sob uma capela em São Miguel de Odrinhas<sup>255</sup>; outros vestígios de exploração agrícola também foram encontrados em Torres Vedras<sup>256</sup>; e possíveis *villae* no Carvalho<sup>257</sup>, outras duas identificadas em Frielas<sup>258</sup>, para além da *villa* romana da Quinta da Bolacha na Amadora, que é central a este trabalho<sup>259</sup>.

---

<sup>248</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 27.

<sup>249</sup> Devido à sua localização numa zona rural, indica que possivelmente poderá se ter tratado de uma *villa*.

<sup>250</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 27.

<sup>251</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 27.

<sup>252</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 27.

<sup>253</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 27.

<sup>254</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 27.

<sup>255</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 27.

<sup>256</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 28.

<sup>257</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 28.

<sup>258</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 28.

<sup>259</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 28.

### 4.3. O Fim do Domínio Romano

A razão do fim do uso das *villae* e do seu abandono não é diferente das razões para o fim do domínio do império na *Hispania*, as migrações dos povos bárbaros<sup>260</sup> tiveram consequências, não devido a ataques, mas devido a uma transformação social e administrativa, com a instalação de novas comunidades nestes territórios com os seus próprios ideais e atividades, incluindo na própria agricultura<sup>261</sup>. Estas mudanças acabaram por levar a que *villae* fossem abandonadas, começando nos meados do século V d.C. e especialmente até ao séc. VI d. C., adaptando-se às novas influências políticas, mas continuando essencial a sua produção no médio rural<sup>262</sup>.

Contudo estas transformações culturais já podiam ser identificadas anteriormente à invasão de outros povos<sup>263</sup>, com o século III e a dinastia dos Severos (192-235) a marcar várias mudanças político-sociais<sup>264</sup>, tal como a fé no imperador como ser divino vindo a desaparecer, abrindo portas para outros cultos, quer a devoções “pagãs” do oriente<sup>265</sup>, ou também do oriente, como o Judaísmo e o Cristianismo<sup>266</sup>.

Durante a segunda metade do século III e início do século IV, houve algum crescimento em *Olisipo*, tendo sido descoberto indícios de investimentos no teatro de Lisboa tendo possibilitado reconstruções<sup>267</sup> e também uma inscrição que propõe uma remodelação das termas de Cássios em 336<sup>268</sup>. No entanto este crescimento não se manteve, quer devido a uma possível diminuição dos locais de exploração agrícola durante o século V a VII d.C. em comparação com séculos anteriores<sup>269</sup>, simultaneamente as trocas comerciais também sofreram<sup>270</sup>, com alterações

---

<sup>260</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 28.

<sup>261</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, pp. 28-29.

<sup>262</sup> Vide Jorge Tomás Garcia, *op. cit.*, p. 16.

<sup>263</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 29.

<sup>264</sup> Vide Maria Teresa Caetano, *op. cit.*, p. 92.

<sup>265</sup> Esta sendo por exemplo a veneração de Ísis e de Serápis, de Cíbele, os mistérios dionisíacos ou até o Mitraísmo.

<sup>266</sup> Vide Maria Teresa Caetano, *op. cit.*, p. 93.

<sup>267</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 95.

<sup>268</sup> Vide Museu Nacional de Arte Romano Mérida, “Conferencia ‘Carlos Fabião’ – *Olisipo*”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3zc0suCKgXI&t=29s> (Consultado a 05/11/20)

<sup>269</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 29.

<sup>270</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 29.

nas rotas comerciais já que um único porto não era capaz de servir as necessidades dos navios que chegavam à Lusitânia<sup>271</sup>.

Assim nestes séculos, os povos bárbaros vieram a instalar-se pelo império<sup>272</sup>, concorrentemente a Roma perdeu a sua soberania, e assim o Império não podia resistir, os Visigodos aliaram-se ao general romano Constâncio e lideraram juntos, até 585 quando os Visigodos conseguiram domínio de toda a península e “Roma perdeu [...] todo este vasto e rico território”<sup>273</sup><sup>274</sup>. Assim com um domínio Visigodo e Suevo na Península, nos fins do século VI e início do século VII, houve uma nova prosperidade, recuperando a produção do *ager* e *Olisipo* recuperou as “antigas rotas comerciais com o Oriente”<sup>275</sup>, a sua economia ergueu-se de novo, em parte devido a estas trocas comerciais, agora com uma junção de dos antigos valores romanos e os novos valores visigodos<sup>276</sup>.

---

<sup>271</sup> Vide Maria Teresa Caetano, *op. cit.*, p. 102-103.

<sup>272</sup> Na zona de *Olisipo* e arredores é possível encontrar em Cascais alguns exemplos de necrópoles deste período de transição, tal como a necrópole de Alcoitão e a necrópole de Casais Velhos.

<sup>273</sup> Vide Maria Teresa Caetano, *op. cit.*, p. 106.

<sup>274</sup> Vide *idem*, *ibidem*, pp. 105-106.

<sup>275</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 106.

<sup>276</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 106.

## 5. Vestígios Romanos no Território do Atual Concelho da Amadora

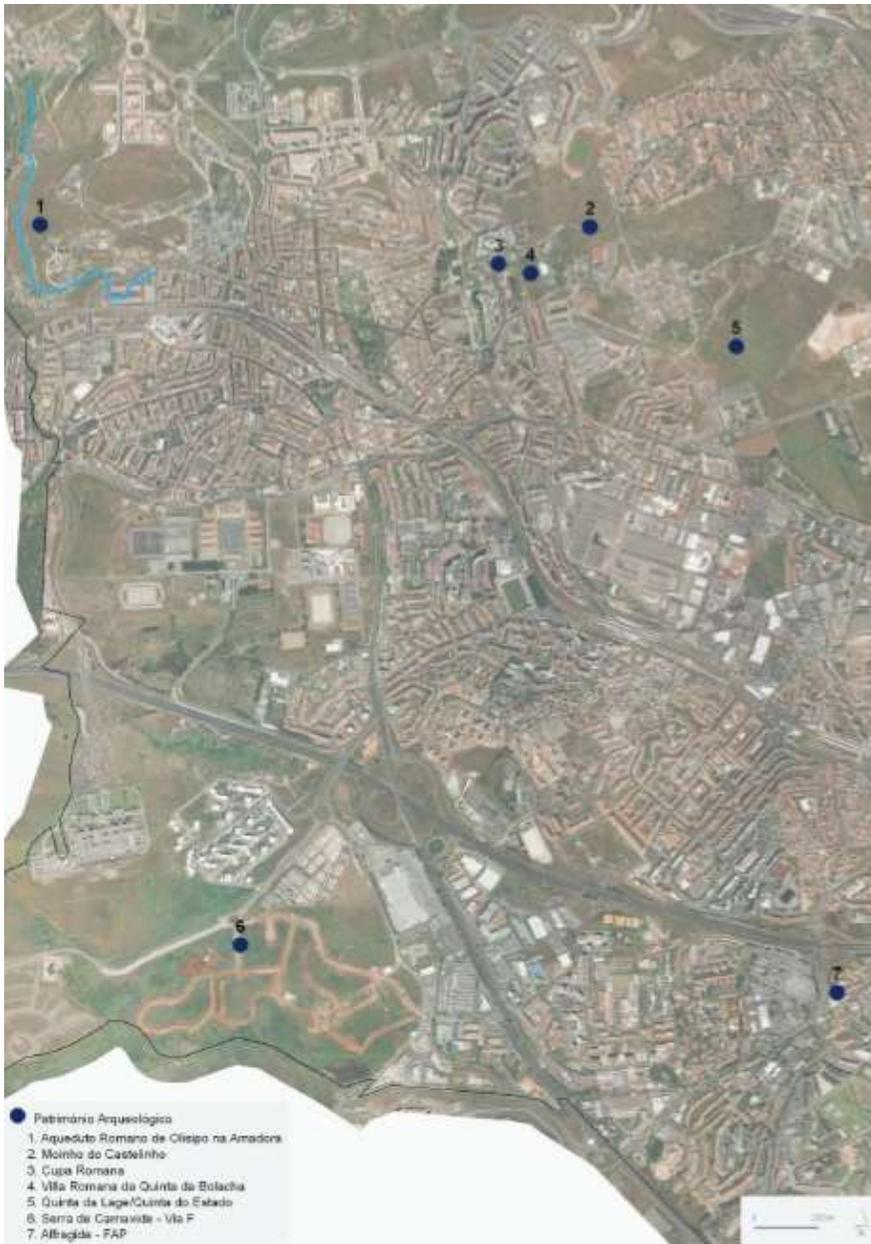


Figura 12 – " Levantamento Aerofotográfico de 2009 com a Identificação dos Sítios de Cronologia Romana Identificados na Amadora". In Gisela Encarnação, Vanessa Dias, "Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora", Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado de Arte, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2017, p. 178.

A atual Amadora, como foi possível ver em capítulos anteriores, foi um território que esteve perante domínio romano, por essa razão apresenta vários vestígios deste mesmo período, que têm sido explorados nos últimos anos, normalmente em seguimento de intervenções de emergência, tal como quando construções pretendem ser realizadas no local ou nas suas imediações, como será explorado adiante.

É possível encontrar estes locais arqueológicos por todo o atual concelho, e têm marcas do que teria sido um território rural, nos arredores da cidade de *Olisipo*, a atual Lisboa, que já no seu passado apresentava-se como um

centro urbano, especialmente um centro marítimo<sup>277</sup>, devido à sua posição privilegiada para o oceano permitia uma grande vida comercial, como já foi observado anteriormente.

O sítio arqueológico com maior relevo e importância na cidade é a *Villa Romana da Quinta da Bolacha*, uma das *villae* romanas encontradas na área metropolitana de Lisboa, junto com *villae* também existentes nos concelhos de Sintra e de Cascais<sup>278</sup>, por exemplo. O Aqueduto Romano é outro dos locais de relevo no concelho, já que era essencial para o abastecimento de *Olisipo*, transportando água para a capital das nascentes a norte. Alguns dos espaços mais pequenos e menos explorados são o espaço habitacional e necrópole no Moinho do Castelinho, a Serra de Carnaxide, entre outros.

---

<sup>277</sup> Vide Museu Nacional de Arte Romano Mérida, *op. cit.*.

<sup>278</sup> Como por exemplo, a *Villa Romana de Freiria* em Cascais ou o Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas em Sintra.

## 5.1. Villa Romana da Quinta da Bolacha

A *Villa* Romana da Quinta da Bolacha fica localizada na atual freguesia da Falagueira-Venda Nova<sup>279</sup>, numa área com base de origem basáltica<sup>280</sup>, mas também com alguns “aflorentos de calcário e marga”<sup>281</sup>. Os vestígios encontrados na *villa* aparentam pertencer à Antiguidade Tardia, apontando para a sua construção no século III, seguida também por uma fase de reconstrução e mais tarde o seu abandono no início do século IV<sup>282</sup>), mas também foram encontrados vestígios referentes ao domínio islâmico<sup>283</sup> em Portugal, e ao início do domínio Cristão<sup>284</sup>.

Em 2014, o investigador José Carlos Quaresma identificou quatro fases de ocupação<sup>285</sup>, tal como é possível verificar na tabela que se segue.

<b>Fases de Ocupação</b>	
Primeira Fase	270 a 300 d.C.
Segunda Fase	425 a 475 d.C.
Terceira Fase	fim do século V ao início do século VI d.C.
Quarta Fase	500 a 525 d.C.

<sup>279</sup> Vide “*Villa* Romana da Quinta da Bolacha”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/743-imoveis-de-interesse-publico-villa-r-qt-bolacha.html> (Consultado a 07/10/19).

<sup>280</sup> Vide Rodrigo Jorge Ferreira da Silva Lopes, *Análise de Perfil Biológico das Séries Osteológicas das Necrópoles de Casal de S. Brás e Serra de Carnaxide*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013, p. 2.

<sup>281</sup> Vide *idem*, *ibidem*, p. 2.

<sup>282</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado de Arte*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2017, p. 172.

<sup>283</sup> Por exemplo, com pode ser encontrado na exposição “Antes da Amadora”, uma “moeda árabe”.

<sup>284</sup> Informação presente da exposição “Antes da Amadora” sobre a História do território da Amadora, presente no Museu Municipal de Arqueologia da Amadora.

<sup>285</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 172.

A *Villa Romana* da Quinta da Bolacha foi primeiro descoberta em 1978<sup>286</sup>, por António Gonzalez e João Cravo<sup>287</sup>, com a descoberta de “alguns pedaços de tijolos romanos”<sup>288</sup>, mas também a presença de “pedras distribuídas por toda a zona 1 incluídas algumas delas, em muros”<sup>289</sup>, e ao longo desse ano foram encontrados mais vestígios perante o iminente crescimento urbano<sup>290</sup>.

Desde 1978, foram realizadas várias campanhas arqueológicas, em 1980, na primeira intervenção na zona não murada da quinta agrícola, sendo identificado um “tanque com canalização de chumbo e revestimento a *opus signinum*”<sup>291</sup>. Todavia, não houve sequência nos trabalhos realizados<sup>292</sup>, devido ao vandalismo causado nos vestígios arqueológicos<sup>293</sup>. Com a iminente construção de uma superfície comercial na zona tornou-se necessário uma série de sondagens de emergência<sup>294</sup>, realizadas pelo GAU (Gabinete de Arqueologia Urbana)<sup>295</sup>, assim o espaço foi dividido em cinco setores, sendo o trabalho focado no Sector I que seria a zona mais afetada pela a construção de um supermercado nas imediações<sup>296</sup>, sendo descobertos vários vestígios, tal como uma parede em pedra calcária (a qual ainda não possível identificar a que tipo de compartimento pertencia), mas no qual a parede conserva estuque na zona inferior nas cores de vermelho e cinzento<sup>297</sup>. Neste mesmo sector também foi encontrado bastante espólio, como “elementos de foice denticulados em sílex, inúmeros numismas romanos, portugueses e [...] um

---

<sup>286</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 37.

<sup>287</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 171.

<sup>288</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 37.

<sup>289</sup> Vide M. Barreto, *Estação Romana da Brandoa/ Falagueira*. Gabinete de Protecção de Património Cultural. Centro Cultural Roque Gameiro. Amadora, 1981, p. 1 apud Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 37.

<sup>290</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 37.

<sup>291</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 172.

<sup>292</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 37.

<sup>293</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 172.

<sup>294</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 37.

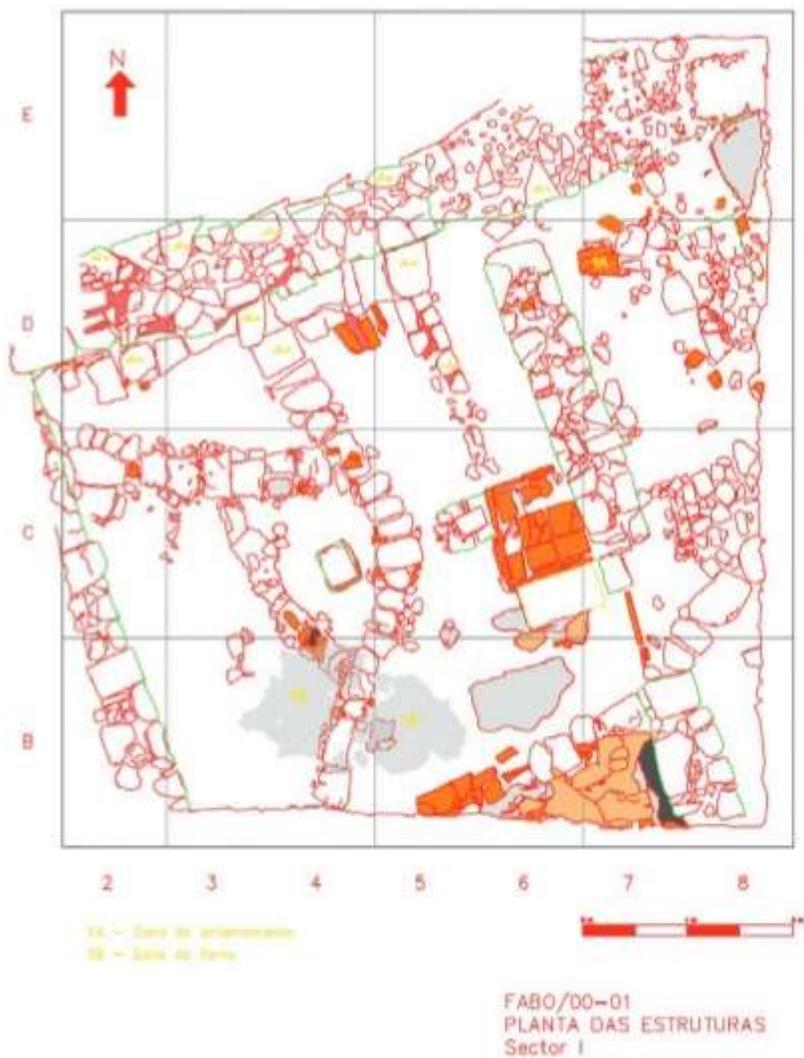
<sup>295</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 172.

<sup>296</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 172.

<sup>297</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 172.

islâmico”<sup>298</sup>, mas também cerâmica comum e fina, e elementos de construção, verificando assim o variado passado histórico da Amadora, com materiais da Idade do Bronze ao mundo Cristão<sup>299</sup>.

Com esta escavação arqueológica verificou-se a importância do sítio e a necessidade da



sua salvaguarda<sup>300</sup> e assim reformulou-se a implantação do edifício, para que fosse feita num espaço em que, através de sondagens arqueológicas, não foi possível verificar a existência de estruturas com importância arqueológica e patrimonial<sup>301</sup>. Com este objetivo estabelecido, também foi reduzido o espaço planeado para o estacionamento do estabelecimento comercial, pois tinham sido encontradas, na zona norte e noroeste, cinco estruturas, estas mal conservadas, devido à destruição dos alicerces da parede, contudo foi possível perceber que

Figura 13 – “Planta Geral do Sector I da Villa Romana da Quinta Bolacha”. In Gisela Encarnação, Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado de Arte, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2017, p. 179.

<sup>298</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 172.

<sup>299</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 172.

<sup>300</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, pp. 37-38.

<sup>301</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 172.

aparentemente uma das estruturas seria semelhante à encontrada no Sector I<sup>302</sup>.

Com as conclusões destas sondagens foi possível em 1996 requer o pedido de classificação da *villa*, segundo a alçada do IPPAR (atual DGPC)<sup>303</sup>, sendo então necessária a continuação dos trabalhos de forma a estudar o sítio, delimitar as suas estruturas<sup>304</sup> e interpretar as estruturas encontradas<sup>305</sup>. Iniciando-se a escavação do sector III<sup>306</sup> do qual se percebeu que não eram registos romanos, mas entulhos do século XVIII a XX, que tinham subjacentes vestígios romanos da segunda metade do século III d.C,<sup>307</sup>. Regressando ao sector I conseguiu-se delimitar os espaços e identificar uma lareira, contentores de armazenamento, ânforas, um par de mós, e até alguns objetos como agulhas e alfinetes de cabelo em osso. Assim este lugar aparenta ser uma cozinha, e possivelmente outro espaço antes de remodelação<sup>308</sup>. Já nas proximidades da lareira, de um período tardio, é possível verificar um enterramento de um neonato, sem espólio<sup>309</sup>, sendo assim feito num contexto doméstico<sup>310</sup>.

Em dezembro de 2003, com a necessidade de impermeabilizar o supermercado<sup>311</sup>, foram parcialmente destruídas estruturas romanas, mas após uma análise de emergência foi verificado que a destruição não foi irreversível como aparentava<sup>312</sup>, e foi seguido por um trabalho de limpeza<sup>313</sup>.

---

<sup>302</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 172.

<sup>303</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 38

<sup>304</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 38.

<sup>305</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 172.

<sup>306</sup> O sector III é localizado no topo norte do edifício.

<sup>307</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 172.

<sup>308</sup> Vide *idem, ibidem*, pp. 172-173.

<sup>309</sup> Vide *idem, ibidem*, p. 173.

<sup>310</sup> Vide Rodrigo Jorge Ferreira da Silva Lopes, *op. cit.*, p. 2.

<sup>311</sup> O mesmo supermercado anteriormente mencionado que despertou as sondagens iniciais, em 2003 com o crescimento das necessidades do estabelecimento foi necessário a realização de obras de impermeabilização de uma das paredes do espaço.

<sup>312</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 173.

<sup>313</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, pp. 39-40.

Após 16 anos de espera, a proposta de classificação foi aceite, assim a *villa* romana da



Figura 14 – “Exposição “Antes da Amadora” no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira – Vestígios Romanos da Villa Romana da Quinta da Bolacha”” (VERÍSSIMO; 2019)

Quinta da Bolacha foi classificada como Imóvel de Interesse Público pela Portaria n.º 740-DI/2012, de 24 de dezembro de 2012<sup>314</sup>, devido à “importância do bem do ponto de vista da investigação histórica e científica e ao seu interesse como testemunho de vivências ou factos históricos”<sup>315</sup>.

Em fevereiro de 2013, os técnicos do Museu Municipal de Arqueologia identificaram estruturas de pedra calcária aparelhada num caminho de terra batida na proximidade da *Villa Romana* da Quinta da Bolacha<sup>316</sup>. Seguiram-se então trabalhos de emergência em maio de 2014, agora no sector IX, no qual se verificaram “três contextos térreos”, “uma estrutura em forma de

abside<sup>317</sup>, de matriz regular, construída por pedras calcárias aparelhadas de média e pequena dimensão”<sup>318</sup>, unidas com argamassa, criando uma sala da *pars* urbana, com cerca de cinco metros de diâmetro<sup>319</sup>, que ainda não foi objeto de caracterização arqueológica.

<sup>314</sup> Vide Portaria n.º 740-DI/2012, de 24 de Dezembro. *Diário da República n.º 248/2012, 1º Suplemento, Série II de 2012-12-24*. Lisboa.

<sup>315</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>316</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *op. cit.*, p. 173.

<sup>317</sup> Também é possível encontrar estruturas em forma de abside na *villa Romana* de São Miguel de Odrinhas em Sintra, ou na *villa Romana* de São Cucufate e na *villa Romana* de Torre de Palma, por exemplo, nas quais o abside parece refletir a existência de um templo nas *villae*.

<sup>318</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 173.

<sup>319</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 173.

No ano seguinte, em 2015, foram desenvolvidas intervenções, com o intuito de preservar e limpar o local, mas também de valorizar o sítio arqueológico e o tornar mais apelativo a quem visita<sup>320</sup>.

Já em 2019 e 2020, foram feitas novas investigações<sup>321</sup> ao abrigo do projeto “PERA – Povoamento em Época Romana na Amadora”<sup>322</sup>, centradas no sector III, no qual existem estruturas num estado menos conservados, mas foi possível perceber da existência de um tanque *opus signinum*<sup>323</sup> e *opus caementicium*<sup>324</sup>, tal como vestígios que marcam o abandono de partes da *villa*<sup>325</sup>. Já nos sectores I e II, com a contratação da empresa Arrow 4D, foi possível, em julho de 2020, realizar uma prospeção geofísica que permitiu perceber a possível “existência de mais elementos pertencentes a esta *villa* no subsolo, ao longo dos mais de 3000 m<sup>2</sup> de área de dispersão dos vestígios”<sup>326</sup>.



De forma a facilitar a valorização, tem sido também feita a catalogação do vasto espólio cerâmico, em particular do sector I, já que é o sector que tem sido mais escavado, devido a

Figura 15 – “Ruínas da Villa romana da Quinta da Bolacha”. In “Villa romana da Quinta da Bolacha”, Câmara Municipal. Amadora. Cultura. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/675-villa-romana-da-quinta-da-bolacha.html> (Consultado a 09/12/2019)

<sup>320</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 41.

<sup>321</sup> Ao contrário das intervenções prévias, estas não tinham como sua origem o decorrer de trabalhos de emergências ligados a construções de edifícios nas proximidades.

<sup>322</sup> Este projeto pluridisciplinar teve início em 2017 e estendeu-se até ao início de 2021, com o objetivo de melhor compreender os dados recolhidos durante as escavações arqueológicas.

<sup>323</sup> Técnica de construção que utiliza argamassa misturada com pedaços pequenos de telha de forma a permitir a construção de estruturas.

<sup>324</sup> Técnica de construção que utiliza cimento para unir pedras de forma a permitir a construção de estruturas.

<sup>325</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, "Povoamento em época romana na amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar", *Arqueologia em Portugal. 2020 - Estado da Questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, 2020, p. 1362.

<sup>326</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 1362-1363.

parecer ser o local onde mais vestígios podem ser encontrados<sup>327</sup>. Este inventário pode ser encontrado na tese de Mestrado de Arlete Andrade Figueira, que tem sido mencionada ao longo deste trabalho. Neste mesmo registo é possível identificar particularidades formais da cerâmica encontrada<sup>328</sup>, mas também relacionados com a decoração ou até a sua própria função<sup>329</sup> em cerca de um total de 62 peças identificáveis<sup>330</sup>.

### 5.1.1. O Espaço da *Villa* na Sociedade

Na *Villa* Romana da Quinta da Bolacha tem se encontrado vestígios mais pequenos e dispersos, em parte devido às construções civis que foram feitas nestes terrenos. Enquanto estes vestígios ajudam a perceber o que teria sido a vida humana neste local e algumas das estruturas existentes, outra das mais valia no estudo de *villae* é as variadas fontes que existem as descrever as mesmas.

Podemos começar por descrever a *Villa* Romana como uma estrutura rural, com produção agrícola em seu redor, assim inserida no ambiente rural com a Amadora<sup>331</sup>, e com importância económica e paisagística<sup>332</sup>. Esta localização também garantia uma proximidade com fontes de água, permitindo um território bastante fértil. Também importante era a sempre presente ligação com a cidade<sup>333</sup>.

A construção de *villae* também tinha sempre atenção ao clima do local de construção, sendo no caso dos países do Sul, como seria o caso de Portugal, privilegiada a construção de *villae* com

---

<sup>327</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 43.

<sup>328</sup> Relacionado com formato (distinção entre formas abertas, como o prato ou alguidar, etc, e as formas fechadas, como tachos, o jarro, a bilha e outros), cozedura, material, cores, entre outros.

<sup>329</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, pp. 47-50.

<sup>330</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 57-102.

<sup>331</sup> Amadora foi um espaço rural durante grande parte da sua história, tendo apenas se desenvolvido como um centro urbano como se conhece hoje durante o século XX, tornando-se um espaço um espaço industrial, até hoje uma cidade dormitório, tal como foi explorado no capítulo 2 e 3. Algumas das evidências destas estruturas rurais ainda podem ser encontradas hoje pela Amadora, como com a Quinta Grande em Alfragide e o Moinho da Quinta Grande, ou a Quinta do Assentista na Falagueira-Venda Nova.

<sup>332</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, pp. 25-26.

<sup>333</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 25-26.

espaços abertos e tendo evitar demasiada exposição direta ao sol e calor (Vitr., 6.1.2)<sup>334</sup>, já que estes elementos teriam influência no desenvolvimento de toda a cultura do local, desde a produção agrícola, à própria constituição dos humanos<sup>335</sup>, segundo Vitruvius.

Para além da posição da casa, as suas fundações eram claramente importantes, sendo aconselhadas tanto paredes mais espessas como alicerces para certificar a posição ereta das paredes (Vitr. 6.8.1)<sup>336</sup>, sendo um dos métodos aconselhados o uso de um pilar de suporte (Vitr. 6.8.1)<sup>337</sup>, o material para a criação destas fundações também depende do local em si e as suas propriedades e características (Vitr. 6.8.9-10)<sup>338</sup>.

Na construção de uma *villa* agrícola era necessário considerar e garantir espaços próprios para tratar o que era criado, tal como divisões próprias para produzir e armazenar o azeite, cereais e outras produções (Vitr. 6.6.1)<sup>339</sup>, também aconselhado manter estes quartos longe da cozinha de forma a prevenir a possibilidade de incêndios (Vitr. 6.6.5)<sup>340</sup>.

Contudo para além do aspeto prático, também era importante considerar a simetria, que era permanente em toda a arte romana, incluindo na arquitetura, não só de grandes monumentos, mas também de casas privadas. Desta forma existia um grande cuidado pela proporção (Vitr. 6.2.1)<sup>341</sup>, tendo em conta também que nem sempre o que existe é interpretado da mesma forma pelo olhar, assim Vitruvius reconhece um interesse especial pela ilusão ótica (Vitr. 6.2.2-4)<sup>342</sup>.

---

<sup>334</sup> Vide Vitruvius, *The Ten Books on Architecture*. Translated by Morris Hicky Morgan, PH.D., LL.D. Late Professor of Classical Philology in Harvard University. With Illustrations and Original Designs. Prepared under the Direction on Herbert Langford Warren, A.M. Nelson Robinson Jr. Professor of Architecture in Harvard University. Cambridge & London, Harvard University Press & Oxford University Press, 1914, p. 170.

<sup>335</sup> Isto é, Vitruvius explica como o sol e o calor pode influenciar o corpo dos Homens, esclarecendo que por exemplo nos países mais a Sul são mais pequenos, de pele mais escura, cabelo encaracolado, pernas fortes, mas menos sangue, devido a menos humanidade, fazendo-os pior com uma espada. Enquanto a Norte os Homens são mais altos, de pele mais clara, com cabelo ruivo, olhos cinzentos e muito sangue devido à humanidade criada pela frescura da atmosfera (Vitr. 6.1.3-4).

<sup>336</sup> Vide Vitruvius, *op. cit.*, pp. 189-190.

<sup>337</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 189.

<sup>338</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 192.

<sup>339</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 184.

<sup>340</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 184-185.

<sup>341</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

<sup>342</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

Assim Vitrúvio também esclarece questões relacionadas com as próprias divisões da casa<sup>343</sup>, isto é a altura só deveria corresponder a uma parte da largura, esta sendo diferente de divisão para divisão, inclusive o *atrium*, o *tablinum* e peristilos (Vitr. 6.3.3-8)<sup>344</sup> – que seriam zonas, que no Sul, seriam mais provavelmente a céu aberto. A construção das próprias divisões também era influenciada pela posição do sol, sendo necessário que alguns espaços tivessem mais luz à noite, outros de dia, e mesmo também podendo depender das estações do ano (Vitr. 6.4.1-2)<sup>345</sup>. Também importante era a consideração dos espaços em relação a quem os habita, a distinção entre espaços privados para os donos da casa *versus* espaços mais abertos a outros frequentadores da casa (Vitr. 6.5.1-3)<sup>346</sup>, como seria do caso da Quinta da Bolacha, que deveria ter divisões mais na entrada da casa para receber outros (Vitr. 6.5.2)<sup>347</sup>.

No entanto também é preciso ter atenção com esta leitura, já que Vitruvius, o seu trabalho e este tratado são do século I a.C., enquanto a *villa*, como já exposto anteriormente, data da Antiguidade Tardia (século III e IV d.C), por isso nem todas as regras ou normas estabelecidas por Vitruvius serão ainda seguidas completamente 300 anos depois. Mas dessa mesma forma permite perceber algumas das necessidades a considerar na construção de um *villa*.

Por outro lado, Plínio, o Jovem, relata-nos mais a ideia da própria decoração destas habitações, que para isso usavam simbologia quer naturalista, por vezes ligada à sua própria localização, ou utilizando mais paisagens marítimas ou até fauna e flora mais exótica (quer do Egipto ou de Norte de África), mas para além da natureza, também os temas mitológicos eram um tema comum<sup>348</sup>. Nos arredores de *Olisipo*<sup>349</sup> esta decoração normalmente privilegiava o uso de mosaico, influenciado pelas relações comerciais com Itália e o Norte de África<sup>350</sup>, em material,

---

<sup>343</sup> Estas características também se prendem com as *domus*, as casas da aristocracia nas próprias cidades, mas eram reproduzidas nas *villae*, de forma a criar um espaço mais confortável para quem lá vive e não apenas um espaço de produção agrícola

<sup>344</sup> Vide Vitruvius, *op. cit.*, pp. 177-179.

<sup>345</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 180-181.

<sup>346</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 181-182.

<sup>347</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 182.

<sup>348</sup> Vide Manuel F. S. Patrocínio, “As *Cartas* de Plínio, o Jovem”, *Uma história de Jardins. A Arte dos Jardins. Na Tratadística e na Literatura*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal & Caleidoscópio, 2016, p. 18.

<sup>349</sup> Na *Villa* Romana de Oeiras e na *Villa* Romana de Granja dos Serrões foi possível encontrar estas decorações em mosaico.

<sup>350</sup> Vide Jorge Tomás Garcia, *op. cit.*, pp. 25-26.

mas também com o próprio desenho, usando formas geométricas e cores como branco e preto<sup>351</sup>, contudo isto não coloca de parte as descrições de Plínio, o Jovem, sendo também possível encontrar motivos ligados à natureza nos arredores de *Olisipo*<sup>352</sup>, como por exemplo na *villa* romana de Rabaçal<sup>353</sup> ou na *villa* romana do Rio Maior<sup>354</sup>.

Esta conexão com a natureza acaba por estar sempre ligada a este ser um tipo de habitação que não é urbana, mas sim rural, ou de montanhas ou da costa marítima, a ideia que acaba por conectar com a terra<sup>355</sup> e com a ideia de procurar melhores ares, mais puros e saudáveis<sup>356</sup>. Contudo por vezes, como no caso da *villa* da Quinta da Bolacha, existe também uma preocupação com a sua proximidade com a cidade<sup>357</sup>, normalmente associado à própria função do dono da *villa*, mas também uma procura por isolamento e descanso<sup>358</sup>, ao contrário da *dominus* (a casa na *urbs*) que tem um objetivo mais definido de responder às necessidades e não tem tanto em mente as comodidades<sup>359</sup>.

Este descanso e relaxamento vai acabar por ser também representado pela importância dos jardins nas *villae*, que eram observados como uma zona de reflexão e que podiam ter a sua própria espécie de esplanada (*xystus*)<sup>360</sup>, nestes jardins estão presentes várias plantas e aromas, que podem ser mais locais ou mais exóticos<sup>361</sup>, como figos e amoreiras<sup>362</sup>. Esta organização dos jardins e também o uso de arte, quer no jardim ou no seu interior também é uma representação da

---

<sup>351</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 25-26.

<sup>352</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 26.

<sup>353</sup> Vide Miguel Pessoa, “Mosaicos da *Villa* Romana do Rabaçal, Penela, Portugal: Prelúdio de Arte Bizantina?”, *Revista de História da Arte*, nº3 – Iconografia – Imagens e Interpretações, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, 2007, pp. 87-88, 90-91.

<sup>354</sup> Vide “*Villa* Romana de Rio Maior”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém*. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=27108](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27108) (Consultado a 25/02/21)

<sup>355</sup> Vide Manuel F. S. Patrocínio, *op. cit.*, p. 23.

<sup>356</sup> Vide Plínio, o Jovem, *Letters of Pliny*. Translated by William Melmoth. Revised by F.C.T. Bosanquet. United States of America, Project Gutenberg, [s.d], p. 92.

<sup>357</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 44.

<sup>358</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 48.

<sup>359</sup> Vide André Carneiro, “A *villa* romana, entre a construção literária e a realidade construída”, *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 27, Córdoba, 2016, p. 79.

<sup>360</sup> Vide Manuel F. S. Patrocínio, *op. cit.*, p. 22.

<sup>361</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 19-21.

<sup>362</sup> Vide Plínio, o Jovem, *op. cit.*, p. 46.

“identidade estética”<sup>363</sup> – quer através de arte<sup>364</sup>, sendo os Murais de Pompeia bastante conhecidos, tendo eles ficado “presos no tempo” devido ao desastre da erupção do Vesúvio, quer com estes jardins que também eram uma forma de exibir o estatuto do senhor da *villa* e mostra o privilégio social<sup>365</sup>. Os revestimentos ou colunas em mármore era outro dos exemplos dados para o embelezamento da *villa*, e uma exaltação do privilégio social, cultivando um quotidiano preso com visitas de outros à propriedade e cultivando o interesse pela escrita e leitura<sup>366</sup>.

Apesar deste aspeto social da *villa*, esta também era um local de produção agrícola como terá sido exposto anteriormente, usando trabalho servil e escravo<sup>367</sup>, neste setor o “pragmatismo e funcionalidade”<sup>368</sup> é utilizado ao máximo de forma a produzir lucro económico significativo especialmente sendo a agricultura uma fonte de rendimentos mais fiel<sup>369</sup>, dependendo da dedicação<sup>370</sup>. Para além do trabalho nos campos, era sempre necessário espaço para armazenar produto (sobre o qual Vitruvius nos dá alguns conselhos sobre como organizar), mas também um espaço habitacional era essencial quer para o senhorio, mas também para os trabalhadores<sup>371</sup>.

Este olhar sobre estas duas fontes do período romanas, o *Tratado de Vitruvius* e as *Cartas de Plínio, o Jovem*, ajuda-nos um pouco a perceber como eram vistas as *villae*, desde a sua conceptualização e construção, como na forma em que eram aproveitadas pelos seus donos. Com a inclusão desta secção, eu tento permitir um olhar para o que teria sido a vida na *Villa* da Quinta da Bolacha, as considerações com a sua construção num ambiente rural, e o que teriam sido as suas necessidades e funções durante os séculos III ao IV d.C.

---

<sup>363</sup> Vide Manuel F. S. Patrocínio, *op. cit.*, p. 23.

<sup>364</sup> Vide Plínio, o Jovem, *op. cit.*, p. 61.

<sup>365</sup> Vide Manuel F. S. Patrocínio, *op. cit.*, p. 23.

<sup>366</sup> Vide André Carneiro, “A *villa* romana, entre a construção literária e a realidade construída”, [...], p. 89.

<sup>367</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 25.

<sup>368</sup> Vide André Carneiro, “A *villa* romana, entre a construção literária e a realidade construída”, [...], p. 80.

<sup>369</sup> Mais fiel em comparação com trocas comerciais ou negócios financeiros, que estavam dependentes na honestidade de outros.

<sup>370</sup> Vide André Carneiro, “A *villa* romana, entre a construção literária e a realidade construída”, [...], p. 80.

<sup>371</sup> Vide Arlete Andrade Figueira, *op. cit.*, p. 25.

## 5.2. Aqueduto Romano

O Aqueduto Romano também é um dos outros importantes elementos patrimoniais desta época. Este permitia o abastecimento de água à cidade de *Olisipo* (Lisboa), o que era essencial, pois ao contrário de outros rios, o rio Tejo na zona de *Olisipo* era de água salgada<sup>372</sup>. O aqueduto tinha início na Barragem Romana de Belas, no vale da Ribeira de Carenque (Sintra)<sup>373</sup>, estendendo-se por três atuais concelhos. Os vestígios encontrados na Amadora, estão na freguesia da Mina de Água, a uma curta distância da *Villa* Romana da Quinta da Bolacha, apenas 1200 metros de distância<sup>374</sup>.

Ao contrário da *villa* próxima desse local, existem registos da existência do aqueduto e da barragem romana mais antigos, estes terão sido mencionados por Francisco d’Holanda em 1571<sup>375</sup>, como irei explorar mais adiante. Contudo a sua descoberta moderna, tal como a *Villa* Romana da Quinta da Bolacha, aconteceu em 1979<sup>376</sup>, na qual foram encontrados “vestígios de canalizações de chumbo,

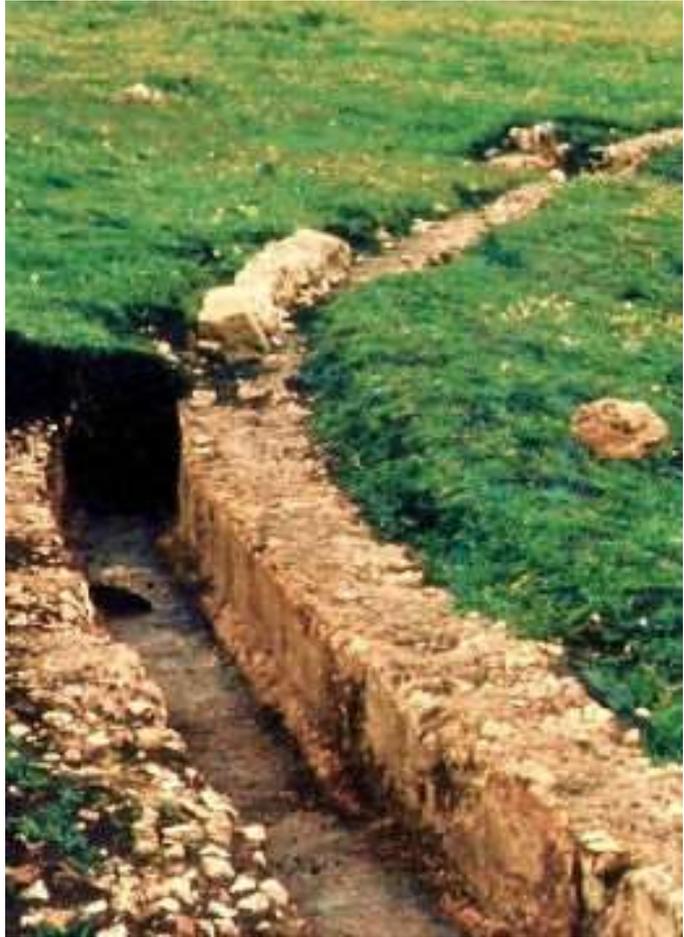


Figura 16 – “Aqueduto Romano”. In “Aqueduto Romano”, Câmara Municipal. Amadora. Cultura. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/744-imoveis-de-interesse-publico-aq-romano.html> (Consultado a 09/12/2019)

<sup>372</sup> Vide “Aqueduto das Águas Livres, Lisboa” (2018), *Visitas Guiadas* (2014–). Autoria Paula Moura Pinheiro. RTP – Rádio e Televisão de Portugal: Portugal [App online]

<sup>373</sup> Vide “Aqueduto Romano”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/744-imoveis-de-interesse-publico-aq-romano.html> (Consultado a 07/10/19)

<sup>374</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>375</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

<sup>376</sup> Vide “Aqueduto Romano”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. [...]

caleiras de alvenaria e fundos de tanque”<sup>377</sup>. Seguiram-se de trabalhos arqueológicos em 1992 que permitiram identificar catorze troços e projetar uma reconstrução do aqueduto<sup>378</sup>, e de momento



Figura 17 – “Ruínas da Barragem Romana de Belas (muro ao fundo) e Caixas de Água Modernas”. In “File:Barragem romana Belas1.JPG”, Wikipedia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Barragem\\_romana\\_Belas1.JPG](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Barragem_romana_Belas1.JPG) (Consultado a 06/02/21)

está em vias de classificação como um imóvel de interesse público desde 2012<sup>379</sup>.

A construção do aqueduto aproveitou o desnível do terreno e a gravidade (um declive médio de 0,15%<sup>380</sup>), e foi construída em *opus caementicium*, possuindo uma caleira de forma retangular, com um interior revestido com *opus signinum* e rodapés em meia-cana dos dois lados<sup>381</sup>.

Como referido anteriormente, o Aqueduto Romano não está contido apenas às delimitações do concelho da Amadora, assim começa na Barragem Romana de Belas, data do século III d. C.<sup>382</sup>, que teria uma capacidade de água retida de 125000m<sup>3</sup><sup>383</sup>, atualmente apesar de parte da parede ainda estar intacta, com oito metros da parede em altura<sup>384</sup> (poderá ter

<sup>377</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>378</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, [...], p. 174.

<sup>379</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>380</sup> Vide Maria Pilar Miguel dos Reis, *op. cit.*, p. 260.

<sup>381</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, [...], pp. 174-175.

<sup>382</sup> Vide “Ruínas da antiga barragem romana donde partia um aqueduto para *Olisipo*”, Património Cultural. Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69751/> (Consultado em 02/11/20)

<sup>383</sup> Vide José Manuel de Mascarenhas, Francisco Bilou, Nuno Sousa Neves, “O aqueduto romano de *Olisipo*: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica,” *Revista Portuguesa de História*, nº 43, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2012, p. 255.

<sup>384</sup> Estes 8 metros acabam por ser um dos poucos exemplos conservados no território do antigo Império Romano.

sido mais alta<sup>385</sup>), com sete metros de largura e quinze metros e meio de comprimento<sup>386</sup>. Do aqueduto pouco mais está conservado<sup>387</sup> devido ao traçado ter sido reaproveitado para o Aqueduto das Águas Livres e por essa razão ter sido destruída grande parte da passagem romana<sup>388</sup>, e mais recentemente devido ao contínuo crescimento urbano<sup>389</sup>.

Esta água alimentaria as *villae* nas imediações<sup>390</sup>, e seguiria também para *Olisipo*, um centro urbano, mais habitado e com maior relevo na Lusitânia, para isso seguiam-se cerca de 10 km de linha de água<sup>391</sup>, até às portas de Santo André e São Roque<sup>392</sup>, com um limite máximo do caudal estimado em 6400m<sup>3</sup>/dia<sup>393</sup>. No artigo “O aqueduto romano de *Olisipo*: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica”, mencionado ao longo deste subcapítulo, é possível verificar duas imagens indicando um possível



Figura 18 – “Aqueduto Romano - Zona 8”. In Gisela Encarnação, Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, *Arqueologia em Portugal*. 2017 – Estado de Arte, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2017, p. 181.

circuito do Aqueduto Romano. Numa primeira imagem, marca o percurso desde o início do Aqueduto até aos seus pontos de destino, às portas de Santo André e São Roque, num mapa de

<sup>385</sup> Vide “Ruínas da antiga barragem romana donde partia um aqueduto para *Olisipo*”, [...]

<sup>386</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>387</sup> Vide Maria Pilar Miguel dos Reis, *De Lusitaniae Urbim Balneis. Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Volume I. Tese de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014, p. 260.

<sup>388</sup> Vide “Ruínas da antiga barragem romana donde partia um aqueduto para *Olisipo*”, [...]

<sup>389</sup> Vide Maria Pilar Miguel dos Reis, *op. cit.*, p. 260.

<sup>390</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>391</sup> Vide Maria Pilar Miguel dos Reis, *op. cit.*, p. 260.

<sup>392</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 260.

<sup>393</sup> Vide José Manuel de Mascarenhas, Francisco Bilou, Nuno Sousa Neves, *op. cit.*, p. 255.

elevações<sup>394</sup>, incluído adiante (figura 19); e numa segunda imagem, um trecho mais pequeno do aqueduto, já mesmo na zona de Lisboa até aos seus destinos, assinalado num mapa de satélite, na qual é possível observar as habitações locais<sup>395</sup>.

Para além do aqueduto a entrar em *Olisipo*, havia também outras formas de alimentar a cidade, sendo possível verificar a existência de poços, canais e até nascentes na zona ribeirinha<sup>396</sup>. Estes serviam tanto para o uso individual como para alimentar outros locais essenciais na cidade, tal como a estatuária e fontes no Rossio, através do Ramal de S. Roque que liga às bacias no Rossio<sup>397</sup>. Todavia o aqueduto também servia as termas públicas<sup>398</sup>, tal como as Termas dos Cássios, que teriam sido importantes em *Olisipo*, tendo em conta o seu tamanho e preocupação com o seu cuidado, tendo até sofrido remodelações em 336 d.C.<sup>399</sup>. O aqueduto também alimentaria o poço das Águas Santas, possivelmente parte de umas termas, de acordo com José Manuel de Mascarenhas, Francisco Bilou e Nuno Sousa Neves, e que teria supostamente um poder curativo perante à alçada de Esculápio, divindade ligada à saúde e medicina, era um local bastante apelativo<sup>400</sup>. Contudo o aqueduto também poderia servir fontes em casas privadas<sup>401</sup> e algumas termas privadas, normalmente mais pequenas<sup>402</sup>

Estes locais deveriam ter sido alimentados por diferentes canais, já que segundo Vitrúvio, o tanque da cidade teria três divisórias, uma que servia as fontes, outra os banhos, e finalmente a terceira que servia os privados, garantindo um sistema próprio para não colocar em causa o abastecimento público e facilitar a cobrança de impostos (Vitr. 8.6.1-2)<sup>403</sup>.

Enquanto os aquedutos são frequentemente na superfície terrestre, a existência de elevações no terreno pode levar à necessidade que estes sejam subterrâneos durante parte do percurso, de

---

<sup>394</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 261.

<sup>395</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 262.

<sup>396</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 244.

<sup>397</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 248-249.

<sup>398</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 248.

<sup>399</sup> Vide Museu Nacional de Arte Romano Mérida, *op. cit.*, min 18.

<sup>400</sup> Vide José Manuel de Mascarenhas, Francisco Bilou, Nuno Sousa Neves, *op. cit.*, p. 248.

<sup>401</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 249.

<sup>402</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 244-245.

<sup>403</sup> Vide Vitruvius, *op. cit.*, p. 244.

forma a de melhor maneira aproveitar o declive (Vitr. 8.6.1-3)<sup>404</sup>, e sendo possível encontrar registo de canos subterrâneos do Aqueduto Romano em Lisboa é possível que esta tenha sido uma necessidade para a construção do mesmo. Já em termos de material, nestas construções pode ser usada a alvenaria, o cobre ou o barro, sendo o último o mais barato e mais fácil de adquirir (Vitr. 8.6.1,4-10)<sup>405</sup>, eram necessárias mais precauções para garantir que a força da água não rebentasse com estes e destruísse a forma de distribuição da água (Vitr. 8.6.6,9-10)<sup>406</sup>, outra forma de garantir que isto não acontecesse era que na nascente a água entrasse devagar e aos poucos (Vitr. 8.6.9)<sup>407</sup>.

O uso deste conhecimento como forma de abastecimento de água não se manteve com o fim do domínio romano na cidade e assim levou ao fim do funcionamento do aqueduto. Contudo

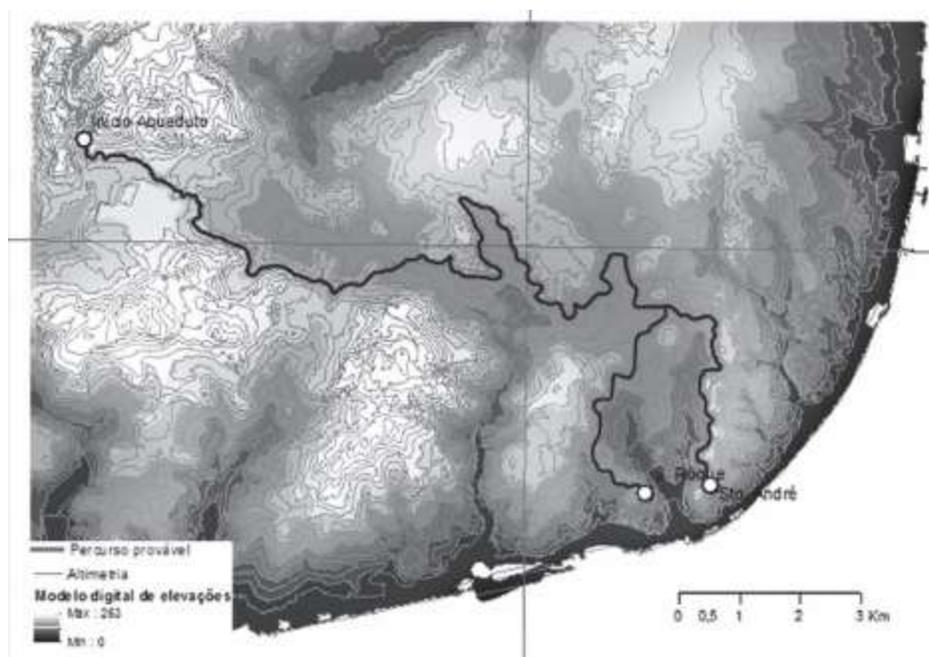


Figura 19 – "Percurso Possível do Aqueduto Romano da autoria de Nuno Neves (2012)". In José Manuel de Mascarenhas, Francisco Bilou, Nuno Sousa Neves, "O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica," Revista Portuguesa de História, nº 43, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2012, p. 261.

a estrutura do mesmo manteve-se durante a Idade Média<sup>408</sup>, devido à existência de um interesse e fascínio por construções monumentais e a sobrevivência das estruturas<sup>409</sup>, este empenho em manter estes locais vivos também permanece com o desejo de

<sup>404</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 244.

<sup>405</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 244-246.

<sup>406</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 246.

<sup>407</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 246.

<sup>408</sup> Neste caso refiro-me apenas à estrutura física do aqueduto, durante o início da Idade Média já nenhum aqueduto romano estava em funcionamento na *Hispania*.

<sup>409</sup> Vide José Manuel de Mascarenhas, Francisco Bilou, Nuno Sousa Neves, *op. cit.*, pp. 249-250.

existir uma lembrança e memória do passado urbano<sup>410</sup>.

O início do Renascimento marca igualmente o desejo da recuperação do funcionamento destas estruturas por todo o país<sup>411</sup>, algumas com mais sucesso do que outras<sup>412</sup>. Em Lisboa, D. João III foi o primeiro rei a atender propostas<sup>413</sup>, que planeavam a reconstrução do aqueduto para que seja funcional e trouxesse água para a cidade, nomeadamente ao Rossio e à Ribeira de onde partiam as naus para a Índia<sup>414</sup>, mas as tentativas continuaram, mas não possível a recuperação do traçado prévio total, ao longo do domínio filipino, foram feitas várias outras propostas de percurso<sup>415</sup>. Contudo não houve realização desta reconstrução do aqueduto romano, mas as suas fundações foram usadas na raiz do percurso que coincide com a construção do Aqueduto das Águas Livres no século XVIII<sup>416</sup>.

---

<sup>410</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 250.

<sup>411</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 250.

<sup>412</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 250-252.

<sup>413</sup> O Infante D. Luís encarregou-se deste plano, trabalhando com o arquiteto Francisco de Holanda, de forma a construir um possível aqueduto.

<sup>414</sup> Vide José Manuel de Mascarenhas, Francisco Bilou, Nuno Sousa Neves, *op. cit.*, p. 252.

<sup>415</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 253-254

<sup>416</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 255.

## 5.3. Outros Vestígios Romanos no Território do Concelho da Amadora

### 5.3.1. Espaço Habitacional e Necrópole no Moinho do Castelinho

O Moinho de Castelinho foi identificado pela primeira vez como um espaço arqueológico nos anos 60 no século XX por António dos Santos Coelho<sup>417</sup>, que viu perto do moinho, o que era, aparentemente fragmentos de ossos e possíveis marcas de um cemitério, no qual também existem pedaços de barro e moedas de cobre<sup>418</sup> – os vestígios encontrados durante este período eram ocasionais e acidentais, normalmente consequências devido a trabalhos agrícolas<sup>419</sup>.

A exploração arqueológica deste local continuou a ser esporádica, com dificuldade em obter autorização do proprietário. Dessa forma, explorações arqueológicas foram levados a cabo associadas a outras necessidades de uso do



Figura 20 – "Exposição Temporária "Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho" – Fotos de Vestígios encontrados em Escavações" (VERISSIMO; 2019)

<sup>417</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, "Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora", [...], p. 173.

<sup>418</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 173.

<sup>419</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 173.



Figura 21 – "Exposição Temporária Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho – Vestígios encontrados que datam do século IV d.C." (VERISSIMO; 2019)

espaço, como em 2009, na construção de uma ciclovia, foram desvendados fragmentos de cerâmica *terra sigillata*, de uma *lucerna*, de tégulas, de cerâmica comum e fauna<sup>420</sup>. Entre outubro de 2011 e janeiro de 2012 foram realizadas as primeiras sondagens, nas quais foi possível confirmar a fixação de população, com a descoberta de um enterramento, uma estrutura e um empedrado<sup>421</sup>, também é possível perceber que houve uma reocupação no século XVIII<sup>422</sup>. Dos enterramentos é possível perceber que nem todos remontam ao período romano, contudo durante os anos que se seguiram, foi possível encontrar mais duas sepulturas que remontam a este período, mas também outras três mais posteriores, e outras mais 12 sepulturas, das quais não foi possível

<sup>420</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

<sup>421</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

<sup>422</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

identificar idades, sexo ou cronologia<sup>423</sup>. Também foram encontrados vestígios de ocupação do período romano republicano na Amadora, algo que não teria havido registo na cidade

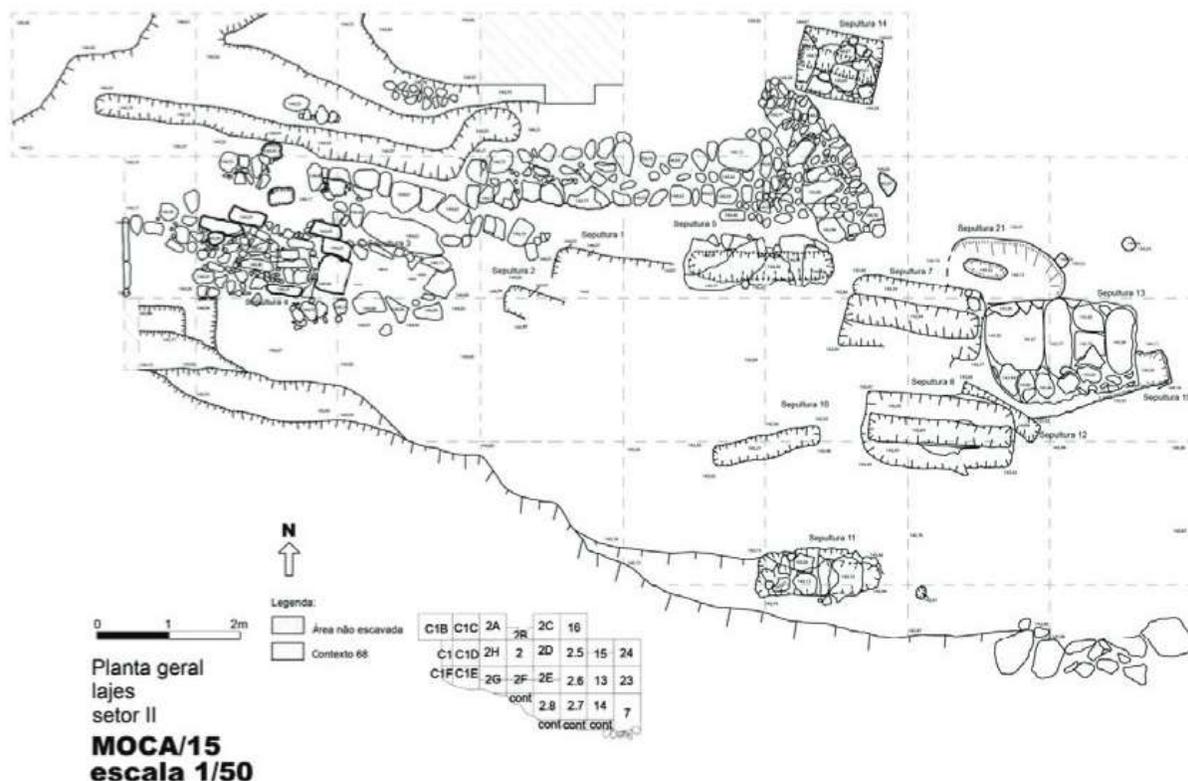


Figura 22 – “Planta Geral do Sector II do Sítio Arqueológico do Moinho do Castelinho”. In Gisela Encarnação, Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado de Arte*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2017, p. 180.

anteriormente<sup>424</sup>.

Em 2015, a escavação arqueológica continuou tanto no espaço habitacional como na necrópole. Sendo agora garantida uma melhor delimitação do espaço da zona habitacional, e identificado como pertencendo ao período entre o século I a.C a século I d.C.<sup>425</sup>, mais tarde foi possível também encontrar evidências de material anterior, possivelmente da Idade de Ferro<sup>426</sup>. Para além dos vestígios como cerâmica fina de mesa, ânforas, lucernas e outra cerâmica de uso

<sup>423</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

<sup>424</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

<sup>425</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 174.

<sup>426</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, *Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho*. Exposição Temporária. 12 Jan 2019 | 5 Jan 2020. Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2019.

doméstico mencionados anteriormente, também foram encontradas “estruturas de alvenaria de pedra calcária sobre a rocha de base”<sup>427</sup>, mas também “seis buracos para poste”<sup>428</sup>, “um pequeno silo com despejos”<sup>429</sup>, e “uma habitação de planta regular”<sup>430</sup>, da qual ainda existem dois compartimentos<sup>431</sup> – o que permite pressupor que era um espaço de exploração agropecuária<sup>432</sup>, que respondia às necessidades da população romana na cidade de *Olisipo*<sup>433</sup>.

Em 2015, na necrópole foi possível identificar mais sete sepulturas, estas datando de um período um pouco mais tardio, entre os meados do século III e do IV d.C.<sup>434</sup>. Foram escavadas cinco e delimitado o espaço sepulcral, sendo mais extenso do que se pensava, mas era impossível explorar tudo o que teria existido<sup>435</sup> e parte do possível de explorar não estava tão bem conservado<sup>436</sup>.

Entre 2015 e 2018 foram descobertas 40 sepulturas, 33 das quais escavadas, onde foram identificadas inumações encaixadas em rocha, algumas com cobertura de calcário (pedras ou lajes) e basalto, podendo ser mais ou menos aperfeiçoadas<sup>437</sup>. Os covachos que podiam ser simples ou mais “estruturados com molduras laterais para encaixe das lajes”<sup>438</sup>, também marcados na rocha; outra sepultura em particular tem uma moldura e um fundo de tijoleiras e argamassa<sup>439</sup>. Estas escavações permitiram estudar ritos funerários, ao encontrar também espólio votivo e de adorno, tal como “lucernas, púcaros, taças/tigelas, bilhas, jarro e moedas”<sup>440</sup>, mas também identificar o sexo, idade – o que antes não tinha sido possível – mas também estatura dos falecidos, e algumas das causas de morte<sup>441</sup>.

---

<sup>427</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>428</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>429</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>430</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>431</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>432</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>433</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>434</sup> Vide idem, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, [...], p. 174.

<sup>435</sup> A necrópole ocupa espaço onde terá sido construída a antiga Fábrica dos Ossos, na qual se trituravam os ossos, depois transformados em carvão animal, que era depois utilizado para refinar açúcar.

<sup>436</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, [...], p. 174.

<sup>437</sup> Vide idem, *Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho*. [...]

<sup>438</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>439</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>440</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>441</sup> Vide idem, *ibidem*.

Devido à proximidade com a *Villa Romana* da Quinta da Bolacha, havendo visibilidade da posição da necrópole para a *villa*<sup>442</sup>, mas também à descoberta de vestígios datando do mesmo período nestes dois locais, é bastante provável que esta necrópole servisse os habitantes da *villa*<sup>443</sup>.

### 5.3.2. Serra de Carnaxide

Este sítio designado como Via F foi encontrado e escavado pela primeira vez em 2009, enquanto se começava o trabalho para a construção de uma urbanização neste local<sup>444</sup>, a sul do cemitério da Amadora. Neste local foi possível identificar uma alvenaria de pedra calcária, com canais de drenagem dentro de uma estrutura de pedra aparelhada retangular (mas bastante

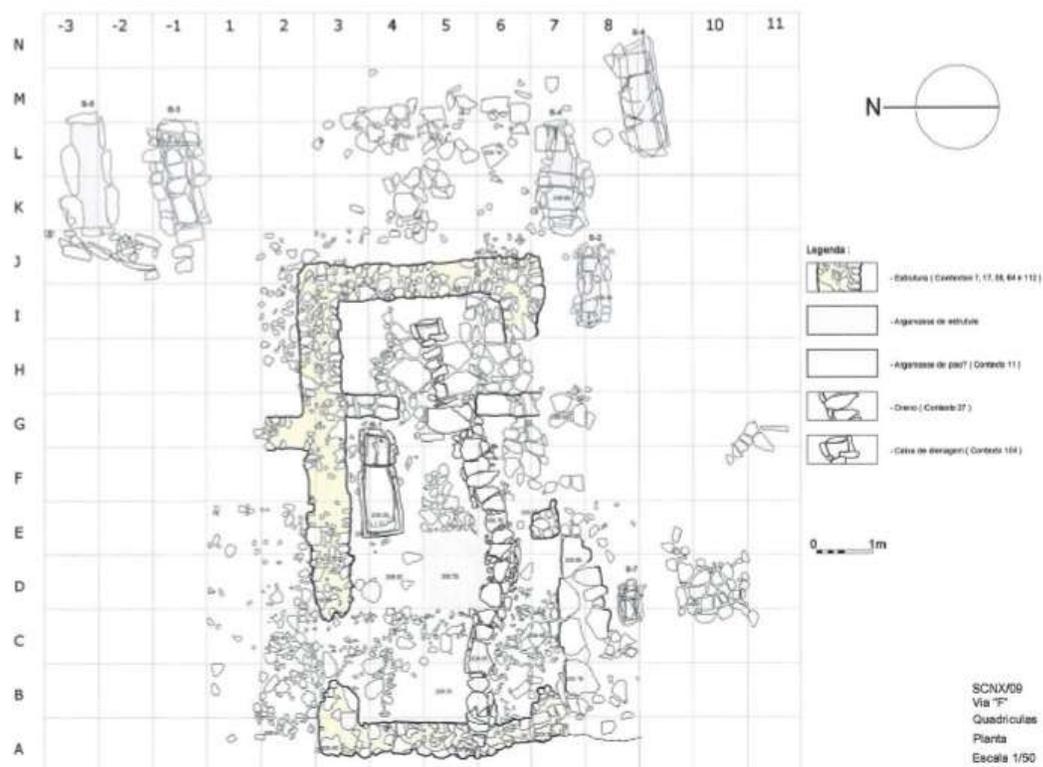


Figura 23 – “Planta Geral das Estruturas da Serra de Carnaxide – Via F”. In In Gisela Encarnação, Vanessa Dias, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado de Arte, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2017, p. 182.

<sup>442</sup> Vide idem, *Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho* [...]

<sup>443</sup> Vide idem, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, p. 174.

<sup>444</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

destruída) e um sarcófago de calcário<sup>445</sup>. Numa zona mais afastada encontram-se quatro sepulturas de adulto em covachos rochosos<sup>446</sup>, e noutro local também mais distante foi encontrado mais espólio, com peças dos séculos I d.C. ao século V d.C., tal como 46 moedas e fragmentos de cerâmica *terra sigillata*, e algumas peças mais recentes, de características toscas, e outras normalmente utilizadas em cerimónias funerárias paleocristãs<sup>447</sup> – sendo assim delimitado dois períodos cronológicos, primeira durante o século I d.C. com a presença de moedas, vidro e cerâmica *terra sigillata*, e o segundo da época paleocristã referente à necrópole<sup>448</sup>.

### 5.3.3. Outros Vestígios Romanos: Menor Dimensão

Na Quinta da Laje, localizada próxima da *Villa* da Quinta da Bolacha e do Moinho do Castelinho, ainda não foi possível perceber a caracterização das ocupações. Inicialmente foram recuperados vestígios que aparentavam ser do período republicano e imperial, incluindo um empedrado em basalto, “cuja a funcionalidade não foi possível averiguar”<sup>449</sup>. Contudo em 2021, foi possível uma nova intervenção, incluindo uma prospeção geofísica<sup>450</sup>, que apesar de ainda não se ter percebido a funcionalidade da estrutura encontrada, foi possível identificar os vestígios como datando de entre os séculos I a.C. e IV d.C., colocando a ocupação deste espaço durante o mesmo período que a ocupação do Moinho do Castelinho e da *Villa Romana* Quinta da Bolacha<sup>451</sup>.

Em Alfragide, foi encontrado um fragmento de cerâmica *terra sigillata* africana<sup>452</sup>, apontam para presença romana neste local durante a antiguidade.

---

<sup>445</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>446</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>447</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>448</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>449</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>450</sup> Com a contratação da empresa Arrow 4D como mencionada anteriormente.

<sup>451</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, "Povoamento em época romana na amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar", [...], p. 1363.

<sup>452</sup> Vide idem, “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, [...], p. 175.

Na já mencionada aldeia da Falagueira é possível encontrar um cipo ou cupa e um sarcófago romano que terá sido reutilizado na construção de uma casa moderna<sup>453</sup>.

---

<sup>453</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 175.

## **6. Gestão e Valorização do Património Arqueológico Monumental e dos Vestígios Romanos da Cidade da Amadora: Estratégias e Projetos Atuais, e Definição de Novas Propostas**

### **6.1. Estratégias e Projetos Atuais**

O crescimento da atual cidade da Amadora neste século e no fim do anterior levou a um desenvolvimento e um maior cuidado em mostrar este concelho como um lugar de dinâmica cultural. Isto levou a um impulso e trabalho para dotá-la de organizações, espaços, núcleos e eventos culturais, para isso houve um investimento na ideia da Amadora como a cidade da Banda Desenhada, como já mencionado anteriormente, foi destacado, já com três décadas do festival Amadora BD, exposições anuais<sup>454</sup> e prémios que expõem e homenageiam artistas da nona arte, quer artistas nacionais ou internacionais.

Esta apreciação pela arte da banda desenhada é apoiada pela Câmara Municipal com a existência de promoção pela cidade, através de cartazes para o festival (que normalmente acontece entre fins de outubro e inícios de novembro), quer em paragens de autocarro, e estações de comboio ou em cartazes nas paredes da rua ou pendurados em candeeiros<sup>455</sup>. O próprio festival de forma a promover a relação com a cidade, oferece atividades de envolvimento com a população local, através de concursos de banda desenhada dirigidos quer ao público profissional, como ao público amador<sup>456</sup>, incluindo os estudantes. O festival acaba por normalmente propor este concurso às

---

<sup>454</sup> Sendo este ano, 2020, uma exceção devido à pandemia que afeta todo o mundo, tendo realizado uma alternativa virtual, e uma exposição mais pequena na Bebeteca da Amadora.

<sup>455</sup> Ainda este ano, para além desta opção virtual do festival, artistas também se juntaram para promover medidas de segurança e higiene em relação ao coronavírus.

<sup>456</sup> Para além do concurso aos mais jovem apresentado, também se apresenta uma Concurso Nacional de Banda Desenhada, com três escalões segundo as faixas etárias, o A (dos 17 aos 30), o A+ (para acima dos 31, com exceção artistas com álbuns de banda desenhada publicados) e o B (entre os 12 e os 16 anos).

escolas primárias do concelho, quer públicas, quer privadas<sup>457</sup>, apresentado sob a forma de desafio, um tema (desde de “leite”, aos “direitos das crianças”, às “alterações climáticas”<sup>458</sup>), que deve ser



Figura 24 – “BD de Nuno Saraiva em Campanha de Sensibilização contra COVID-19 na Av. Conde Castro Guimarães”, In “Autores portugueses de BD ilustram campanha de sensibilização contra a COVID-19”, Câmara Municipal. Amadora. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/4512-autores-portugueses-de-bd-ilustram-campanha-de-sensibilizacao-contra-a-covid-19.html> (Consultado a 07/02/2021)

interpretado em forma de desenho, de forma de desde o mais cedo possível cultivar o lado artístico e criativo das crianças. Estes mesmos desenhos são depois galardoados com prémios

e alguns expostos no próprio festival, com a sua própria exposição, distinta dos participantes dos outros escalões.

Contudo este interesse e investimento na cultura, refletido na promoção da banda desenhada, não é equivalente ao investimento no património arqueológico<sup>459</sup>, não sendo tão

<sup>457</sup> Assim aberto a qualquer escola do ensino do 1º e 2º ciclo do município da Amadora, este concurso apelidado de Concurso Municipal de Banda Desenhada e Ilustração.

<sup>458</sup> Estes sendo dois exemplos dos temas propostos aos alunos do 1º e 2º ciclo. Tendo “leite” sido uma proposta no início do século XXI, e as “alterações climáticas” e “os direitos das crianças” alguns dos temas dos últimos anos.

<sup>459</sup> Apesar de não ser património arqueológico, a nível de património histórico na cidade da Amadora um dos pontos que acaba por ter maior relevo, acaba por ser mais destacado culturalmente e na educação é o Aqueduto das Águas Livres, já que a sua monumentalidade o destaca nacionalmente, mas também devido ao seu relevo no reinado do D. João V.

promovido pela cidade (com uma reduzida utilização de cartazes) e tendo em si um orçamento mais pequeno<sup>460</sup>, possivelmente devido à existência de outros vestígios arqueológicos romanos em cidades próximas, que também são procurados por visitantes da Amadora.

No entanto apesar do esforço para promover o património histórico da antiguidade não ser tão óbvio como a promoção cultural artística<sup>461</sup>, esta existe. Um dos indicadores da sua presença é a existência de uma secção relativa ao património cultural na Amadora no *website* da



Figura 25 – "Placar Informativo no Parque Aventura" (VERÍSSIMO; 2019)

<sup>460</sup> Ao consultar o Orçamento e o Grande Opções do Plano da cidade da Amadora para o ano de 2020, foram colocados 1.6 milhões de euros com a finalidade de investimento na cultura. Indicando também que tem com “principal imagem de marca centrada” o Festival de Banda Desenhada com 20,5% do orçamento inicialmente (com a possibilidade de aumento). Para além de outras especificações quanto a outros equipamentos culturais é importante indicar que ao Museu Municipal de Arqueologia (que como mencionado adiante se encarrega de várias estruturas) ficam dedicados 3,3% do investimento cultural (55787 euros) – repartidos entre o Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira e o Núcleo Museológico do Moinho do Penedo, para além de necessidades mais gerais: “aquisição de artigo de valor”, “manutenção e assistência técnica de equipamentos do museu” e “programa de desenvolvimento do património e história local com associação de arqueologia e proteção do património da Amadora”.

<sup>461</sup> O património artístico na Amadora acaba por não se prender apenas com a banda desenhada, mas também a arte urbana, nomeadamente o *grafitti*, é um dos pontos de interesse da cidade.

Camara Municipal<sup>462</sup>, comportando separadores para vários dos patrimónios monumentais do concelho, nomeadamente a “Villa Romana da Quinta da Bolacha” e o “Aqueduto Romano”.

A página dedicada ao “Aqueduto Romano”<sup>463</sup> começa com a cronologia do local, quer através de publicações e mais atualmente a sua descoberta, mas também descreve um pouco da sua construção e trajeto, com referências ao já mencionado Aqueduto das Águas Livres<sup>464</sup>.

Já a página da “Villa Romana da Quinta da Bolacha”<sup>465</sup> relata também um pouco da história do local, tendo em conta a sua descoberta na época moderna, e a sua localização e cronologia, com pequenas notas sobre as suas funções no passado, e concluindo com a importante informação da sua classificação como Imóvel de Interesse Público<sup>466</sup>. Outra página sobre este mesmo sítio pode ser encontrada no *website*, numa diferente secção, que repete a mesma informação, mas adiciona mais alguns detalhes sobre o que foi encontrado na *villa*<sup>467</sup>.

Esta segunda página está associada ao outro grande local de promoção do património histórico e arqueológico da Amadora, o Museu Municipal de Arqueologia, que apresenta informação sobre os seus vários núcleos e outras informações essenciais para visitas. Nesta mesma página também foi recentemente adicionado um separador sobre a Lisboa Romana<sup>468</sup>, um projeto em funcionamento desde 2017, e com um portal online inaugurado a 14 de janeiro de 2021 que reúne informação num único espaço sobre vários locais de interesse ao estudo da cultura romana na área metropolitana de Lisboa<sup>469</sup> – a inclusão deste separador permite então facilitar assim uma

---

<sup>462</sup> Vide “Património Cultural”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio.html> (Consultado a 07/09/20)

<sup>463</sup> Vide “Aqueduto Romano”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/744-imoveis-de-interesse-publico-aq-romano.html> (Consultado a 03/09/20)

<sup>464</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>465</sup> Vide “Villa Romana da Quinta da Bolacha”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/743-imoveis-de-interesse-publico-villa-r-qt-bolacha.html> (Consultado a 03/09/20)

<sup>466</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>467</sup> Vide “Villa Romana da Quinta da Bolacha”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/675-villa-romana-da-quinta-da-bolacha.html> (Consultado a 03/09/20)

<sup>468</sup> Vide *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Disponível em: <https://lisboaromana.pt/> (Consultado a 14/01/21)

<sup>469</sup> Vide idem, *ibidem*.

ideia de unificação entre estas diferentes instituições pelo distrito, objetivo também já acompanhado por outras instituições da Grande Lisboa<sup>470</sup>.

Dos vários núcleos do Museu Municipal de Arqueologia, podemos destacar a sede do mesmo, o Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira. Este fica no centro da Amadora, nos arredores do Parque Aventura, com pouca identificação até ao local e até um pouco escondido, mas tem pequenos placares nos arredores do museu (como é possível verificar na “figura 25”), inseridos dentro do parque Aventura<sup>471</sup>, fazendo um semicírculo com alguns factos cronológicos sobre a exploração arqueológica na cidade da Amadora.

O Núcleo Museográfico está construído no espaço do antigo Casal da Falagueira de Cima,



também conhecida pela Casa da Ordem de Malta, casa que tinha sido propriedade desta mesma ordem. Esta casa no passado teria atividade agrícola, e uma azenha no terreno<sup>472</sup> (a única do município<sup>473</sup>), e destaca-se das outras casas saloias da antiga Aldeia da Falagueira<sup>474</sup>, com os seus

Figura 26 – “Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira – Entrada e Símbolo da Casa de Malta”. In “Museu Municipal de Arqueologia” Câmara Municipal. Amadora. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/192-galeria-museu/804-museu-municipal-de-arqueologia.html> (Consultado a 07/02/2021)

<sup>470</sup> Como por exemplo as páginas referentes às diferentes *villae* romanas em Cascais.

<sup>471</sup> Parque Aventura é o nome dado a este parque localizado entre as freguesias da Mina de Água e Falagueira-Venda Nova, e envolvendo a Ribeira da Falagueira. Esta proximidade permite não só combinar esta duas atividades num só momento, mas a localização também está relacionada com as necessidades da propriedade, agora usada como sede do Museu Municipal de Arqueologia, quando funcionava como Casal da Falagueira.

<sup>472</sup> Vide Câmara Municipal da Amadora, *Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira*, 4ª edição, Câmara Municipal da Amadora, Maio 2015.

<sup>473</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia. Proposta de Novo Programa Museológico: Museu da Amadora*. Trabalho de Projecto de Mestrado de Museologia, apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019, p. 19.

<sup>474</sup> Vide Câmara Municipal da Amadora, *Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira*, 4ª edição, Câmara Municipal da Amadora, Maio 2015.

dois pisos e largo tamanho, mas também a existência de um pombal, poços, forno e cantarias diferenciadoras<sup>475</sup> (sendo assim este um imóvel classificado como monumento de interesse municipal em 2006<sup>476</sup>) – a história deste espaço e as marcas do seu passado complementam as exposições de cariz arqueológico do Núcleo Museográfico<sup>477</sup>.

As visitas ao Núcleo Museológico do Casal da Falagueira podem ser realizadas de terça-feira a sábado, todo o dia<sup>478</sup> (com pausa para almoço), domingos à tarde<sup>479</sup> e aos feriados<sup>480</sup>, e está equipado para receber visitantes de mobilidade reduzida, com a inclusão de rampas e um elevador de escadas, mas contudo não está equipado da mesma forma para visitantes invisuais ou que não conheçam a língua português.

Através do *site* da Câmara Municipal da cidade também é possível encontrar dois vídeos que permitem uma visita virtual tanto pela o edifício em si<sup>481</sup> como às suas exposições permanentes<sup>482</sup>. Estes vídeos então podem permitir mais conhecimento a espetadores



Figura 27 – “Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira – Parte Traseira”. In “Museu Municipal de Arqueologia” Câmara Municipal. Amadora. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia.html> (Consultado a 07/02/2021)

<sup>475</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia [...]*, p. 19.

<sup>476</sup> Vide “Visitas Virtuais ao Património, Amadora. Câmara Municipal. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/4266-visitas-virtuais-ao-patrimonio.html> (Consultado a 04/09/20)

<sup>477</sup> Vide “Museu Municipal de Arqueologia”, Amadora. Câmara Municipal. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia.html> (Consultado a 04/09/20)

<sup>478</sup> O horário regular do museu é então das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 17h00.

<sup>479</sup> Sendo o horário da tarde de Domingo, das 14h30 às 17h30.

<sup>480</sup> Vide “Apresentação”, Amadora. Câmara Municipal. Cultura. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/645-apresentacao.html> (Consultado a 04/09/20)

<sup>481</sup> Vide Município Amadora, “Visita ao Núcleo Museológico do Casal da Falagueira | Parte 1”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x8x857ZTS8M&feature=youtu.be> (Consultado a 07/10/20)

<sup>482</sup> Vide Município Amadora, “Visita ao Núcleo Museológico do Casal da Falagueira | Parte 2”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEEEsICLvw&feature=youtu.be> (Consultado a 07/10/20)

invisuais, mas mesmo assim não sendo algo feito com este objetivo em si, não corresponde a todas as necessidades.

O museu tem então como seu principal foco “a preservação, estudo, valorização e divulgação do património histórico e arqueológico do município da Amadora”<sup>483</sup>, e cumpre esta missão desde a sua abertura em dezembro de 1999<sup>484</sup>. Apesar de já anteriormente, desde os anos 60, ter-se tentado a criação de um museu que respondesse a alguns destes tópicos com a criação de um possível Museu Municipal da Amadora, antes de se optar pela vertente mais arqueológica<sup>485</sup>. O museu serve também como um único local para agregar toda a documentação e espólio arqueológico<sup>486</sup>, para além da promoção da realização de trabalhos arqueológicos. Estes trabalhos agora com o apoio do Programa de Ocupação de Tempos Livres<sup>487</sup>, que são um dos maiores pontos de interesse dos visitantes<sup>488</sup> (como complemento à visita ao museu)<sup>489</sup>, estando particularmente direcionados a jovens de forma a conhecerem a história e ocupação da cidade<sup>490</sup>.

Desta forma o Museu consegue responder às funções dos mesmos estabelecidos na Lei dos Museus<sup>491</sup>. Garante o estudo e investigação, como será possível com os laboratórios mencionados

---

<sup>483</sup> Vide “Apresentação”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. [...]

<sup>484</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>485</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia*. [...], p. 15.

<sup>486</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>487</sup> Tendo em conta a realidade diferente deste ano, e olhando para 2019 é possível encontrar como algumas das atividades organizadas no Verão, como visitas orientadas a dar a conhecer a *Villa Romana* da Quinta da Bolacha, o Sítio do Moinho do Castelinho, e dessa forma divulgar as escavações arqueológicas da Amadora; o Museu também ofereceu “Jovem Explorador” uma semana de atividades a crianças dos 6 aos 12 anos durante o mês de Julho, pelo custo de 20 euros para dar a conhecer o património histórico e arqueológico da Amadora; e o Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira também recebeu as Jornadas Europeias do Património no fim de Setembro. Para um exemplo dos meses mais frios é possível verificar que em outubro a dezembro de 2018 as ofertas são menores, mas foi também organizada uma data para visita aos sítios arqueológicos mencionados acima, e também foi organizada um atividade de *peddy paper* de forma a percorrer a cidade e conhecer o seu património, e finalmente no âmbito do Natal, no sábado de 15 de Dezembro organizou-se uma oficina de produção de presentes utilizando aromas naturais. Ainda em 2018, pode se também observar atividades propostas relacionadas com datas como o Dia da Liberdade (25 de abril) ou o Dia Mundial da Criança (1 de junho).

<sup>488</sup> Outras das atividades selecionadas para além da visita ao museu e visita escolar são, com menos relevo, formação/workshop, visita guiada, caças ao tesouro, passeio pelo parque (como anteriormente mencionado devido à sua localização no Parque Aventura), investigação/estudo e outro.

<sup>489</sup> Vide Ana Margarida Matos Pereira, *Renovação museográfica das exposições do Museu Municipal de Arqueologia da Câmara Municipal da Amadora*. Relatório de Estágio de Mestrado em Comunicação de Ciência, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018, pp. 34-35.

<sup>490</sup> Vide “Apresentação”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. [...]

<sup>491</sup> Vide Decreto Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto. *Diário da República nº 195 - I Série A*. Assembleia da República. Lisboa.

mais adiante (estes mesmos laboratórios também garantem a conservação das peças em exibição e restauro<sup>492</sup> do que é necessário), esta que leva à a incorporação das peças e vestígios encontrados, mas também por vezes peças que tem vindo a ser doadas por visitantes ao acervo do Museu, tendo cuidado para as inventariar e documentar, e depois conservar estas peças. Com as peças selecionadas torna-se essencial a interpretação e exposição, como uma forma de divulgação deste património histórico e arqueológico para o público e garantir a educação do mesmo, como irei focar-se mais adiante. Finalmente o Museu também garante a segurança das suas peças e visitantes.

Ainda relacionado com a educação, a importância que é tomada por esta função vê-se refletida no público mais comum do Núcleo Museográfico, que é possível perceber através dos dados adquiridos num inquérito realizado no âmbito do estágio de Ana Margarida Matos Pereira, realizado durante os mês de outubro de 2015 e o março de 2017<sup>493</sup>, sobre os visitantes do Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, nomeadamente do Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira.

<b>Razão de Visita</b>	<b>Número de Visitantes</b>	<b>Percentagem de Visitantes</b>
Âmbito Escolar	2864	78%
Outros <sup>494</sup>	826	22%
<b>Total</b>	<b>3690</b>	<b>100%</b>

Estas visitas escolares acabam por apontar para um público mais jovem, sendo mais de metade dos visitantes, 64%, com idades entre os 0 e os 10 anos (inclusive)<sup>495</sup>, o que reflete nos

<sup>492</sup> Um dos grandes exemplos de restauro é por exemplo o Núcleo Museológico do Moinho do Penedo.

<sup>493</sup> Vide Ana Margarida Matos Pereira, *op. cit.*, p. 32.

<sup>494</sup> Estas visitas que incluem tanto individuais como grupos não escolares.

<sup>495</sup> O resto dos visitantes tem idades entre 11-20 (10%), 21-35 (6%), 36-50 (11%), 51-70 (7%) e mais de 70% apenas com 1% de visitas. Apenas 1% não respondendo a esta questão.

graus de escolaridade com 20,1% dos visitantes tendo a pré-escolar e 44,3% do 1º ciclo<sup>496</sup> (neste caso pode tanto refletir alunos do 1º ciclo atualmente e adultos com esse nível de escolaridade)<sup>497 498</sup>.

Assim como previamente expresso, o núcleo museológico detém então várias

exposições para serem visitadas pelo seu público, algumas de cariz temporário permanentes, de forma a abranger um maior público e mais aspetos da história da cidade. Algumas das exposições permanentes, no piso inferior do museu, abordam o funcionamento e construção do Aqueduto das Águas Livres, incluindo até um pequeno esquema interativo que mostra o percurso de água, também desenhos e maquetas a reconstituir como seria o espaço do aqueduto no passado (este paralelamente comparados com as fotos atuais) e uma reconstituição do que seria uma parede do aqueduto<sup>499</sup>. A “Amadora Rural” é outra das exposições presentes, utilizando o espaço da vaqueira<sup>500</sup>, focando-se na história e passado do concelho, colocando grande relevo na Aldeia da



Figura 28 – “Exposição “Antes da Amadora” no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira - Cozinha Romana” (VERÍSSIMO; 2019)

<sup>496</sup> Sendo esta uma das razões pela qual a autora do relatório de estágio aponta para a necessidade de um *update* da linguagem dos cartazes informativos, de forma a facilitar a interpretação por crianças com menos de 10 anos.

<sup>497</sup> Quanto a outros níveis de escolaridade, segue-se pessoas com a licenciatura (11,2%), Secundário (7,1%), 2º Ciclo (7%), 3º Ciclo (2,8%), Mestrado (1,7%) e Doutoramento (0,5%). Para além de 1,4% visitantes sem escolaridade, outros 0,7% optando por outro e 3,3% não respondendo.

<sup>498</sup> Vide Ana Margarida Matos Pereira, *op. cit.*, pp. 32-33.

<sup>499</sup> Vide exposição permanente “O Aqueduto Geral das Águas Livres na Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>500</sup> Desta forma reaproveita o espaço original do Casal da Falagueira, mantendo as características originais da Casa, permitindo uma ideia de como seria a vida na Amadora.

Falagueira, um dos locais do território habitado durante um período mais longo de tempo<sup>501</sup>, como já foi anteriormente explorado<sup>502</sup>. Uma das exposições que retrata o passado mais recente é sobre o papel da Amadora na aviação portuguesa e na sua história<sup>503</sup>. Finalmente a exposição “Antes da Amadora” que retrata a ocupação do território ao longo dos primeiros milénios de ocupação, do período paleolítico à ocupação muçulmana, com um pequeno texto descritivo sobre a ocupação deste território desde períodos remotos, sempre acompanhado por vestígios arqueológicos do mesmo. Perto do fim da exposição está presente uma secção referente à ocupação romana, na qual existe o maior número de vestígios, e até inclui mais algumas descrições do que noutras partes nesta “viagem pelo tempo”, esta zona dedicada à história romana também é possível formar uma pequena maquete do que seria uma cozinha romana, reunindo também vestígios de maior dimensão<sup>504</sup>.

Quanto às exposições temporárias, no piso superior, o piso da entrada está presente a exposição temporária principal<sup>505</sup>, sobre o crescimento da cidade da Amadora durante do século XX, de um espaço rural, para um espaço industrial para o que se tornou nos tempos atuais, reconhecendo também os nomes das figuras que trabalharam para a mudança deste território<sup>506</sup>. A outra exposição é mais pertinente ao tópico desta dissertação, ocupa toda uma sala no piso inferior e retrata a exploração arqueológica das sepulturas do Moinho do Castelinho. As paredes desta sala apresentam variadas fotos das investigações e uma explicação dos métodos de trabalho, enquanto no centro da sala estão em exibição alguns dos vestígios que tem sido encontrados neste local, alguns datam do período de domínio romano, outros mais antigos como da Idade de Ferro e da Idade do Bronze<sup>507</sup>.

---

<sup>501</sup> Vide exposição permanente “Amadora Rural” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>502</sup> Vide capítulo 3, pp. 28-31.

<sup>503</sup> Vide exposição permanente “História da Aviação na Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>504</sup> Vide exposição permanente “Antes da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>505</sup> Isto é durante o ano de 2019/2020, período na qual a tese foi elaborada. Em 2021, com o início do segundo trimestre e desconfinamento, este mesmo espaço adotou a exposição “A Ferro e Fogo: Sorefame e Cometna”, que retrata a história destas empresas da indústria metalúrgica e metalomecânica pesada, que durante o século XX ocuparam a Amadora.

<sup>506</sup> Vide exposição temporária “FACES da Amadora” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

<sup>507</sup> Vide exposição temporária “Reflexos da Vida e da Morte o Moinho do Castelinho” no Museu Municipal Arqueológico da Amadora.

As exposições não são as únicas ofertas do museu, existe também a organização de oficinas, especialmente para os mais jovens, por exemplo a produção de pão, usando a cozinha localizada no piso superior, preservada do período em que a casa tinha sido habitada; ou atividades trabalhando com barro ou ter a possibilidade para conhecer melhor a vida rural, ou os avanços da aviação na Amadora. Outras atividades ocasionais relacionadas com certos momentos do calendário, como semanas ou dias de atividades relacionadas com arqueologia, em que é possível ensinar a jovens como é feito o procedimento de exploração arqueológica e permitir não só a visita o Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, mas também aos sítios arqueológicos, a *Villa Romana da Quinta da Bolacha* e o Núcleo Museológico do Moinho do Castelinho. Para um público mais adulto, e até para o público científico<sup>508</sup>, também são oferecidas palestras<sup>509</sup> nas áreas de Arqueologia, História e Património, inserido no Projeto Escola Aberta ao Património<sup>510</sup>.

Neste mesmo espaço também existe a oferta de folhetos, quer na entrada sobre aspetos mais gerais na Amadora e em particular neste tema, informação sobre “Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira” que retrata o funcionamento do museu e as suas atividades<sup>511</sup>, mas também um folheto informativo sobre “Sítio Arqueológico. *Villa Romana da Quinta da Bolacha. Século III/V*” que descreve a exploração que tem sido feito neste espaço e o que tem sido encontrado<sup>512</sup>. Outras publicações informativas que também é possível encontrar em algumas das exposições, tal como nas da “Amadora Rural” e da “História da Aviação na Amadora”, em que só tem um exemplar disponível para consulta, mas é possível pedir para receber uma versão eletrónica dos mesmos através do correio eletrónico, e também panfletos disponíveis na exposição “Reflexos da Vida e da Morte o Moinho do Castelinho”, este com mais exemplares disponíveis, não sendo só para consulta, e que permite saber o que tem sido possível encontrar neste sítio arqueológico<sup>513</sup>.

---

<sup>508</sup> Como estudantes universitários ou investigadores.

<sup>509</sup> Complementado também com publicações científicas disponibilizadas a visitantes do Museu Municipal de Arqueologia da Amadora e no próprio website, como será dito adiante.

<sup>510</sup> Vide Ana Margarida Matos Pereira, *op. cit.*, p. 28.

<sup>511</sup> Vide Câmara Municipal da Amadora, *Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira*, 4ª edição, Câmara Municipal da Amadora, Maio 2015.

<sup>512</sup> Vide “Sítio Arqueológico. *Villa Romana da Quinta da Bolacha. Século III/V*”, Câmara Municipal da Amadora.

<sup>513</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, “Reflexos da Vida e da Morte o Moinho do Castelinho. Exposição Temporária. 12.JAN.2019|5.JAN.2020”, 1ª edição, Amadora, Câmara Municipal da Amadora, Janeiro de 2019.

Para além destas publicações de acesso gratuito, para consulta ou recolha no local, a consulta do *site* também permite acesso a mais algumas publicações de acesso livre sobre o património arqueológico romano, para além de informação e preçário de outras publicações para podem ser adquiridas na sede do Museu<sup>514</sup>.

Para além do Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, o Museu Municipal de Arqueologia é constituído por mais espaços nomeadamente o Núcleo Monográfico da Necrópole de Carenque<sup>515</sup>, o qual pode ser apenas visitado durante o fim de semana. Esta necrópole pré-histórica com “três grutas artificiais escavadas na rocha calcária de base”<sup>516</sup>, data a sua primeira ocupação durante o fim do milénio IV a.C. e inícios do milénio III a.C.<sup>517</sup>.

Outro dos espaços são as reservas culturais, que incluem desde o laboratório de conservação e restauro, às reservas de arqueologia, de etnografia e de arte e também uma sala de investigação. Para além disso, também tem a *Villa Romana da Quinta da Bolacha* sobre a sua tutela<sup>518</sup>, espaço que apenas pode ser visitado mediante marcação prévia de visitas guiadas quer escolas ou a grupos particulares, usualmente ao sábado de manhã, ou em datas especiais organizadas pela Câmara Municipal da Amadora.

O último dos núcleos a ser adicionado ao Museu Municipal da Arqueologia foi o Núcleo Museológico do Moinho do Penedo, localizado na freguesia da Mina de Água, e tendo sido recuperado em 1998, detém uma “estrutura de torre fixa circular construída com a pedra basáltica da região, com dois pisos, o térreo e o de moagem, ligados por uma escada”<sup>519</sup>, para a além da pedra calcária na entrada e janelas<sup>520</sup>. Apesar da existência de vários moinhos de vento na cidade da Amadora, este é o único do concelho que permite visitas ao público<sup>521</sup>. No próprio site da

---

<sup>514</sup> Vide “Publicações”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/678-publicacoes.html> (Consultado a 27/02/21)

<sup>515</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia*. [...], p. 18.

<sup>516</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 22.

<sup>517</sup> Uma segunda ocupação durante o fim do milénio III a.C.

<sup>518</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia*. [...], p. 18.

<sup>519</sup> Vide “Núcleo Museológico do Moinho do Penedo”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*.. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/3160-nucleo-museologico-do-moinho-do-penedo.html> (Consultado a 24/11/20)

<sup>520</sup> Vide idem, *ibidem*.

<sup>521</sup> Vide idem, *ibidem*.

Camara Municipal da Amadora<sup>522</sup> também é possível encontrar uma reconstrução 3D do moinho<sup>523</sup> e um vídeo mostrando uma reconstituição virtual deste espaço<sup>524</sup>, nestes dois casos sempre acompanhados com informação adicional sobre o Núcleo Museológico do Moinho do Penedo.

Para além destes núcleos já existentes, está proposta a integração da Casa Roque Gameiro no Museu<sup>525</sup>.

---

<sup>522</sup> Vide “Visitas Virtuais ao Património”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/4266-visitas-virtuais-ao-patrimonio.html> (Consultado a 17/12/20)

<sup>523</sup> Vide MunicipioAmadora, “Moinho do Penedo | Visita Virtual”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fT7RJNEsmbY&feature=youtu.be> (Consultado a 02/12/20)

<sup>524</sup> Vide Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, “Moinho do Penedo. 3D Model”, *Sketchfab*. Disponível em: <https://sketchfab.com/3d-models/moinho-do-penedo-010ee176536147a889d5d990f14bd249> (Consultado a 02/12/20)

<sup>525</sup> Vide Gisela de Carvalho Guina da Encarnação, *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia. [...]*, pp. 46-51.

## 6.2. Definição de Novas Propostas

A nível de novas propostas para a promoção do património monumental romano na Amadora seria importante uma maior colaboração entre vários setores da Amadora e os vários serviços culturais oferecidos, de forma a poderem ajudar, complementarem-se e conseguir assim atrair diferentes públicos.

As medidas prendem-se com várias necessidades destes espaços, considerando os problemas apontados anteriormente, mas também usando os pontos fortes já mencionados e podendo expandi-los. Em primeiro lugar, deve haver um contínuo investimento nas atividades e meios já usados na valorização do património municipal, sendo assim continuar a manter e investir no Museu Municipal de Arqueologia da Amadora como promulgador de atividades e oficinas. Em segundo lugar, fazer um maior investimento em transmissão de informação e na sua acessibilidade<sup>526</sup>. Em terceiro lugar, continuar a assegurar atividades com as escolas do concelho, tal como visitas guiadas quer ao Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira<sup>527</sup>, quer à *Villa Romana da Quinta da Bolacha*, e se por acaso viesse a existir a possibilidade, também ao espaço do antigo Aqueduto Romano. Em quarto lugar, investir nos recursos humanos, quer com formação profissional em meios informáticos/digitais de pessoas que já trabalhem no museu ou recrutamento de pessoal qualificado nesta área de forma a poder melhorar os aspetos virtuais do museu; contudo também seria benéfico a contratação de mais pessoal, possivelmente na área da segurança, para poder garantir também um maior período de abertura e funcionamento dos diferentes núcleos do Museu, tal como a *Villa Romana da Quinta da Bolacha*, que de momento não pode estar aberta com horários fixos; outra opção a nível de recursos humanos é procurar voluntariado<sup>528</sup>, por exemplo com alunos universitários da área de arqueologia ou história, que possam promover ou

---

<sup>526</sup> Medidas para atingir este objetivo serão exploradas mais adiante, nos subcapítulos seguintes.

<sup>527</sup> De momento com mais visitas para os alunos da pré-escolar e do 1º Ciclo, por isso seria interessante apelar a outros níveis escolares, mais velhos.

<sup>528</sup> Por exemplo, Jovens do projeto “PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação” da Escola EB 2 e 3 do Agrupamento Mães de Água (grande parte deles residentes em bairros da proximidade) em conjunto com o Museu Municipal de Arqueologia criaram os “Patrulheiros da *Villa*” – este grupo, com os seus professores permitiu a monitorização do estado de conservação da *villa romana da Quinta da Bolacha*, nomeadamente da zona visitável.

realizar algumas visitas guiadas, ou procurar voluntários com interesse e conhecimento de redes sociais para fazer e complementar esta interação online.

### **6.2.1. Investimentos nas Novas Tecnologias**

Devido à situação atual da pandemia e a impossibilidade de atividades na qual o distanciamento social não é assegurado, tornou-se ainda mais evidente a importância do investimento nas plataformas digitais.

Estas foram necessidades que o próprio Museu Municipal de Arqueologia se apercebeu, e durante a elaboração desta tese foi possível verificar uma adaptação à situação e adicionando mais informação disponível digitalmente<sup>529</sup>, nomeadamente os vídeos de visitas guiadas ao Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira e ao Núcleo Museológico do Moinho do Penedo. Anteriormente já explorei o que existe disponível, com páginas referentes tanto ao Museu Municipal de Arqueologia, ao Aqueduto Romano e à *Villa* da Quinta da Bolacha, mas estas são páginas pouco completas, especialmente a nível visual, incluindo apenas cerca de duas fotos por página. Por essa razão, seria bom apostar na colocação de mais fotos no site, quer do procedimento de trabalho arqueológico, quer dos vestígios que têm sido encontrados nos monumentos patrimoniais. Se fosse possível também se deveria considerar criar uma página digital própria dedicada ao Museu Municipal de Arqueologia e os seus vários Núcleos, método já usado por outros museus de arqueologia portugueses<sup>530</sup>, no entanto, na impossibilidade de uma página própria, organizar mais separadores dentro do *site* da Câmara Municipal da Amadora, para pelo menos cada exposição permanente e incluir algumas imagens e informações sobre as mesmas, para cultivar o interesse em visitar – algo que tem sido avançado recentemente com uma página única

---

<sup>529</sup> Eu tentei manter-me informada o mais possível das atualizações do *site*, que ao longo deste ano foram respondendo a várias das necessidades que eu tinha encontrado, retirá-las desta elaboração de tese. Eu consultei o site pela última vez no dia 25 de maio de 2021, e peço desculpa se alguma medida mencionada acabou por estar desatualizada ao momento da sua leitura.

<sup>530</sup> Alguns dos exemplos é o *site* do Museu Nacional de Arqueologia, mas também sites dedicados a museus centrados numa visão mais pequena, isto é, não uma visão nacional, como por exemplo o Museu Arqueológico do Carmo e o Museu Arqueológico de Odrinhas, ou até o Campo Arqueológico de Mértola e o Museu de Lorinhã. Estes espaços digitais permitem uma informação mais organizada dos vários espaços deste Museu, marcando espaços diferentes para a história do museu, as suas coleções, mas também outras oficinas, ofertas e serviços educativos.

dedicada às exposições, com um pequeno parágrafo sobre cada um das exposições e cerca de três fotos por exposição.

Contudo páginas de *web* não são a única forma de interação *online*, assim a criação de redes sociais exclusivas para o museu, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, permitiriam o enriquecimento da visita dentro e fora do museu<sup>531</sup>, permitindo a interação com os visitantes, através de partilha de fotografias ou experiências, mas também uma interação dos visitantes (ou possíveis visitantes) com o próprio museu<sup>532</sup>. Este aumento da forma de contactos permite aumentar o público e atingir mais pessoas com informação<sup>533</sup>, mas também prolongar a relação entre visitante e museu para além da visita<sup>534</sup>.

Voltando ao estabelecimento quer de uma página própria ou à possibilidade de atualizar as atuais páginas, seria benéfico que para além de fotografias, fosse também tido em conta a inclusão de vídeos, uma experiência que foi iniciada já este ano<sup>535</sup>, com um vídeo de uma visita virtual ao Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira e ao Núcleo Museológico do Moinho do Penedo, mas continuar a expandir para visitas ao património romano na Amadora, o qual não pode ser visitado, como o Aqueduto Romano, ou os quais tem horários definidos, sendo assim não de acesso livre, como a *Villa Romana da Quinta da Bolacha* e o sítio do Moinho do Castelinho. Considerando a proximidade entre a sede do Museu Municipal de Arqueologia e a Escola Superior de Teatro e Cinema, que define como um dos seus grandes cinco objetivos, “prestação de serviços à comunidade”<sup>536</sup>, poderia ser benéfico uma colaboração, especialmente com os alunos das licenciaturas de cinema com conhecimento de realização, imagem, montagem e som, e podendo assim criar um tipo de filme ou até documentário um pouco mais especializado, e ao mesmo tempo os alunos tem uma oportunidade de treinar as suas capacidades.

---

<sup>531</sup> Vide Amanda Dearolph, *Social Media and Museums: The Obstacles and Benefits of Creating an Online Presence*, Seattle, University of Washington, 2014, p. 3.

<sup>532</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>533</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 2.

<sup>534</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 7.

<sup>535</sup> Os vídeos no *Youtube* foram publicados em maio, enquanto a atualização do site da Camara Municipal da Amadora na secção de Visitas Virtuais foi um pouco mais demorada.

<sup>536</sup> Vide “História e Missão”, *ESTC. Escola Superior de Teatro e Cinema. Instituto Politécnico de Lisboa*. Disponível em: <https://www.estc.ipl.pt/historia-e-missao/> (Consultado a 03/12/20)

Para além da criação destes vídeos que requerem o uso da imagem, o *website* também poderia disponibilizar ficheiros de áudio que complementassem uma visita física ao Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, especialmente para as exposições permanentes, mas na melhor das opções também para as exposições temporárias. Estes ficheiros de áudio podiam oferecer uma visita guiada aos visitantes invisuais, com as descrições essenciais do que está presente na sala, mas também podendo ser complementado com aspetos tácteis da exposição<sup>537</sup>. Para além deste aspeto, ficheiros áudio de visita guiada noutras línguas, especialmente o Inglês (como língua franca) mas possivelmente também o Castelhana (como uma das línguas do nosso país vizinho, Espanha)<sup>538</sup>, desta forma tornando a visita mais apelativa e completa a visitantes estrangeiros. Contudo, apesar desta forma combater os custos de novos placares em braile e outras línguas, ou a compra de audioguias por parte do museu, o ponto negativo de usar esta opção é sempre a exclusão de quem não tem acesso a meios tecnológicos, algo que o museu não pode combater, mas podendo ao menos fornecer *wifi*, facilitando assim o não uso de dados que podem ter um custo acrescido aos visitantes.

Ainda a nível online também seria produtivo continuar a investir na reconstrução em 3D dos monumentos romanos, a Câmara Municipal da Amadora já conseguiu oferecer uma reconstrução 3D e virtual do Moinho do Penedo<sup>539</sup> e um modelo em 3D dos vestígios romanos do Moinho do Castelinho, mas de qualidade reduzida devido a particularidades do espaço<sup>540</sup>. Para além disso, nos últimos dois anos também foi iniciado o projeto “Dar Rosto à *Villa*”<sup>541</sup>, que

---

<sup>537</sup> Já existem alguns, especialmente na exposição sobre o Aqueduto da Águas Livres, mas seria bom trabalhar em adicionar mais. Nesta questão voltando aos Recursos Humanos, trabalhando com especialistas na área da educação e ensino, e da acessibilidade a invisuais.

<sup>538</sup> Também considerar expandir para outras línguas caso haja o interesse e pessoas capazes de o fazer.

<sup>539</sup> Vide Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, “Moinho do Penedo. 3D Model”, *Sketchfab*. [...]

<sup>540</sup> Vide Geodrone, “Modelo 3D Escavações Arqueológicas – Amadora”, *Sketchfab*. Disponível em: <https://sketchfab.com/3d-models/modelo-3d-escavacoes-arqueologicas-amadora-762e460a51514c649da11659a6ab1717> (Consultado a 02/12/20)

<sup>541</sup> A cargo do ilustrador Filipe Franco.

pretende formar a cara dos habitantes da *villa*<sup>542</sup>, utilizando um crânio recuperado de uma sepultura do Moinho do Castelinho, resultados que se esperam ainda este ano<sup>543</sup>.

Com o crescente avanço da exploração arqueológica e de meios tecnológicos, deve-se continuar a melhorar as ofertas, com por exemplo a atualização do modelo do Moinho do Castelinho quando possível, mas também propor uma reconstrução em 3D da *villa* romana da Quinta da Bolacha e do Aqueduto Romano – esta colaboração entre tecnologia e a arqueologia permite uma possibilidade de preservação, divulgação e reconstrução do património romano diferente do anteriormente possível<sup>544</sup>, simplificando a visualização de como seriam estes patrimónios em funcionamento. Para a realização deste trabalho, especialmente considerando o estado das ruínas dos vestígios romanos na Amadora, seria necessária uma colaboração entre modelo baseado na realidade física<sup>545</sup> e modelo baseado em documentos<sup>546</sup> para haver um complemento dos dois aspetos<sup>547</sup>, apesar de poder resultar em perda de fiabilidade dos dados<sup>548</sup>. Apesar de poder ser mais um risco à fiabilidade do espaço seria também importante mostrar o que teria sido os arredores do espaço, tal como divisões individuais, no caso do espaço da *villa*, para refletir uma organização social<sup>549</sup>. Esta informação online permite também que o público, virtualmente, consiga conhecer o espaço sem este lhe ser explicado em pessoa, especialmente considerando as impossibilidades no tempo de pandemia do coronavírus, mas também em tempos normais permite que um público maior, nomeadamente público que não pertence à Amadora ou à área metropolitana de Lisboa, mais facilmente consiga visitar o local.

---

<sup>542</sup> Para isto foi feito um relatório antropológico, uma digitalização virtual do crânio e mandíbula e uma análise de ADN.

<sup>543</sup> Vide Gisela Encarnação & Vanessa Dias, "Povoamento em época romana na amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar", [...], p. 1363.

<sup>544</sup> Vide Emanuel Demetrescu, Daniele Ferdani, Alfonsina Pagano & Eva Pietroni, "Roman *Villas* and *Domus*. From Digital Acquisition on the Field to Novel Approaches in Interactive Storytelling Inside VR Environments", *Villae Romanas. Investigação e Inovação. The Roman Villae | Research and Innovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, Julho de 2020, p. 167.

<sup>545</sup> Isto é, um trabalho de scan ou fotografia que permite replicar exatamente os artefactos encontrados.

<sup>546</sup> Através da interpretação de documentação, gráfica ou textual, permite interpretar e fazer uma réplica virtual do que teria sido o espaço anteriormente. Este sendo por exemplo o método usado maioritariamente na reconstrução 3D de Évora, realizado em colaboração entre a Câmara Municipal de Évora e a Universidade de Évora, em particular os centros de investigação, CIDEHUS e CHAIA.

<sup>547</sup> Vide Emanuel Demetrescu, Daniele Ferdani, Alfonsina Pagano & Eva Pietroni, *op. cit.*, p. 168.

<sup>548</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 173-174.

<sup>549</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 169.

Contudo a tecnologia pode ser utilizada para além dos computadores, mas também em colaborações com o festival Amadora BD, podendo permitir a promoção do património romano, em dois pontos diferentes<sup>550</sup>, um deles é um caso particular e em caso de coincidência de haver num ano uma exposição relacionada com uma história do tempo romano<sup>551</sup>, nesse caso seria possível colocar uma pequena nota ou parágrafo no painel informativo à entrada da sala da exposição, com algum semelhante a:

*Se estiver interessado em conhecer um pouco mais do passado e história romana da cidade da Amadora, visite o site da Câmara Municipal da Amadora em <https://www.cm-amadora.pt/>*

Este parágrafo podia ser acompanhado com um código QR<sup>552</sup> que ligasse automaticamente para a página do *website* da Câmara Municipal da Amadora relacionado com o património romano. Também seria interessante colocar alguns folhetos informativos do Museu Municipal da Amadora, já anteriormente mencionados, para consulta dos visitantes<sup>553</sup>, estando tanto o Museu como o Festival perante a coordenação da Câmara Municipal da Amadora, esta relação seria facilitada, e com apenas algumas cópias necessárias, dependendo das exposições, mas provavelmente não mais do que duas, já que são para consulta e não uma para cada visitante, o custo seria menor<sup>554</sup>.

---

<sup>550</sup> O segundo ponto desta colaboração será explorado no próximo sub-capítulo, “A Conquista do Público Juvenil”.

<sup>551</sup> Nos últimos anos, não tem havido nenhuma exposição com o tema do mundo romano, mas o mundo clássico não está tão longe da banda desenhada, com nos anos recentes, uma exposição em 2016 dedicada à novela gráfica *Democracia* de Alecos Papadatos, Abraham Kawa e Annie Di Donna, que retrata a história do começo da democracia na Grécia Antiga, e uma exposição em 2019 à novela gráfica *Andrómeda, or The Long Way Home* de Zé Burnay, uma re-imaginação da história da Princesa Andromeda, bem conhecida dos mitos de Perseu.

<sup>552</sup> Tecnologia já previamente utilizada pela Câmara Municipal da Amadora e pelo Museu Municipal de Arqueologia.

<sup>553</sup> A existência de material apenas para consulta já é uma prática comum nesta feira de banda desenhada, havendo normalmente obras para consulta em cada pequena exposição, cada obra atada à parede por um fio.

<sup>554</sup> O custo irá depender de reprografia, mas uma cópia a cores frente e verso e uma plastificação (garantindo a sua preservação) deverá custar cerca cinco euros (consulta de preços da Staples, com o preço a variar a gramagem usada).

## 6.2.2. A Conquista do Público Juvenil

Apesar do público jovem, até aos 10 anos, já ser o público mais recebido pelo Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, a continuação do cultivo desta relação é importante, mas também tentar apelar ao universo escolar um pouco mais velho, o público juvenil, associado ao 2º e 3º ciclo.

Dessa forma é possível continuar a trabalhar com a AmadoraBD, com a proposta que os concursos mencionados no subcapítulo anterior<sup>555</sup>, o Concurso Nacional de Banda Desenhada e o Concurso Municipal de Banda Desenhada e Ilustração, incluíssem um tema que tivesse uma conexão direta ou indireta com mundo romano na Amadora, quer também com a história da cidade ou até o tema da água, um bem essencial que tem de ser preservado. Com este tema também seria possível desencadear visitas escolares tanto ao Aqueduto da Águas Livres, ao Aqueduto Romano<sup>556</sup>, ao Museu Municipal de Arqueologia no âmbito da exposição permanente dedicada ao Aqueduto da Águas Livres, mencionada anteriormente, e até noutro âmbito, mais científico, uma visita a Estação de Tratamento de Águas Residuais<sup>557</sup>. Desta forma seria cultivado o interesse e a necessidade de pesquisa por todos os artistas, e na fase seguinte, os visitantes da feira da Amadora BD poderiam observar algumas destas entradas no concurso, escolhidas por um grupo de juízes todos os anos, e assim despertar a curiosidade dos espectadores, regressando à ideia anterior, ser também acompanhado pela referências ao património arqueológico na Amadora.

Caso houvesse interesse por partes dos artistas, amadores ou profissionais, podendo neste caso expandir-se para além do público juvenil a que me refiro neste subcapítulo, seria também uma possibilidade compilar estes desenhos e bandas desenhadas num único volume, quer fosse este para venda<sup>558</sup> ou apenas funcionando como um livro promocional da cidade e oferecido gratuitamente<sup>559</sup>. Dependendo da oferta de trabalhos em questão, estes podiam ser organizados em

---

<sup>555</sup> Vide *supra*, p. 80.

<sup>556</sup> Se fosse possível à Câmara Municipal da Amadora oferecer estas mesmas visitas o sítio arqueológico.

<sup>557</sup> Existindo duas Estações de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) na Área Metropolitana de Lisboa.

<sup>558</sup> Quer a um preço normal em livrarias, ou a um preço simbólico no Câmara Municipal da Amadora, e noutros edifícios ligados à mesma como no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, Casa Roque Gameiro, no festival Amadora BD, entre outros, e sempre também disponível no *website*.

<sup>559</sup> Já em 2019 foi oferecido um exemplar de banda desenhada a todos os visitantes, *O Cemitério dos Sonhos* de Miguel Peres, Rodrigo Martins dos Santos, Marília Feldhues, Rômulo de Oliveira e Cinthia Saty.

capítulos referentes a diferentes períodos da história deste território acompanhados por pequenos e simples textos que complementassem (ou explicassem) as informações do desenho.

Seguindo as ideias do parágrafo anterior, a promoção do património junto do público mais novo é essencial, de forma a mais cedo possível conseguir educar a população na necessidade da salvaguarda do património, mas também por si mesmo as crianças conseguirem perceber os diferentes tipos de património<sup>560</sup> e conseguir identificar algo que seja importante para a sua ou a cultura de um grupo<sup>561</sup>, desta forma também beneficiar a criação e desenvolvimento de uma maior identidade cultural, ligada ao passado, mas também à realidade do seu presente<sup>562</sup>. Para isso seria positivo a promulgação do trabalho com a Biblioteca Municipal da Amadora<sup>563</sup> e a Bebeteca<sup>564</sup>, e com as escolas como já previamente explorado, pode ser outra forma de também coincidir interesses temáticos, com oferta de cantos de leitura<sup>565</sup> associado a algumas obras que coincidem com o mundo clássico. Vários livros acabam por ter este tema, mas algumas das minhas sugestões são a série de banda desenhada, *Astérix* de Albert Uderzo e René Goscinny, que fala comicadamente sobre uma aldeia galesa a tentar sobreviver ao domínio romano no século I a.C.<sup>566</sup> – esta vertente cômica por vezes consequência de anacronismos, quer com referências à História mais recente<sup>567</sup> ou a presença de outros erros menos evidentes ao “olho comum”<sup>568</sup>, utilizando símbolos do domínio romano, normalmente datados de mais tarde para I a.C.<sup>569</sup> – a análise destes dois tipos de

---

<sup>560</sup> Isto é, no sentido de expandir a noção de património, deste que é edificado para o imaterial.

<sup>561</sup> Vide Marcia Maria Dropa & Rita de Cássia da Oliveira, “As Relações entre Educação, Cultura e Património: Apontamentos Teóricos”, *EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação*, 26 a 29/10/2015, p. 2738.

<sup>562</sup> Vide Marcia Maria Dropa & Rita de Cássia da Oliveira, “As Relações entre Educação, Cultura e Património: Apontamentos Teóricos”, *EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação*, 26 a 29/10/2015, p. 2730.

<sup>563</sup> A Biblioteca Municipal da Amadora recebe um de investimento de 42148 euros, este mais reduzido que o investimento dedicado ao Museu Municipal de Arqueologia.

<sup>564</sup> A Bebeteca já com um investimento de 47993 euros, mas com quase 90% deste investimento dedicado à Organização Programação e Realização de Iniciativas, onde se encaixaria o investimento necessário para as atividades mencionadas adiante.

<sup>565</sup> Isto é, horários estabelecidos na Biblioteca e Bebeteca na qual as crianças se possam dirigir ao espaço, quer em âmbito escolar ou em família para a realização de uma leitura de um livro infantil e outras atividades.

<sup>566</sup> Esta série apresenta pelo menos quatro livros o plano nacional de leitura, com os títulos: *O Segredo da Poção Mágica*, *Astérix e a Transitálica*, *O Papiro de César* e *O Céu Cai-lhe em Cima da Cabeça*.

<sup>567</sup> Vide Nuno Simões Rodrigues, “A Antiguidade Clássica em Banda Desenhada”, *Som e Imagem no Ensino dos Estudos Clássicos*. Coordenadores José Ribeiro Ferreira & Paula Barata Dias, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos/Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Letras de Coimbra, 2003, pp. 54-56.

<sup>568</sup> Isto é, erros/incoerências que não são tão evidentes para pessoas que não tenham tomado um particular interesse pelo Mundo Romano, e os seus detalhes.

<sup>569</sup> Vide Nuno Simões Rodrigues, *op. cit.*, p. 58.

anacronismos poderão tornar a leitura mais interessante a um grupo jovem mais velho, como pré-adolescente e adolescentes, o que permitiria a atração de um novo público; *Em Roma Sê Romano*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, com ilustrações de Arlindo Fagundes, poderia ser outra obra de interesse para leitura; a obra *Ulisses* de Maria Alberta Menéres, ou até diversas obras de reconto das epopeias clássicas da *Odisseia* e *Ilíada* de Homero e *Eneida* de Virgílio<sup>570</sup>, entre muitas outras presentes no Plano Nacional de Leitura<sup>571</sup>, incluindo a obra *Ulisses* em especial destaque sendo uma obra recomendada do currículo de português do 6º ano<sup>572</sup>.

O uso destas obras como forma de contacto com o público permite que estes conheçam o ambiente, com a construção de um cenário, guarda-roupa, utilização de nomes romanos<sup>573</sup>, o que pode levar a um interesse por mais, quer por Mitologia, Literatura ou História<sup>574</sup>. Desta forma pode também ser partilhada informação adicional sobre o Museu Municipal de Arqueologia, se for possível ter alguém presente do Museu para falar um pouco da história dos vestígios romanos na Amadora, e até trazer alguns objetos arqueológicos para mostrar aos jovens, ainda mais interessante seria um que é semelhante a algo retratado nestas obras<sup>575</sup>. Coincidentemente, pode-se explicar o cuidado que se deve ter no seu tratamento e no estudo da arqueologia, por fim incentivar a visita ao núcleo museográfico ou à *villa* romana da Quinta da Bolacha, se fosse possível coordenar a data de uma visita.

Ainda num âmbito das escolas, as bibliotecas escolares também são um local onde seria possível ter presente alguma informação sobre o Museu Municipal de Arqueologia, regressando à ideia dos folhetos informativos num local de livre acesso e até destaque destes na organização da biblioteca<sup>576</sup>, dessa forma despertando interesse nos alunos que a visitam, sendo aplicável em todos

---

<sup>570</sup> Particularmente nestas obras sendo destacadas a coleção de adaptações de João de Barros, ao ver e serem “contadas às crianças e ao povo.”

<sup>571</sup> Vide “Livros PNL”, *Ler+*. *Plano Nacional de Leitura*. 2027. Disponível em: [http://pnl2027.gov.pt/np4/livrospnl?cat\\_livrospnl=catalogo\\_blx](http://pnl2027.gov.pt/np4/livrospnl?cat_livrospnl=catalogo_blx) (Consultado a 28/10/20)

<sup>572</sup> Este público do *Ulisses*, sendo do 6º ano, ou até com os recontos das epopeias clássicas que apela a um público jovem, mas já com uma capacidade de entendimento de temas mais complicados permitiria a atração de um público do 2º ciclo, para além do atual público do museu.

<sup>573</sup> Vide Nuno Simões Rodrigues, *op. cit.*, p. 80.

<sup>574</sup> Vide idem, *ibidem*, p. 80.

<sup>575</sup> Vide idem, *ibidem*, pp. 58-59.

<sup>576</sup> Esta medida tem um custo reduzido, por isso dessa forma seria possível incorporar no orçamento de 42148 euros que está dedicado ao Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares.

os níveis de ensino escolar da escola Pública<sup>577</sup>. Nestas mesmas bibliotecas escolares também podiam ser organizados pequenos ateliers ou *workshops*, coordenados entre o Museu Municipal de Arqueologia e os professores, permitindo assim a tanto alunos e professores uma aula diferente, mas sem as maiores complicações de visitas fora da escola, e ao mesmo tempo o Museu pode despertar interesse para História, arqueologia e futuras visitas.

Esta presença nas bibliotecas escolares também serve como um intermediário ao incentivo a um maior interesse para visitas escolares, para além do 1º ciclo, podendo assim não apenas disponibilizar folhetos para consulta dos alunos, mas também alguma informação útil sobre visitas e contactos, facilitando a relação entre professores e Museu, podendo até ser oferecido diferentes propostas de visitas escolares, dependendo da disciplina, com pequenas propostas adequadas a diferentes idades e programas escolares.

### **6.2.3. Relação com a Comunidade**

Grande parte do público que visita os espaços do Museu Municipal de Arqueologia teve conhecimento através de divulgações da Câmara e do próprio Museu<sup>578</sup>, ou também podendo ser recomendação de um amigo<sup>579</sup> a razão da visita<sup>580</sup>. Por outro lado, mesmo não visitando, a relação entre a comunidade e do Museu continua viva noutras formas, havendo peças de importância histórica ou fotos que são oferecidas pelos habitantes à sede do Museu<sup>581</sup>. Contudo é sempre possível continuar a crescer o conhecimento do Museu por parte dos habitantes da Amadora, mas para além desses, também se expandir a um público maior, fora do Concelho.

---

<sup>577</sup> Isto poderia ser do 1º ciclo ao secundário.

<sup>578</sup> Ter em consideração que estas opções podem estar relacionadas com como as escolas tiveram conhecimento de Museu e não em particular o individual, já que em ambiente escolar o inquérito era colocado a um representante de forma a facilitar o preenchimento (especialmente tendo em consideração a jovem idade de grande número dos visitantes).

<sup>579</sup> Outros métodos de divulgação incluem através da escola, durante um passeio pelo parque (este localizado nas imediações do Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira), pesquisa da Internet, o *site* da Câmara Municipal da Amadora, Comunicação Social e Geocaching.

<sup>580</sup> Vide Ana Margarida Matos Pereira, *op. cit.*, pp. 34-35.

<sup>581</sup> Vide Município Amadora, “Visita ao Núcleo Museológico do Casal da Falagueira | Parte 2”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEEEsICLvw&feature=youtu.be> (Consultado a 07/10/20)

Começando pela atração de mais visitantes dentro da Amadora, com esse objetivo, proponho a incorporação do passado romano na comunidade é literalmente pintá-lo nas paredes da cidade. Regressando ao tema de reconstruções, seria interessante apostar numa reconstrução mais artística, apesar de menos científica ou exata, no sentido de atrair mais interesse e conhecimento para este património. As colaborações entre a Câmara Municipal da Amadora e vários artistas urbanos<sup>582</sup> já são comuns, e através desta coordenação seria possível a proposta de produção de um painel que representasse a vida rural romana no território da cidade da Amadora, caso houvesse interesse, seria possível trabalhar com a equipa que faz a investigação arqueológica, mas contudo é sempre relevante deixar ao artista alguma liberdade de interpretação. Desta forma a cultura romana da Amadora ficaria também inserida na arte urbana da Amadora, que é promovida pela Camara Municipal – o próprio *website* da camara apresenta um itinerário que inclui fotos dos vários murais pela cidade e alguma informação sobre os seus artistas (incluindo historial ou uma citação do autor<sup>583</sup>) – nesta mesma página também é possível comprovar um precedente de coordenação entre alguns dos artistas dos urbanos da cidade e outras atividades culturais, como a Amadora BD<sup>584</sup>.



Figura 29 – "Lucky Luke de Risko (2010) – realizado no âmbito do Concurso de Pintura de Murais de Banda Desenhada, organizado pela Estradas de Portugal e a Câmara Municipal da Amadora". In "Mapa da Arte Urbana da Amadora", Amadora. Cidade. Disponível em: [http://geoportal.cm-amadora.pt/graffiti/Arte\\_Urbana/index.html](http://geoportal.cm-amadora.pt/graffiti/Arte_Urbana/index.html) (Consultado 05/10/20)

<sup>582</sup> Vide *supra*, p. 25.

<sup>583</sup> Vide "Mapa da Arte Urbana da Amadora", Amadora. Cidade. Disponível em: [http://geoportal.cm-amadora.pt/graffiti/Arte\\_Urbana/index.html](http://geoportal.cm-amadora.pt/graffiti/Arte_Urbana/index.html) (Consultado 05/10/20)

<sup>584</sup> Vide *idem*, *ibidem*.

Movendo para outra arte, de forma a continuar esta aproximação da Antiguidade Clássica ao público, que parece “menos atraído pelo peso da erudição dos clássicos e respetivos conteúdos”<sup>585</sup>, o uso do teatro poderia ser a forma para tal. Neste caso teria de em primeiro lugar haver interesse da população ligada ao teatro, quer sejam amadores, profissionais, ou referindo outra vez os alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema – este poderia ser captado através de mensagens pela Câmara ou o Museu procurando este interesse, tentar perceber se existe ou não, ou através do projeto “Identidades”, que já trabalha em conjunto com a Escola e a Associação dos Amigos da Escola Superior de Teatro e Cinema, com o intuito de promover a prática teatral perante a comunidade sénior na Amadora<sup>586</sup>. A partir daí, seria interessante colocar em palco peças icónicas do mundo do teatro clássico (quer no seu formato tradicional ou modernizadas), apesar de estas serem maioritariamente do período clássico da Grécia Antiga, de autores como Ésquilo (c. 525 a.C.-c. 456 a.C.), Eurípidés (c. 480 a.C.-406 a.C.) ou Sófocles (c. 497 a.C.-c. 406 a.C.), a organização da História em períodos históricos<sup>587</sup> tem maioritariamente agrupado a Grécia antiga com o período Romano no período Clássico, dessa a forma apesar do distanciamento temporal, está

**MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA**  
[NÚCLEO MONOGRÁFICO DA NECRÓPOLE DE CARENQUE]

**20 de maio**  
domingo das 10h00 às 17h00

**RECREIAÇÃO HISTÓRICA**

Para público em geral, famílias, grupos e visitantes individuais

**Entrada:** Gratuita

**Organização:** CMA e ARQA - Associação de Arqueologia da Amadora.

**RECREIAÇÃO HISTÓRICA DO CLÃ DE CARENQUE**

Recriação Histórica pelo “Clã de Carenque” onde poderá realizar uma viagem até ao Neolítico, há cerca de 4000 anos atrás. Conheça e participe nas atividades económicas de uma comunidade pré-histórica. A caça, o talhe de pedra, a tecelagem, a produção de objetos em barro são algumas das atividades que miúdos e graúdos poderão experienciar. Esta iniciativa integra-se nas Comemorações do Dia internacional dos Museus, 18 de maio.



Figura 30 – “Anúncio Agenda Cultural – Recriação Histórica do Clã de Carenque”. In Câmara Municipal Da Amadora, Agenda. biblioteca e Bedoteca. cineteatro e recreios. museus e galeia. Roteiro Cultural do Município da Amadora. mai | jun 18, Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2018, p. 43.

conectado na mente da população, conseguindo assim ligar estes dois períodos, e tornar apropriado uma pequena menção ao Museu Municipal de Arqueologia, ou até a utilização de folhetos como já mencionados para o festival Amadora BD, de forma a promover visitas ao Núcleo Museográfico

<sup>585</sup> Vide Nuno Simões Rodrigues, *op. cit.*, p. 80.

<sup>586</sup> Vide “Projeto “Identidades”, Amadora. Câmara Municipal. *Intervenção Social*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/intervencao-social/seniores/336-projeto-identidades.html> (Consultado 05/01/21)

<sup>587</sup> Esta organização que é utilizada no dia-a-dia e é ensinada nas escolas, e dessa forma interiorizada na mente da população geral.

do Casal da Falagueira e a sítios arqueológico, despertando a curiosidade, o mais essencial com o interesse de atrair um público mais velho, um público adolescente, jovem adulto, adulto ou idoso<sup>588</sup>, a conhecer o Museu.

Ainda na representação, recriações da vida quotidiana romana poderiam ser interessantes nos sítios arqueológicos romanos da Amadora poderia ser uma forma de dinamizar os espaços<sup>589</sup> e de entreter, atualmente tão essencial e fundamental na dinamização da museologia<sup>590</sup>. Este género de atividade já foi anteriormente realizado no âmbito do Museu Municipal de Arqueologia, no Núcleo Monográfico da Necrópole de Carenque (figura 30), poderia se tornar mais complicado na *Villa Romana da Quinta da Bolacha*, devido ao estado de ruína do sítio, podendo assim o contacto humano contribuir ainda mais para a erosão ou desgaste dos sítios arqueológicos<sup>591</sup>, contudo, como mencionado anteriormente, tanto a *villa* como o sítio arqueológico do Moinho do Castelinho já receberam oficinas com crianças, por isso poderia se considerar uma representação, mesmo que mais pequena e com regras mais apertadas, que despertasse o interesse de um novo público.

Outras visitas à *Villa Romana da Quinta da Bolacha*, à Necrópole do Moinho do Castelinho e se possível ao Aqueduto Romano, também podiam ser acompanhadas com outras parcerias de forma a tentar fazer desta visita um evento mais memorável. Isto seria possível com por exemplo a criação de um Dia Romano<sup>592</sup>, acompanhando estas visitas com uma refeição, fazendo uma

---

<sup>588</sup> Sendo que esta peças mencionadas não são normalmente vocacionadas para os públicos mais jovens, a não ser que seja uma adaptação com esse objetivo, mas apela a um público adolescente e mais velho, que melhor entenda os temas desta peça.

<sup>589</sup> A Camara Municipal de Cascais organiza esporadicamente representações de teatro clássico no espaço da *Villa Romana de Freiria*, e a companhia “História Viva” que abriu o ano passado, também leva a cabo várias recriações históricas, mas destacando um foco de recriações focadas na Idade Média.

<sup>590</sup> Vide João Brigola, “A crise institucional e simbólica do museu nas sociedades contemporâneas”, *Museologia.pt*, nº 2, [s.l.], IMC, 2008.

<sup>591</sup> Vide Françoise Choay, “Historic Heritage and the Contemporary Culture Industry”, *The Invention of the Historic Monument*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001, p. 156.

<sup>592</sup> Não consegui encontrar nenhum registo de um dia já existente como celebração do mundo e herança romana, mas seria possível encaixar este dia na celebração do Dia dos Museus a 18 de maio, ou dependendo da meteorologia para visita dos sítios arqueológicos, o dia 15 de março também poderia ser uma boa opção, sendo uma data icónica do mundo romano, por marcar o assassinato de Júlio César.

parceria com um restaurante<sup>593</sup> e trabalhando com um Historiador (com um conhecimento específico sobre alimentação) de forma a disponibilizar uma refeição romana – utilizando apenas ingredientes que já existissem na alimentação do povo romano e tentando utilizar as técnicas desse período<sup>594</sup>, sendo a alimentação uma ótima maneira de “viajar” para o passado e ficar a conhecer um local<sup>595</sup>.

No dia-a-dia do Museu, para além das oficinas para crianças já existentes, uma possibilidade seria também a inserção do Museu Municipal de Arqueologia da Amadora no programa Ama Sénior Lazer<sup>596</sup>, com visitas programadas ao Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, incluindo a oficina para fazer pão<sup>597</sup> ou outras oficinas que possam ser criadas neste espaço<sup>598</sup>, ou até visitas à *Villa Romana da Quinta da Bolacha* (caso o acesso a este sítio seja possível para pessoas com mobilidade reduzida). O Museu já está incluído como um dos locais de interesse cultural no Guia de Recursos Sénior, mas não está incluída em nenhuma das atividades oferecidas no âmbito do programa AmaSénior Viva +.

Contudo a forma mais imediata de fazer este contacto com a comunidade é colocar esta informação e conhecimento mais direto com os habitantes, para isso seria benéfico a inclusão de informação nos pontos culturais de interesse, a colocação de uma placa informativa<sup>599</sup> seria a melhor opção e a mais acessível. Porém para tentar reduzir os custos de uma medida como esta, utilizar as novas tecnologias seria uma técnica menos dispendiosa, para isso seria recomendada a

---

<sup>593</sup> Na situação pós-pandemia, esta parceria também permitiria alguma publicidade para o restaurante e a possibilidade de cobrar preços um pouco mais elevados por esta refeição especial, desta forma seria também benéfico para o restaurante.

<sup>594</sup> Se necessário, poderia se fazer alguns ajustes menos fiéis, mas que correspondam melhor à sensibilidade à alimentação de um público moderno.

<sup>595</sup> Vide “What is Food Tourism?”, *World Food Travel Association*. Disponível em: <https://worldfoodtravel.org/what-is-food-tourism/> (Consultado a 23/02/21)

<sup>596</sup> Ama Sénior Lazer é um programa que oferece atividades de tempos-livres à população de idosa, no âmbito do desporto, cultural ou aprendizagem, sendo possível ter acesso a estas através do AmaSénior Viva +.

<sup>597</sup> Como já mencionado anteriormente, nesta oficina é cozinhado pão usando um forno antigo, que sendo muito diferente do que com crianças, que poderão estar a ver o forno pela primeira vez, neste caso com uma população mais velha pode incluir uma lembrança do passado.

<sup>598</sup> De acordo com as mais recentes atualizações do website da Câmara Municipal da Amadora, várias das oficinas para as crianças estão ao mesmo tempo abertas para os seniores, cultivando interação entre as gerações, mas também seria possível oficinas dedicadas apenas a um destes grupos.

<sup>599</sup> Método que tem sido adotado na zona de Benfica, incluindo em zonas residenciais em muito semelhantes à construção da Amadora.

criação de códigos QR colocados que forma visível e destacada ao lado dos vários marcos de património da Amadora, que liguem diretamente às suas páginas no site da Camara Municipal da Amadora – a grande desvantagem deste método é a exclusão das pessoas que não tem acesso às tecnologias para ler o código QR.

Finalmente outra forma de cultivar este interesse e conhecimento é a criação de uma maior comunicação entre a Amadora e o resto da área metropolitana de Lisboa, um investimento de coordenação entre vários dos espaços romanos encontrados na zona metropolitana de Lisboa, com a proposta de simples itinerários turísticos que possam ser seguidos por turistas à cidade de Lisboa, permitir-lhes o conhecimento para além da capital<sup>600</sup>. Desta forma destacar não só o Museu do Teatro Romano em Lisboa, construído como salvaguarda e promulgação das ruínas do Teatro Romano<sup>601</sup>, ou o Museu Arqueológico do Carmo, que apesar de ter cobrir mais períodos históricos, também destaca epigrafia romana, mas também espaços nos subúrbios, incentivar a exploração da área metropolitana de Lisboa, como o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em Sintra que exhibe tanto vestígios arqueológicos desde da época etrusca à época Moderna e valoriza ruínas romanas na proximidade<sup>602</sup>, ou até com as *villae* romanas de Cascais, nomeadamente a *Villa* Romana de Freiria, que está permanentemente aberta ao público e permite visitas livres (com informação bilíngue)<sup>603</sup> – desta forma incentivar as pessoas a visitar locais diferentes, cidades diferentes unidos pelo mesmo interesse temático, o património romano<sup>604</sup>. Desta forma seria possível expandir o público do Museu Municipal de Arqueologia para o exterior da Amadora (entre 2015-2017 72,3% dos visitantes eram do concelho<sup>605</sup>), aos moradores e visitantes da capital – apelando a outros portugueses que visitam a capital, mas também estrangeiros, sendo a atração

---

<sup>600</sup> Em anexo incluo uma sugestão de um texto para um possível itinerário, que conjuga estes vários dos sítios de interesse e é de um entendimento simples para um visitante.

<sup>601</sup> Vide “Museu de Lisboa. Museu de Lisboa - Teatro Romano”, *Lisboa. Informações e Serviços*. Disponível em: <https://informacoeseeservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/museu-de-lisboa-teatro-romano> (Consultado 02/10/20)

<sup>602</sup> Vide “MASMO | Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas”, *Sintra*. Disponível em: <https://cm-sintra.pt/actualidade/cultura/museus-municipais-de-sintra/museu-arqueologico-de-sao-miguel-de-odrinhas> (Consultado a 02/10/20)

<sup>603</sup> Vide “Património Arqueológico”, *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/listagens/patrimonio-arqueologico> (Consultado a 02/10/20)

<sup>604</sup> Algo que desde de Janeiro de 2021 é facilitado com o lançamento da página da *web* Lisboa Romana.

<sup>605</sup> Vide Ana Margarida Matos Pereira, *op. cit.*, pp. 33-34.

internacional, estando colocada em vários tops de melhores cidades a visitar<sup>606</sup> (desta forma essencial a inclusão do ficheiro áudio de visita guiada em outras línguas).

---

<sup>606</sup> Como por exemplo, top 17 de “25 Best Cities in the World to Visit” por Travel + Leisure (2020), ou top 19 de “48 Best Cities in the World to Visit in 2019” por Time Out.

### 6.3. Conclusões

Concluindo, a valorização e promulgação do património romano da Amadora, tal como a *Villa Romana da Quinta da Bolacha* e o *Aqueduto Romano*, prende-se com uma maior coordenação com outros serviços da cidade, desde a utilização dos serviços escolares a outros equipamentos e eventos culturais, tal com a biblioteca municipal, a *Bedeteca*, o Festival Amadora BD ou as peças teatrais em exibição, entre outras, para desta forma continuar a atrair o público infantil que frequenta este Museu<sup>607</sup>, mas também atrair um novo público, este mais velho do que o atual público principal, através da possibilidade de ter um espaço para informar um novo conjunto de pessoas sobre a existência de este património na Amadora.

Por essa razão ofereci as propostas estabelecidas anteriormente, estas pretendem ser de aplicação simples e especialmente pouco dispendiosa, devido aos valores orçamentais dedicados ao Museu Municipal de Arqueologia serem mais reduzidos, apenas cerca de 3% do orçamento dedicados à cultura. Com esta realidade orçamental em mente e atual conjuntura social com a situação de pandemia<sup>608</sup>, a grande aposta é no reforço e aproveitamento de estruturas e técnicas já existentes na cidade da Amadora como uma forma de valorização da cultura romana antiga, sendo assim a expansão do Museu, com uma especial atenção à acessibilidade e presença *online*, e a tentativa de inclusão desta estrutura em aspetos da Amadora BD ou atividades no âmbito da Biblioteca Municipal ou nos programas de apoios aos mais idosos, tal como já mencionei anteriormente.

Para além da redução de custos, outra das vantagens do uso de outros instrumentos já instalados é o próprio reaproveitamento e atração de uma audiência que já existe, apelar a um grupo de pessoas já organizado, que apesar de terem outros objetivos, poderia ser possível despertar neste grupo um interesse para a cultura Romana Amadoreense, sendo assim possível permitir mais visitas aos espaços patrimoniais romanos.

---

<sup>607</sup> No relatório de estágio de Ana Margarida Matos Pereira são colocadas também algumas propostas de forma a colocar o texto mais fácil de entender por parte deste público mais novo, contudo não perde o apelo ao público mais velho.

<sup>608</sup> Esta criando grandes necessidades de apoios sociais e financeiros de forma a assegurar o desenvolvimento e crescimento da população.

Contudo o objetivo seria sempre que ao longo dos anos continuar a investir na cultura, e com maiores investimentos ser possível melhor e maiores atividades, desde o Dia Romano já mencionado, à criação de uma banda desenhada inspirada pelo Património Romano na Amadora<sup>609</sup>, ou mesmo ainda a nível do teatro e da representação, também possível a própria encenação de uma peça original sobre esta história e o passado.

Estas propostas também tentam conseguir tornar o Museu Municipal de Arqueologia e os outros monumentos romanos neste território apelativo a visitas de fora do concelho, marcando a Amadora como não só um local mais acessível a todos os visitantes, incluindo a um público estrangeiro, mas mais do que isso tornar a Amadora um local de interesse. Este trabalho de valorização pretende marcar a Amadora como uma cidade com história, antiga como é possível ver pela necrópole de Carenque ou o Aqueduto Romano, mas também a história mais recente com memórias do passado rural, com os vários moinhos pela cidade, e do passado industrial, com os Recreios da Amadora<sup>610</sup>, mas também uma cidade culturalmente importante. Desta forma, potencializar o interesse do concelho, e marcá-lo com um lugar tão digno de visita como o resto de distrito de Lisboa no qual pertence.

---

<sup>609</sup> Por exemplo, a banda desenhada de José Ruy, *Levem-me Nesse Novo Sonho!*, que retrata uma versão ficcionada do contributo da Amadora para os avanços aeronáuticos.

<sup>610</sup> Este espaço construído pelos fundadores da Fábrica de Espartilhos Santos Mattos, como um espaço de oferta cultural e de entretenimento para os trabalhadores da fábrica.

## **7. Fontes e Bibliografia:**

### **7.1. Fontes:**

ARAÚJO, Norberto de. (1950). “Aqueduto das Águas Livres”, *Inventário de Lisboa*. Fascículo I, Lisboa, Camara Municipal de Lisboa, 1950, pp. 77-81.

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA (2019, Outubro). *Guia de Recursos Sénior*, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2019, 25 de outubro). *Relatório das Grandes Opções do Plano/Plano Plurianual de Investimentos e Plano de Ações Municipais 2020*, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2019, 25 de outubro). *Relatório do Orçamento Municipal de 2020*, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2019). *Viva+. Programa Ocupacional para Seniores. 2019 | 2020. Ateliês Ocupacionais. Cursos Teóricos. Atividades Físicas*, Câmara Municipal da Amadora.

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA. (2013, Julho). *Carta de Património Cultural*, Município da Amadora.

HOLANDA, Francisco de. (1984). “Capítulo 6.º. Da Água Livre”, *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 24-25.

IDEM. (1984). “Capítulo 7.º. Das Pontes e Calçadas Públicas de Lisboa”, *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 26-28.

MIRANDA, J. A., ENCARNAÇÃO, G., VIEGAS, J. C., ROCHA, E., GONZALEZ, A. (1999). *Carta Arqueológica do Paleolítico ao Romano (Amadora)*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

PLÍNIO, O JOVEM. [s.d]. *Letters of Pliny*. Translated by William Melmoth. Revised by F.C.T. Bosanquet. United States of America, Project Gutenberg.

SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO. (1962). *Carta Militar de Portugal*. Série M 888, Folha 416, Edição 2, [s.l.], Serviço Cartográfico do Exército. [Disponível para consulta no Colégio Luis António Verney da Universidade de Évora]

IDEM. (1965). *Carta Militar de Portugal*. Série M 888, Folha 417, Edição 3, [s.l.], Serviço Cartográfico do Exército. [Disponível para consulta no Colégio Luis António Verney da Universidade de Évora]

IDEM. (1971). *Carta Militar de Portugal*. Série M 888, Folha 431, Edição 3, [s.l.], Serviço Cartográfico do Exército. [Disponível para consulta no Colégio Luis António Verney da Universidade de Évora]

VITRUVIUS. (1914). *The Ten Books on Architecture*. Translated by Morris Hicky Morgan, PH.D., LL.D. Late Professor of Classical Philology in Harvard University. With Illustrations and Original Designs. Prepared under the Direction on Herbert Langford Warren,

A.M. Nelson Robinson Jr. Professor of Architecture in Harvard University. Cambridge & London, Harvard University Press & Oxford University Press.

“The Two Gallieni”, *História Augusta*. Disponível em:  
[https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia\\_Augusta/Gallieni\\_duo\\*.html](https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/Gallieni_duo*.html)  
(Consultado a 20/11/20)

## **7.2. Legislação:**

Decreto-Lei n.º 27/37, de 24 de Junho. *Diário do Governo n.º 145/1937, Série I de 1937-06-24*. Lisboa.

Decreto Lei n.º 45/79, de 11 de Setembro. *Diário da República n.º 210/1979, Série I de 1979-09-11*. Lisboa.

Decreto Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto. *Diário da República n.º 195 - I Série A. Assembleia da República*. Lisboa.

Lei n.º 58/79, de 17 de Setembro. *Diário da República n.º 215/1979, Série I de 1979-09-17*. Lisboa.

Portaria n.º 740-DI/2012, de 24 de Dezembro. *Diário da República n.º 248/2012, 1.º Suplemento, Série II de 2012-12-24*. Lisboa.

*Diário da Assembleia da República. II Legislatura. 1.ª Sessão Legislativa (1976-1977), I Série — Número 81. 2 de Março de 1977, Lisboa, p. 2751*

Projecto de Lei Nº 306/VII, de 12 de Abril de 1997. *Diário da Assembleia da República. VII Legislatura. 2.ª Sessão Legislativa (1996-1997), II Série-A — Número 35*. Lisboa, p. 542.

Projecto de Lei N° 9194/VII, de 13 de Julho de 1996. *Diário da Assembleia da República*.  
*VII Legislatura. 1ª Sessão Legislativa (1995-1996), II Série-A — Número 47*. Lisboa, p. 1329.

### 7.3. Referências Bibliográficas:

ABREU, João; CARVALHO, Margarida; CENTENO, Maria João; PINA, Helena; REZOLA, Maria Inácia; RODRIGUES, José Cavaleiro; FERREIRA, Isabel Simões. (2018). “The Virtual Museum as The Activation and Rewriting of The Urban Landscape”, *Cities in The Digital Age. Exploring Past, Present and Future/Cidades na Era Digital: Explorando o Passado, Presente e Futuro*. Coordenação Alexandra Gago da Câmara, Carlo Bottaini, Daniel Alves, Helena Murteira, Hugo Barreira, Maria Leonor Botelho & Paulo Simões Rodrigues, Porto, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 153-160.

ANDRADE, Marco António. (2011). “O sítio pré-histórico de Monte das Pedras (Mina, Amadora): identificação e caracterização de uma possível oficina de talhe neolítica”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 14, Lisboa, pp. 5–39.

ALARCÃO, Jorge de. (1974). *Portugal Romano*, Lisboa, Editorial Verbo.

ALMEIDA, Maria Mota. (2020, Julho). "O Turismo e o Património Cultural – desafios contemporâneos", *Villae Romanas. Investigação e Inovação. The Roman Villae | Research and Innovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 22-27.

ARCE, Javier. (2006). “Villa e el paisaje rural de Hispania romana durante la Antigüedad tardía”. *Villas tardoantiguas en el Meditteráeo Occidental*, Taravilla. Madrid, pp. 9-15.

BARROS, Filomena; VAL-FLORES, Gustavo; SCHIAVOTTIELLO, Nicola; SILVA, André Filipe Oliveira da. (2018). “Project Évora 3D: Research, Methodology, Reconstruction and Visualization”, *Cities in The Digital Age. Exploring Past, Present and Future/Cidades na Era*

*Digital: Explorando o Passado, Presente e Futuro*. Coordenação Alexandra Gago da Câmara, Carlo Bottaini, Daniel Alves, Helena Murteira, Hugo Barreira, Maria Leonor Botelho & Paulo Simões Rodrigues, Porto, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 11-28.

BLIGH, Lisa. (1999). *The Settlement of Romans and Italians in the Iberian Peninsula to AD 14*. Ph.D., Edimburgh, University of Edimburgh.

BORGES, Marco Oliveira (2017), “A importância estratégica do conhecimento do território na formação de um sistema defensivo: o caso de Sintra (Portugal) durante o Período Islâmico”, *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*, Volume 22, Número 2, Universidad Industrial de Santander, Santander (Colombia), pp. 17-48.

BOWES, Kim. (2011). *Rural Poverty in the Roman Empire*, Philadelphia, University of Pennsylvania.

BRAGA, João Nuno Martins. (2012). *A Cidade Romana: Olisipo, Memória e Uso*. Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura, apresentada à Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/3672>

BRIGOLA, João. (2008). “A crise institucional e simbólica do museu nas sociedades contemporâneas,” *Museologia.pt*, nº2, [s.l.] IMC.

CAETANO, Maria Teresa. (2007). “«O Último Porto de Ulisses»: história, urbanismo e arte de Felicitas Iulia Olisipo”, *Revista de História de Arte*, Nº 4 – Cidades Portuguesas Património da Humanidade, pp. 54-117.

CÂMARA, Maria Alexandra Gago da; MURTEIRA, Helena. (2012, 22 de Novembro). ““Cidade e Espetáculo”: um modelo de laboratório em história da cidade”, *Sessão Temática 6 – História da Cidade: Novas Fronteiras Epistemológicas para o Século XXI*. Atas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França, Lisboa, pp. 251-259.

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA. (2018). *Agenda. biblioteca e Bedeteca. cineteatro e recreios. museus e galeia. Roteiro Cultural do Município da Amadora. mai | jun 18*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2018). *Agenda. biblioteca e Bedeteca. cineteatro e recreios. museus e galeia. Roteiro Cultural do Município da Amadora. out | nov | dez 18*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2019). *Agenda. biblioteca e Bedeteca. cineteatro e recreios. museus e galeia. Roteiro Cultural do Município da Amadora. jul | ago | set | 19*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2018). *Núcleo Museográfico – Casal da Falagueira. Amadora Rural. Exposição Permanente. 3ª Edição*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. [s.d]. *Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2015, Maio). *Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira*, 4ª edição, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. [s.d]. *Sítio Arqueológico. Villa Romana da Quinta da Bolacha. Século III/V*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

IDEM. (2013). *Plano Estratégico de Arborização do Concelho da Amadora*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA; GEODRONE. [s.d]. *Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho*. Exposição Temporária. 12 Jan 2019 | 5 Jan 2020. Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

CANAVARRO, Rita, & BARRIGA, Sara. (2009). “Um piscar de olhos ao património”, *Pedra & Cal*. As Crianças e o Património, Ano XI, Nº 44, Outubro/Novembro/Dezembro, pp. 7-9.

CARDOSO, João Luís. (2008-2009). “Lisboa pre-histórica: novas informações, à luz de antigos documentos”, *Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Volume 60-61, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 89-117.

CARDOSO, João Luís; ZBYSZEWSKI, Georges. (1995). “Três jazidas paleolíticas do complexo basáltico de Lisboa: Damaia, Venteira e Casal da Barroca (Amadora)”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Vol. 5, Oeiras, Camara Municipal de Oeiras, 1995, pp. 23-37. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/4590>

CARDOSO, João Luís; ZBYSZEWSKI, Georges; ANDRÉ, Maria da Conceição. (1992). “O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/6093>

CARNEIRO, André. (2016). “A *villa* romana, entre a construção literária e a realidade construída”, *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 27, Cordoba, pp. 77-96. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/20125>

IDEM. (2017). "O Final das *Villae* Na Lusitânia Romana. O exemplo da Horta da Torre (Fronteira)", *Urbs Regia. Orígenes Da Europa*, nº2, Toledo, Asociación Cultural Urbs Regia, pp. 56-59.

IDEM (2020). "Povoamento rural na Lusitania", *História de Roma Antiga. Volume II. Império Romano do Ocidente e Romanidade Hispânica*. Coordenado por José Luís Brandão e Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 453-470.

CARVALHO, Pedro Sobral de. (2020, Julho). "Valorização de sítios arqueológicos em Portugal", *Villae Romanas. Investigação e Inovação. The Roman Villae / Research and Innovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 162-163.

CHOAY, Françoise. (2001). “Historic Heritage and the Contemporary Culture Industry”, *The Invention of the Historic Monument*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 138-163.

CÓIAS, Vítor. (2009, Outubro/Novembro/Dezembro). “Os miúdos e o futuro – o poder do exemplo,” *Pedra & Cal*. As Crianças e o Património, Ano XI, Nº 44, p. 2.

CRUCHO, Emanuel Augusto Lopes. (2013). *Caracterização física do concelho da Amadora e susceptibilidade às inundações*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território, apresentada ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/20515>

D’ENCARNAÇÃO, José. (2020, Julho). “*Villae Romanas*”, *Villae Romanas. Investigação e Inovação. The Roman Villae / Research and Innovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 8-17.

DEAROLPH, Amanda. (2014). *Social Media and Museums: The Obstacles and Benefits of Creating an Online Presence*, Seattle, University of Washington.

DELICADO, Alda. (2011). *Contributo para a caracterização do mundo rural olisiponense*. Dissertação de Mestrado de História Antiga, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

DEMETRESCU, Emanuel; FERDANI, Daniele; PAGANO, Alfonsina; & PIETRONI, Eva. (2020, Julho). "Roman Villas and Domus. From Digital Acquisition on the Fiel to Novel Approaches in Interactive Storytelling Inside VR Enviroments", *Villae Romanas. Investigação e*

*Inovação. The Roman Villae / Research and Innovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 164-185.

DEPARTAMENTO DE ACÇÃO SOCIOCULTURAL – DIVISÃO DE MUSEUS. (1997, 20 a 23 de Fevereiro). *3º Encontro Arqueologia Urbana*. [s.l.], Departamento de Acção Sociocultural – Divisão de Museus.

DIG – DIVISÃO DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA. (2014). *Amadora em Números. Amadora Data*, Amadora, Camara Municipal da Amadora, 2014.

DIZ DE ALMEIDA, Catarina; SIMÕES, Daniela; GLÓRIA, Ana Celeste. (2018). *Da Revitalização à Ruína, Lisboa, Instituto de História Contemporânea, FCSH/UNL*. Disponível em: <http://ihc.fcs.unl.pt/patrimonializacao-sustentabilidade/>

DROPA, Marcia Maria, & OLIVEIRA, Rita de Cássia da. (2015, 26 a 29 de outubro). “As Relações entre Educação, Cultura e Patrimônio: Apontamentos Teóricos”, *EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação*, pp. 2729-2743.

ENCARNAÇÃO, Gisela. (2010). *Amadora Rural*, Camara Municipal da Amadora, DEDS/Divisão de Intervenção Cultural & Museu Municipal de Arqueologia/Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, Amadora.

ENCARNAÇÃO, Gisela de Carvalho Guina da. (2010). *As Cerâmicas Carenadas do Povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Um Contributo para o seu Estudo*.

Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

IDEM. (2019). *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia. Proposta de Novo Programa Museológico: Museu da Amadora*. Dissertação de Mestrado em Museologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

ENCARNAÇÃO, Gisela; ALMEIDA, Nelson J. (2017). *O Povoado da Povoado da Espargueira/Serra das Éguas. Trabalhos Arqueológicos Realizados entre 2003 e 2008*, Amadora, Associação de Arqueologia da Amadora & Câmara Municipal de Amadora.

ENCARNAÇÃO, Gisela; DIAS, Vanessa. (2017). “Estado Atual do Conhecimento Acerca do Povoamento em Época Romana na Amadora”, *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado de Arte*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 171-183.

IDEM. (2020). "Povoamento em época romana na amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar", *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1361-1370.

IDEM. (2019). *Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho*. Exposição Temporária. 12 Jan 2019 | 5 Jan 2020. Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

ENCARNAÇÃO, G.; MIRANDA, J.; ROCHA, E. (1999). *Catálogo da Exposição do Paleolítico ao Romano*, Amadora, Museu Municipal de Arqueologia.

FABIÃO, Carlos. (2017). “No Seio de *Olisipo*”, *31 Cordon Lisboa. Um edifício com história*. Eon – Indústrias Criativas, pp. 23-41.

IDEM. (2014, dezembro). “Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica”, *Cira. Arqueologia. Atas. Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo*, nº3, Vila Franca de Xira, pp. 9- 24.

FERNANDES, Filipe Miguel Garcia. (2013). *A Romanização da Península Ibérica. Uma utilização didáctica de Fontes Históricas no estudo da integração de uma região periférica no Universo Imperial*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de História e Geografia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

FERNANDES, Paulo Almeida (2003), “A marginalidade do lado cristão: o breve exemplo dos moçárabes de Lisboa”, *Livro de Homenagem — Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, Universidade do Porto, Porto, pp. 1231-1237.

IDEM (2007), “Os moçárabes de Lisboa e a sua importância para a evolução das comunidades cristãs sob domínio islâmico”, *A Nova Lisboa Medieval: Atas do II Encontro*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, pp. 71- 83.

FERREIRA, Pedro Neto. (2015). *Estudo paleobiológico de três locais arqueológicos do concelho da Amadora, Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologias Humanas, apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/30974>

FIGUEIRA, Arlete Andrade. (2018). *A cerâmica comum da villa romana da Quinta da Bolacha (Amadora, Portugal)*. Dissertação de Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/32182>

FREITAS, Maria Ana Pelica Garcia de. (2016). *Teatros e cineteatros municipais – uma reflexão sobre políticas, redes e equipamentos*. Dissertação de Mestrado de Gestão e Estudos da Cultura, apresentada ao ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.

GARCIA, Jorge Tomás. (2018). “Cultura material y cultura visual de las villae en el ager de Olisipo”, *Revista de Humanidades*, nº 33, Sevilha, pp. 11-36.

GLÓRIA, Ana Celeste; ALMEIDA, Catarina Diz de; SIMÕES, Daniela V. De Freitas. (2018). “Da Revitalização à Ruína — o caso paradigmático da Quinta Grande”, *Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospectiva*, Lisboa, Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, pp. 578-593.

GONÇALVES, Jorge; COSTA, António Ricardo da Costa; & ABREU, Rui. (2015). “Starting over: A focused vision for the old suburbs of Lisbon”, *Urban Design International*, [s.l.], Macmillan Publishers Ltd., pp. 1–14.

GONÇALVES, Luís Ribeiro (2011), *Sistemas de Povoamento e Organização Territorial: Dois Vales na Periferia de Lisboa (Séculos IX – XIV)*. Dissertação de Mestrado em História Medieval, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

GOUVEIA, Cristina Maria de Abreu. (2018). *Gente da Amadora, História e Memória Ilustradas*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/67812>

GUBERNATIS, Helena de. (2009, Outubro/Novembro/Dezembro). “Crianças e Património”, *Pedra & Cal*. As Crianças e o Património, Ano XI, Nº 44, pp. 4-6.

GUERRA, Amílcar. (2010). “A Lusitânia no Tempo de Ovídio: Metamorfozes de uma Província”, *Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio*. Coordenado por Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010, pp. 207-220.

LOPES, Rodrigo Jorge Ferreira da Silva. (2013). *Análise de Perfil Biológico das Séries Osteológicas das Necrópoles de Casal de S. Brás e Serra de Carnaxide*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/30708>

MANTAS, Vasco Gil. [s.d]. “As Cidades Romanas de Portugal. Problemática Histórica e Arqueológica”, *História Antiga: Relações Interdisciplinares. Paisagens Urbanas, Rurais & Sociais*. Carmen Soares, José Luís Brandão & Pedro C. Carvalho (coords.), Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 21-51.

IDEM. (2012). “População e mobilidade nas Cidades Romanas de Portugal”, *Cidade Antiga. Cidade Medieval*, Volume 2, I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, pp. 99-125.

MARTINS, Miguel Maia Gil. (2018). *A Dotação do Espaço Público num Contexto de Urbanismo Sustentável: O Caso da Amadora*. Dissertação de Mestrado em Urbanismo Sustentável e Ordenamento do Território, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

MASCARENHAS, José Manuel de; BILOU, Francisco; NEVES, Nuno Sousa. (2012). “O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica,” *Revista Portuguesa de História*, nº 43, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, pp. 239-264.

MATIAS, Ana Sofia Lacerda. (2017). *Povoamento rural romano e usos potenciais da terra em torno da capital da civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal)*. Dissertação de Mestrado de Arqueologia e Território, na área de especialização em Arqueologia Romana, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

MCNEIL, Lindsay. (2005). *Romanization and Ancient Iberia: Religion and Ideology*. Senior Thesis. Western Oregon University.

MEIRA, Catarina Barradas. (2015). *As Necrópoles alto-medievais do Concelho de Cascais (Séculos VI e VII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/17317>

MEYERS, Phillip James. (2016, June). *Developing Identities within Roman Iberia: Hybridity, Urbanism, and Economics in Southern Iberia in the Second and First Centuries BC*. A

thesis submitted to the University of Birmingham for the degree of Doctor of Philosophy. Birmingham.

MIRANDA, Marta. (2009, Outubro/Novembro/Dezembro). “Viajar no tempo através do património histórico e arqueológico do concelho de Mafra”, *Pedra & Cal*. As Crianças e o Património, Ano XI, Nº 44, pp. 16-18.

MONTEIRO, João Gouveia. (2015). “As Guerras Púnicas”, *História de Roma Antiga. Volume I. Das Origens à Morte de César*. Coordenado por José Luís Brandão e Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 145-200.

MORAIS, A. (2008-2009) “Era uma vez uma cidade chamada Amadora...”, *Psilogos. Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca, E.P.E.*, 6(2)/7(1-2), pp. 120-126. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.10/431>

MOTA, Nuno; PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha da. (2014, Dezembro). “Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70”, *Cira-Arqueologia Iii – Atas - Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo*, pp. 149-176.

NASCIMENTO, Mélanie da Silva do. (2012). *Educação em Património Histórico-Artístico para os Alunos do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar, Tomar.

NUNES, João Paulo Avelãs. (2017, Julho). “História e historiografia, património cultural e museologia, lazer e turismo culturais: uma abordagem deontológico-epistemológica e teórico-metodológica”, *Revista de Teoria da História*, volume 17, nº 1, Goiânia, pp. 162-182. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/46357>

OLIVEIRA, Francisco. (2015). "Consequências da expansão romana", *História de Roma Antiga. Volume I. Das Origens à Morte de César*. Coordenado por José Luís Brandão e Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 233-312.

PATROCÍNIO, Manuel F. S. (2016). “As Cartas de Plínio, o Jovem”, *Uma história de Jardins. A Arte dos Jardins. Na Traditória e na Literatura*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal & Caleidoscópio, pp. 13-26.

PEREIRA, Ana Margarida Matos. (2018). *Renovação museográfica das exposições do Museu Municipal de Arqueologia da Câmara Municipal da Amadora*. Relatório de Estágio de Mestrado em Comunicação de Ciência, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/46236>

PÉREZ, Jesús Acero. (2019, Novembro). "O ciclo urbano da água no Portugal romano", *Anais Leirienses. estudos & documentos*, nº 4, Leiria, Hora de Ler, pp. 137-168.

PESSOA, Miguel. (2007). “Mosaicos da Villa Romana do Rabaçal, Penela, Portugal: Prelúdio de Arte Bizantina?”, *Revista de História da Arte*, nº 3 – “Iconografia – Imagens e Interpretações”, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, pp. 84-101.

IDEM. (2008). "Um *Stibadium* com Mosaico na *Villa Romana* do Rabaçal. De Cenário Áulico a Chão de Culto Cemiterial – De Chão Agricultado às Primícias Arqueológicas", *Revista de História da Arte*, nº 6 – “O Mosaico na Antiguidade Tardia”, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, pp. 131-169.

PIMENTA, João. (2014, dezembro). “Os Contextos da Conquista. *Olisipo e Decimo Jvnio Bruto*”, *Cira. Arqueologia. Atas. Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo*, nº3, Vila Franca de Xira, pp.44-60.

RAPOSO, Luís. (2020, Julho). "Alindar ou reinventar sítios arqueológicos para turistas ver?", *Villae Romanas. Investigação e Inovação. The Roman Villae | Research and Inovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 142-145

REIS, Maria Pilar Miguel dos. (2014). *De Lvsitaniae Vrbim Balneis. Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Volume I. Tese de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

RIBEIRO, Inês & POLICARPO, Raquel. (2020, Julho). "Estratégias e serviços de promoção turística do património cultural: a experiência da Time Travellers", *Villae Romanas. Investigação e Inovação. The Roman Villae | Research and Inovation*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 158-161.

RODRIGUES, Nuno Simões. (2003). “A Antiguidade Clássica em Banda Desenhada”, *Som e Imagem no Ensino dos Estudos Clássicos*. Coordenadores José Ribeiro Ferreira & Paula

Barata Dias, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos/Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Letras de Coimbra, pp. 51-81.

IDEM. (2012). “*Poppaea Serpens*: Construções cinematográficas da anti-heroína da antiguidade”, *Figuras do Herói. Literatura Cinema Banda Desenhada*. Organização de Cristina Álvares, Ana Lúcia Curado & Sérgio Guimarães de Sousa, Braga, Húmus & Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, pp. 259-276.

SANTIAGO, Cybèle Celestino. (2009, Outubro/Novembro/Dezembro). “As crianças e o património: algumas experiências no Brasil”, *Pedra & Cal*. As Crianças e o Património, Ano XI, Nº 44, pp. 26-27.

SHEHADE, Maria; STYLIANOU-LAMBERT, Theopisti. (2020, Junho). “Virtual Reality in Museums: Exploring the Experiences of Museum Professionals”, *Applied Sciences*, Volume 10, Issue 11, [s.l.], MDPI.

SHERIDAN, Thomas B. (1992). “Musings on Telepresence and Virtual Presence”, *PRESENCE: Virtual and Augmented Reality*, Volume 1, Issue 1, Cambridge, Massachusetts Institute of Technology, pp. 120-126.

SILVA, Rodrigo Banha da. (2014, dezembro). “Intervenção Arqueológica Urbana de 1933 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/Largo das Portas do Sol (Lisboa): As Evidências do Período Romano.”, *Cira. Arqueologia. Atas. Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo*, nº3, Vila Franca de Xira, pp. 178-199.

SMITH, J. T. (1997). *Roman Villas. A Study in Social Structure*. Drawing by A. T. Adams. London, Routledge.

SOUSA, Alberto José Frutuoso Ribeiro de. (2012). *As termas públicas e privadas de Bracara Augusta: Os casos de estudo da R. D. Afonso Henriques e da R. Gualdim Pais*. Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga.

SOUSA, Elisa de. (2013). “A Idade do Ferro no concelho da Amadora”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 16, Lisboa, pp. 149-165.

SOUTO, Olga Rosa dos Remédios Rodrigues. (2017). *Educação, Arte e Património. Projeto de educação artística e patrimonial dirigido a crianças dos 4 aos 12 anos, desenvolvido no Mosteiro da Batalha e em residência artística na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*. Trabalho de Projecto de Mestrado em Educação Artística, apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.

VALENTE, Catarina Martins Carvalho Lourenço. (2014). *Graffiti e Banda Desenhada: diálogos artísticos na cidade da Amadora*. Projeto do Curso Pós-Graduado de Especialização em Comunicação de Tendências, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

XAVIER, Gabriela. (2013). *Pela Estrada da Porcalhota*. Exposição Temporária, Amadora, Câmara Municipal da Amadora.

ZBYSZEWSKI, Georges; CARDOSO, João Luís. (1985). “O Paleolítico do antigo campo de aviação de Amadora”, *Arqueologia*, Número Doze, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (G.E.A.P.), pp. 56-70. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/6188>

#### 7.4. Referências Eletrónicas:

ACKERMAN, James S.; GOWANS, Alan; SCRUTON, Roger; COLLINS, Peter. “Architecture”, *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/architecture> (Consultado a 19/10/19)

ALVES, Clara Ferreira. “O futuro das cidades”, *Expresso*. Disponível em: [https://expresso.pt/opiniaopiniaopinia\\_clara\\_ferreira\\_alves/o-futuro-das-cidades=f534562](https://expresso.pt/opiniaopiniaopinia_clara_ferreira_alves/o-futuro-das-cidades=f534562) (Consultado 03/12/20)

CLEMENCE, Sara. "The Top 25 Best Cities in the World", *Travel + Leisure*. Disponível em: <https://www.travelandleisure.com/worlds-best/cities> (Consultado a 10/01/21)

GAIO, José. (2020, 29 de janeiro). "Constância | Crianças sensibilizadas para salvaguardar património imaterial", *mediotejo.net*. Disponível em: <https://www.mediotejo.net/constancia-criancas-sensibilizadas-para-salvaguardar-patrimonio-imaterial/> (Consultado a 16/08/20)

GEODRONE. “Modelo 3D Escavações Arqueológicas – Amadora”, *Sketchfab*. Disponível em: <https://sketchfab.com/3d-models/modelo-3d-escavacoes-arqueologicas-amadora-762e460a51514c649da11659a6ab1717> (Consultado a 02/12/20)

LUSA. (2019, 10 de Abril). “Vestígios romanos na Grande Lisboa originam rede de 350 sítios arqueológicos”, *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/04/10/local/noticia/vestigios-lisboa-romana-originam-rede-350-sitios-arqueologicos-21-municipios-1868792> (Consultado a 25/02/21)

MANNING, James; *Time Out* contributors. “The 48 best cities in the world to visit in 2019”, *Time Out*. Disponível em: <https://www.timeout.com/things-to-do/best-cities-in-the-world> (Consultado a 10/01/21)

MCDOWALL, Carolyn. “An Ancient Roman Villa – A Cultural Ideal of Rural Life Pt 1”, *The Culture Concept Circle*. Disponível em: <https://www.thecultureconcept.com/an-ancient-roman-villa-a-cultural-ideal-of-rural-life-pt-1> (Consultado a 19/10/19)

NÚCLEO MUSEOGRÁFICO DO CASAL DA FALAGUEIRA. “Moinho do Penedo. 3D Model”, *Sketchfab*. Disponível em: <https://sketchfab.com/3d-models/moinho-do-penedo-010ee176536147a889d5d990f14bd249> (Consultado a 02/12/20)

PIMENTA, Rita. (2016, 18 de Maio). "Um festival para aproximar as crianças do património cultural", *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/05/18/local/noticia/um-festival-para-aproximar-as-criancas-do-patrimonio-1732233> (Consultado a 16/08/20)

SANTOS, Lina. “D. João V volta aos espetáculos, um cineatro num prédio onde vive gente”, *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/artes/d-joao-v-volta-aos-espetaculos-um-cineatro-num-predio-onde-vive-gente-4760583.html> (Consultado a 28/08/20)

SEBASTIÃO, Luís Filipe. (2007, 28 de Outubro). “100 anos depois, o último sopro da tradição rural na Porcalhota”, *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2007/10/28/jornal/100-anos-depois-o-ultimo-sopro-da-tradicao-rural-na-porcalhota-235370> (Consultado a 11/11/20)

“Acheulean Industry”, *Britannica*. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/topic/Acheulean-industry> (Consultado a 26/11/20)

“Aldeia da Falagueira”, *Diario de Bordo. Por aqui, por ali e mais além*. Disponível em:  
<https://mtfoliveira.blogspot.com/2018/11/aldeia-da-falagueira.html> (Consultado a 26/11/20)

“Amadora BD. AMADORA BD 30ª Edição.  
Photo: Rui Vasco 2019”, *Facebook*. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/amadorabd/photos/10157023263562701> (Consultado a 2/12/20)

“Amadora desaparecida. Estação da Porcalhota - A "Estação da Porcalhota" mudou de nome por despacho real, em 1 de fevereiro de 1908 para "Estação da Amadora". Visto que nesta foto a placa ainda informa "Porcalhota", crê-se que esta foto seja anterior a esta data. Para além destes cálculos, parece-me uma excelente fotografia sobre um dos pontos cruciais da nossa cidade: A estação ferroviária.”, *Facebook*. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/amadoradesaparecida/photos/540272452704508> (Consultado a 26/11/20)

"Amadora desaparecida. Moinhos da Falagueira e Casa de Malta em 1914 - Cortesia Jorge Lucas", *Facebook*. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/amadoradesaparecida/photos/a.470493883015699/1208006802597733/?type=1&theater> (Consultado a 26/11/20)

“AmaSénior Lazer”, *Amadora. Câmara Municipal. Intervenção Social*. Disponível em:  
<https://www.cm-amadora.pt/intervencao-social/seniores/343-ama-senior-lazer.html> (Consultado 05/01/21)

“AmaSénior Viva +”, *Amadora. Câmara Municipal. Intervenção Social*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/intervencao-social/seniores/342-amasenior-viva.html> (Consultado 05/01/21)

“Apresentação”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/645-apresentacao.html> (Consultado a 04/09/20)

“Aqueduto Romano”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/744-imoveis-de-interesse-publico-aq-romano.html> (Consultado a 07/10/19)

*ARQA. Associação de Arqueologia da Amadora. 1988-2013*. Disponível em: <https://arqa.pt/> (Consultado a 12/05/20)

“As Cidades Romanas Da Lusitânia em Actual Território Português: Apresentação e Bibliografia (Em Elaboração)”, *A Lusitânia*. Disponível em: <http://ascidadesdalusitania.blogspot.com/p/as-cidades-romanas-da-lusitania.html> (Consultado a 02/01/21)

“Basilica Saint-Seurin and Palais Gallien”, *France World Heritage Sites*. Disponível em: <https://france-world-heritage.com/basilica-saint-seurin-and-palais-gallien> (Consultado a 20/11/20)

“Baútas – Povoado”, *ARQA. Associação de Arqueologia da Amadora. 1988-2013.*  
Disponível em: <https://arqa.pt/arqueossit/bautas.htm> (Consultado a 26/11/20) ´

“Bordeaux Roman Amphitheatre – Le Palais Gallien”, *Archeology Travel.* Disponível em:  
<https://archaeology-travel.com/france/bordeaux-roman-amphitheatre/> (Consultado a 20/11/20)

“Chalet Desidéria”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico.*  
*Forte de Sacavém.* Disponível em:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=35892](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35892) (Consultado a  
26/11/20)

“Comunicado | Cancelamento Do Festival Amadora Bd 2020”, *Amadora. Câmara Municipal.* Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/4394-comunicado-cancelamento-do-festival-amadora-bd-2020.html> (Consultado a 02/01/2021)

“Concurso «A Minha Escola Adota um Museu, um Palácio, um Monumento...»”, *Direção-Geral da Educação.* Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/concurso-minha-escola-adota-um-museu-um-palacio-um-monumento> (Consultado a 03/12/20)

“Copy & Print”, *Staples.* Disponível em:  
<https://www.staples.pt/Content/Static/buyingguides/copyprint/precario.cshtml> (Consultado a  
02/12/20)

"Fachada da Casa do Infantado/Palácio da Porcalhota", *Amadora. Câmara Municipal. Cultura.*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/747-imoveis-de-interesse-mun-casa-infantado.html> (Consultado a 26/11/20)

“Fachada da Casa do Infantado / Palácio da Porcalhota”, *Património Cultural. Direção-Geral do Património Cultural.* Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/11647332> (Consultado a 26/11/20)

“Food Tourism 101”, *Culinary Tourism Alliance.* Disponível em: <https://www.culinarytourismalliance.com/food-tourism-101> (Consultado a 23/02/21)

“História e Missão”, *ESTC. Escola Superior de Teatro e Cinema. Instituto Politécnico de Lisboa.* Disponível em: <https://www.estc.ipl.pt/historia-e-missao/> (Consultado a 03/12/20)

*História Viva Recriações.* Disponível em: <https://www.historiaviva.pt/> (Consultado a 04/12/20)

*Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo.* Disponível em: <https://lisboaromana.pt/> (Consultado a 14/01/21)

“Livros PNL”, *Ler+. Plano Nacional de Leitura. 2027.* Disponível em: [http://pnl2027.gov.pt/np4/livrospnl?cat\\_livrospnl=catalogo\\_blx](http://pnl2027.gov.pt/np4/livrospnl?cat_livrospnl=catalogo_blx) (Consultado a 28/10/20)

“Mapa da Arte Urbana da Amadora”, *Amadora. Cidade*. Disponível em: [http://geoportal.cm-amadora.pt/graffiti/Arte\\_Urbana/index.html](http://geoportal.cm-amadora.pt/graffiti/Arte_Urbana/index.html) (Consultado 05/10/20)

“MASMO | Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas”, *Sintra*. Disponível em: <https://cm-sintra.pt/actualidade/cultura/museus-municipais-de-sintra/museu-arqueologico-de-sao-miguel-de-odrinhas> (Consultado a 02/10/20)

“Museu Municipal de Arqueologia”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia.html> (Consultado a 04/09/20)

“Núcleo Museológico do Moinho do Penedo”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura..* Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/3160-nucleo-museologico-do-moinho-do-penedo.html> (Consultado a 24/11/20)

“O mundo romano. Conquistas e economia”, *Páginas com História*. Disponível em: <http://jolenaval.blogspot.com/2013/08/o-mundo-romano-conquistas-e-economia.html> (Consultado a 02/01/21)

“O Paleolítico em Portugal”, *infopedia. Dicionários Porto Editora*. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$o-paleolitico-em-portugal](https://www.infopedia.pt/$o-paleolitico-em-portugal) (Consultado a 26/11/20)

“Olisipo: descubra como era Lisboa no tempo dos Romanos”, *VortexMag*. Disponível em: <https://www.vortexmag.net/olisipo-descubra-como-era-lisboa-no-tempo-dos-romanos/> (Consultado a 26/11/20)

“Palácio da Casa do Infantado / Palácio da Porcalhota de Cima”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém*. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=34640](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=34640) (Consultado a 26/11/20)

“Património Arqueológico”, *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/listagens/patrimonio-arqueologico> (Consultado a 02/10/20)

“Pioneiros da Aviação Portuguesa”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/conhecer-a-amadora/772-pioneiros-da-aviacao-portuguesa.html> (Consultado a 22/02/21)

*Pordata*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Home> (Consultado em 21/01/20)

“Porque se chama saloios aos habitantes dos arredores de Lisboa?”, *VortexMag*. Disponível em: <https://www.vortexmag.net/porque-se-chama-saloios-arredores-de-lisboa/> (Consultado a 12/04/21)

“Projeto "Identities", *Amadora. Câmara Municipal. Intervenção Social*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/intervencao-social/seniores/336-projeto-identidades.html> (Consultado 05/01/21)

“Publicações”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/678-publicacoes.html> (Consultado a 27/02/21)

“Quinta de São Miguel”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/765-outros-monumentos-qt-sao-miguel.html>  
(Consultado a 26/11/20)

“Quinta do Assentista”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/764-outros-monumentos-qt-assentista.html>  
(Consultado a 26/11/20)

“Quinta do Outeiro”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/752-imoveis-de-interesse-mun-qt-outeiro.html>  
(Consultado a 26/11/20)

“Resenha histórica”, *Assembleia Municipal da Amadora*. Disponível em: <https://www.am-amadora.pt/web/resenha-historica> (Consultado em 20/03/20)

“Ruínas da antiga barragem romana donde partia um aqueduto para Olisipo”, *Património Cultural. Direção-Geral do Património Cultural*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69751/> (Consultado em 02/11/20)

“Villa Lusitano-Romana de Torre de Palma / Estação romana de Monforte”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém*. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1853](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1853) (Consultado a 25/02/21)

“Villa Romana da Quinta da Bolacha”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/patrimonio/743-imoveis-de-interesse-publico-villa-r-qt-bolacha.html> (Consultado a 07/10/19)

“Villa Romana da Quinta da Bolacha”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <http://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/675-villa-romana-da-quinta-da-bolacha.html> (Consultado a 07/10/19)

"Villa Romana de Casais Velhos", *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/list/patrimonio/villa-romana-de-casais-velhos-patrimonio-arqueologico> (Consultado a 14/09/20)

"Villa Romana de Freiria", *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/list/patrimonio/villa-romana-de-freiria-patrimonio-arqueologico> (Consultado a 14/09/20)

"Villa Romana de Miroiço – Malveira", *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/list/patrimonio-arqueologico/villa-romana-de-miroicos-malveira> (Consultado a 14/09/20)

"Villa Romana de Miroiço – Manique", *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/list/patrimonio-arqueologico/villa-romana-de-miroico-manique> (Consultado a 14/09/20)

"Villa Romana de Outeiro de Polima", *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/list/patrimonio-arqueologico/villa-romana-de-outeiro-de-polima> (Consultado a 14/09/20)

“Villa Romana de Rio Maior”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém*. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=27108](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27108) (Consultado a 25/02/21)

“Villa Romana de São Cucufate / Ruínas do Convento de São Cucufate / Ruínas de Santiago”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém*. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1044](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1044) (Consultado a 25/02/21)

"Villa Romana do Alto do Cidreira", *Cultura. Cascais*. Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/list/patrimonio/villa-romana-do-alto-do-cidreira-patrimonio-arqueologico> (Consultado a 14/09/20)

“Villa Romana do Rabaçal”, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Forte de Sacavém*. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2608](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2608) (Consultado a 25/02/21)

“Visitas Virtuais ao Património”, *Amadora. Câmara Municipal. Cultura*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/cultura/museu-municipal-de-arqueologia/4266-visitas-virtuais-ao-patrimonio.html> (Consultado a 04/09/20)

“What is Food Tourism?”, *Food 'n Road*. Disponível em: <https://foodandroad.com/pro/food-tourism/> (Consultado a 23/02/21)

“What is Food Tourism?”, *World Food Travel Association*. Disponível em: <https://worldfoodtravel.org/what-is-food-tourism/> (Consultado a 23/02/21)

#### **7.4.1. Vídeos:**

CANAL CASCAIS. "Villa Romana Freiria | Visita guiada por Severino Rodrigues", *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVWBVSTVzJw&t=29s> (Consultado a 22/10/20)

CARLOS CARPETUDO. "A villa romana da Horta da Torre 3D", *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0zyEanG9aVk> (Consultado a 30/10/20)

MUNICIPIOAMADORA. “Amadora tem Cor”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x8x857ZTS8M&feature=youtu.be> (Consultado a 07/10/20)

IDEM. “Moinho do Penedo | Visita Virtual”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fT7RJNEsmbY&feature=youtu.be> (Consultado a 02/12/20)

IDEM. “Visita ao Núcleo Museológico do Casal da Falagueira | Parte 1”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x8x857ZTS8M&feature=youtu.be> (Consultado a 07/10/20)

IDEM. “Visita ao Núcleo Museológico do Casal da Falagueira | Parte 2”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEEEsICLvwc&feature=youtu.be> (Consultado a 07/10/20)

MUSEU NACIONAL DE ARTE ROMANO MÉRIDA. “Conferencia ‘Carlos Fabião’ – Olisipo”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OtgKvECVL2A&feature=youtu.be> (Consultado a 05/11/20)

MUSEU DE ARQUEOLOGIA AMADORA. “Fábrica de Espartilhos Santos Mattos em 1911 - Visita virtual”, *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bktybXhj6Wc> (Consultado a 22/02/21)

“Alto da Vigia, Colares” (2020), *Visitas Guiadas* (2014-). Autoria Paula Moura Pinheiro. RTP – Rádio e Televisão de Portugal: Portugal [App online]

“Aqueduto das Águas Livres, Lisboa” (2018), *Visitas Guiadas* (2014-). Autoria Paula Moura Pinheiro. RTP – Rádio e Televisão de Portugal: Portugal [App online]

“Campo Arqueológico de Mértola” (2018), *Visitas Guiadas* (2014-). Autoria Paula Moura Pinheiro. RTP – Rádio e Televisão de Portugal: Portugal [App online]

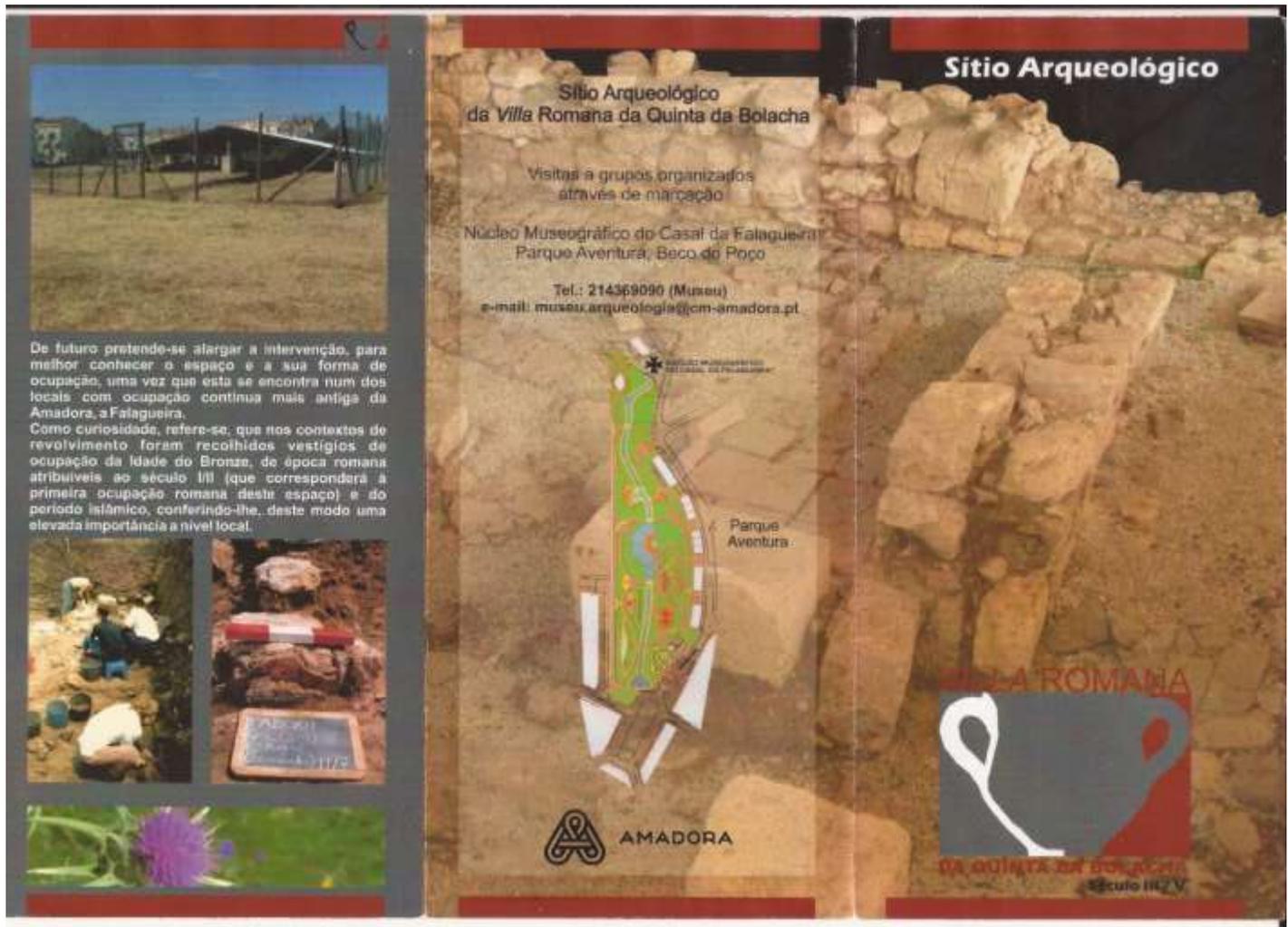
“Cerca Moura de Lisboa” (2018), *Visitas Guiadas* (2014-). Autoria Paula Moura Pinheiro. RTP – Rádio e Televisão de Portugal: Portugal [App online]

“Concursos Nacional e Municipal de Banda Desenhada no Amadora BD”, *TVAmadora*.  
Disponível em: <https://www.tvamadora.com/Home/Video/3363> (Consultado a 2/12/20)

“Museu Arqueológico São Miguel de Odrinhas (MASMO), Sintra” (2020), *Visitas Guiadas* (2014-). Autoria Paula Moura Pinheiro. RTP – Rádio e Televisão de Portugal: Portugal [App online]

## 8. Anexos Gráficos

### 8.1. Folheto do Sítio Arqueológico da *Villa* Romana da Quinta da Bolacha



**Sítio Arqueológico da Villa Romana da Quinta da Bolacha**

Visitas a grupos organizados através de marcação

Núcleo Museográfico do Casal da Falaqueira  
Parque Aventura, Beco do Poço

Tel.: 214369090 (Museu)  
e-mail: [museu.arqueologia@cm-amadora.pt](mailto:museu.arqueologia@cm-amadora.pt)

De futuro pretende-se alargar a intervenção, para melhor conhecer o espaço e a sua forma de ocupação, uma vez que esta se encontra num dos locais com ocupação continua mais antiga da Amadora, a Falagueira. Como curiosidade, refere-se, que nos contextes de revolvimento foram recolhidos vestígios de ocupação da Idade do Bronze, de época romana atribuíveis ao século III (que corresponderá a primeira ocupação romana deste espaço) e do período islâmico, conferindo-lhe, deste modo uma elevada importância a nível local.

Parque Aventura

AMADORA

**VILLA ROMANA**  
DA QUINTA DA BOLACHA  
século III V

As **villae** termo latino que designa grandes unidades de produção agro-pecuária, basicamente semelhantes ao que hoje se entende por latifúndio, localizavam-se fora dos limites das cidades romanas, onde se insere o actual território da Amadora.



Na Amadora apenas temos conhecimento da existência de uma **villa romana**, localizada no **sector I**, **rua da Amadora, nº 100**, no âmbito da prospeção que se realizava ao aqueduto romano identificado neste Município. Foram efectuadas diversas campanhas de sondagens que decorreram em 1980/81, 1997, 2000/2001 e 2004, e resultaram na descoberta de algumas estruturas e materiais característicos deste período.

Com o desenvolvimento dos referidos trabalhos arqueológicos, foi possível, não só propor uma área de implantação dos vestígios, com cerca de 3 mil m<sup>2</sup>, como identificar contextos selados integráveis nos séculos III e V da nossa era, tendo por base os inúmeros materiais recolhidos.

Devido à dimensão do terreno, este foi dividido em diversos sectores tendo-se centrado a actividade arqueológica nos Sectores I e III, locais onde foram identificadas estruturas.



Estas correspondem, no Sector I, a uma sala ampla de uma habitação construída no século III/IV cujas paredes foram revestidas com estuques pintados e que possuía um pilar central, igualmente revestido a estuque pintado com banda vermelha e um dreno junto da parede.

Já no século IV este espaço foi reformulado, tendo-se construído uma parede que dividia a referida sala, o pilar central foi demolido e fizeram-se mais três drenos de escoamento de água, que percorrem todo o espaço.

O piso foi todo alçado com os materiais disponíveis, nomeadamente restos de calcário provenientes do fabrico de tesselas e estuques pintados, de diversas cores e motivos, resultantes, muito provavelmente da picagem das paredes de outros compartimentos anexos.

Junto da parede divisória foi construída uma grande lajeira (80x100 cm), cujo encosto foi feito com recurso a uma pedra calcária aparelhada, tendo-se identificado, igualmente, a base de um forno.



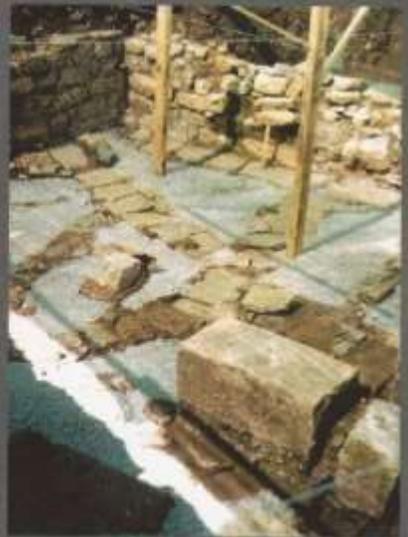
Objectos recolhidos no sítio arqueológico  
Praça da Amadora, Rua da Amadora, nº 100.

Para além das estruturas indicadas, todos os objectos recolhidos, nomeadamente restos de ânforas, bilhas, panelas e louça em *terra sigillata* africana, copos de vidro e alguns restos de alimentação, levam-nos a propor a utilização deste

No Sector III, apesar do grau de destruição dos muros, da área até agora conhecida, que se encontram ao nível do alicerce, é possível perceber a planta do local, mas não a sua função.

Tratando-se da única *villa romana* conhecida no território da Amadora e dado o seu estado de preservação e importância, uma das preocupações do Museu, desde o primeiro momento, foi o da preservação e conservação das suas estruturas, para que pudessem ser visitadas por todos aqueles que se interessam pelo património arqueológico.

Em 2004 foram realizados trabalhos de consolidação das estruturas de Sector I, tendo-se colocado uma cobertura de protecção no ano anterior.



## 8.2. Folheto do Museu Museográfico do Casal da Falagueira

**NÚCLEO MUSEOGRÁFICO DO CASAL DA FALAGUEIRA**

**Horário de abertura ao público**

Aberto de 3<sup>a</sup> a sábado das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 17h00

Domingos das 14h30 às 17h30 encerra aos feriados

Tel.: 21 436 90 90  
e-mail: [museu.arqueologia@cm-amadora.pt](mailto:museu.arqueologia@cm-amadora.pt)

**ATIVIDADES**

O Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira promove várias atividades culturais regulares, entre as quais se destacam:

**Museu em Ação**  
Oficinas temáticas sobre arqueologia e património. Realiza-se com o apoio gratuito do Núcleo e do Departamento Histórico e Arqueológico da Amadora para grupos organizados, durante a semana, de 10h00 e de 14h00 nos dias de mercado próximo. Atividades gratuitas.

**Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira**  
Visitas e visitas às escavações e edifícios.

**Património Histórico e Arqueológico do Município**  
Visitas guiadas ao longo do percurso do rio de São João, sua história em relação ao rio de São João e à Igreja de São João.

**Escola Aberta do Património**  
Atividade para o desenvolvimento de competências de observação e análise de sítios de património cultural, com o objetivo de promover a valorização do Património Histórico e Arqueológico do Município de Amadora e de proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer o território.

**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS VISITÁVEIS**

**Necrópole de Caravaca**  
Necrópole Romana (séc. I-II), e Necrópole de Caravaca e envolvente por três grupos enterrados nas suas abuturas de São João, São João de São João e São João. Este sítio é público, de 3.ª a Domingo no Verão das 14h30 às 17h30 e no inverno das 10h00 às 13h00. Os visitantes poderão solicitar ao núcleo do Núcleo uma visita guiada.

**Vila Romana de Quinta da Botelha**  
Poderá ser visitada mediante marcação prévia, no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, sendo necessário que esta visita seja feita na data de abertura temporária do sítio.

**Parque Aventura**

**AMADORA**

**NÚCLEO MUSEOGRÁFICO DO CASAL DA FALAGUEIRA**

**NÚCLEO MUSEOGRÁFICO DO CASAL DA FALAGUEIRA**

O Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira tem áreas com diferentes espaços expositivos dedicados por exemplo ao património histórico e arqueológico local. Integrado num programa mais vasto de recuperação e salvaguarda do património histórico do município este Núcleo agrupa a antiga loja de artigos que o Centro Municipal de Amadora tem vindo a restaurar através de um plano plurianual do seu Museu Municipal de Arqueologia.



**CASAL DA FALAGUEIRA – O EDIFÍCIO**

O Casal da Falagueira também conhecido como Casa do Omeiro de Malta, dádo ter sido propriedade dessa Ordem, sempre foi utilizado sobretudo para fins agrícolas e até agrícolas.

Foi parte do núcleo rural de antiga Aldeia da Falagueira, logo que se tornou as duas partes do atual território do município, não só pelo tempo que se passaram mas também por diferentes razões históricas do século XII. O Casal da Falagueira destaca-se, no entanto, das restantes casas salvas da aldeia pelo seu carácter mais singular e a construção atual.

Em 1995 foi alvo de uma intervenção arqueológica levada por objectivo reconhecer a diversidade da sua construção e do seu valor etnohistórico e etnoarqueológico.

A construção robusta do edifício permitiu que não tivesse sofrido danos durante os períodos de ruína. Face à realidade de recuperação e reabilitação do Casal, a Câmara Municipal de Amadora iniciou em 1997 dando início às obras de recuperação em 2005 integrando no projeto atual, além da reabilitação do Casal da Falagueira a construção do Parque Arqueológico. Na sua primeira fase o projeto prevê a Abertura do Casal em Monumento da História, em articulação com o Plano Municipal de Gestão da Arqueologia.



**NÚCLEO MUSEOGRÁFICO - EXPOSIÇÕES**

No Casal da Falagueira estão abertas ao público as seguintes exposições sobre a História e o Património local:

- Da Pré-história à Idade Média
- Vila Romana
- Amadora rural – Aldeia da Falagueira
- Aqueduto das Águas Livres
- Casal da Falagueira
- Amadora Urbana – Século XX (exposição temporária)



**SERVIÇOS**

Além das exposições o Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira dispõe dos seguintes serviços:

- Loja
- Biblioteca

Especialidade em arqueologia, etno-histórica e etnoarqueológica para estudantes e investigadores. É de consulta gratuita podendo reservar passagens online através do site da Câmara pelo Telefone Municipal ([www.cmamadora.pt](http://www.cmamadora.pt)).

Aberto de 7.ª a 5.ª, das 10h00 às 18h00 e das 14h00 às 17h00 no sábado, mediante reserva prévia.

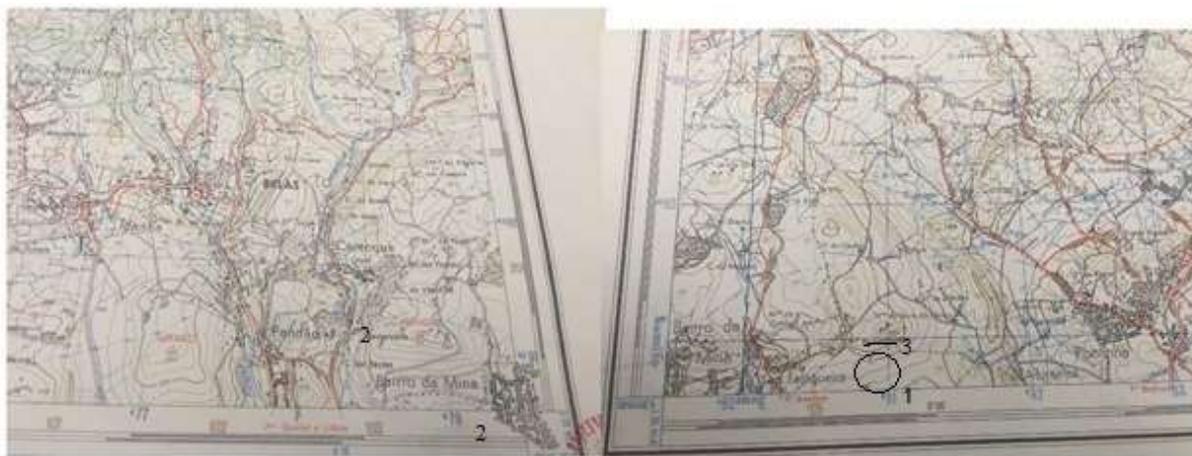
**Arquivo de Juntas Arqueológicas**

O arquivo público está condicionado a tempo de acesso por escrito, dirigido ao Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Câmara Municipal de Amadora.



### 8.3. Carta Militar de Portugal na Amadora

Recortado de três diferentes Cartas Militares (folhas 416, 417 e 431 – apresentadas adiante) que incluem diferentes partes do atual concelho da Amadora, de forma aqui a formar uma ideia do território relevante para esta dissertação.

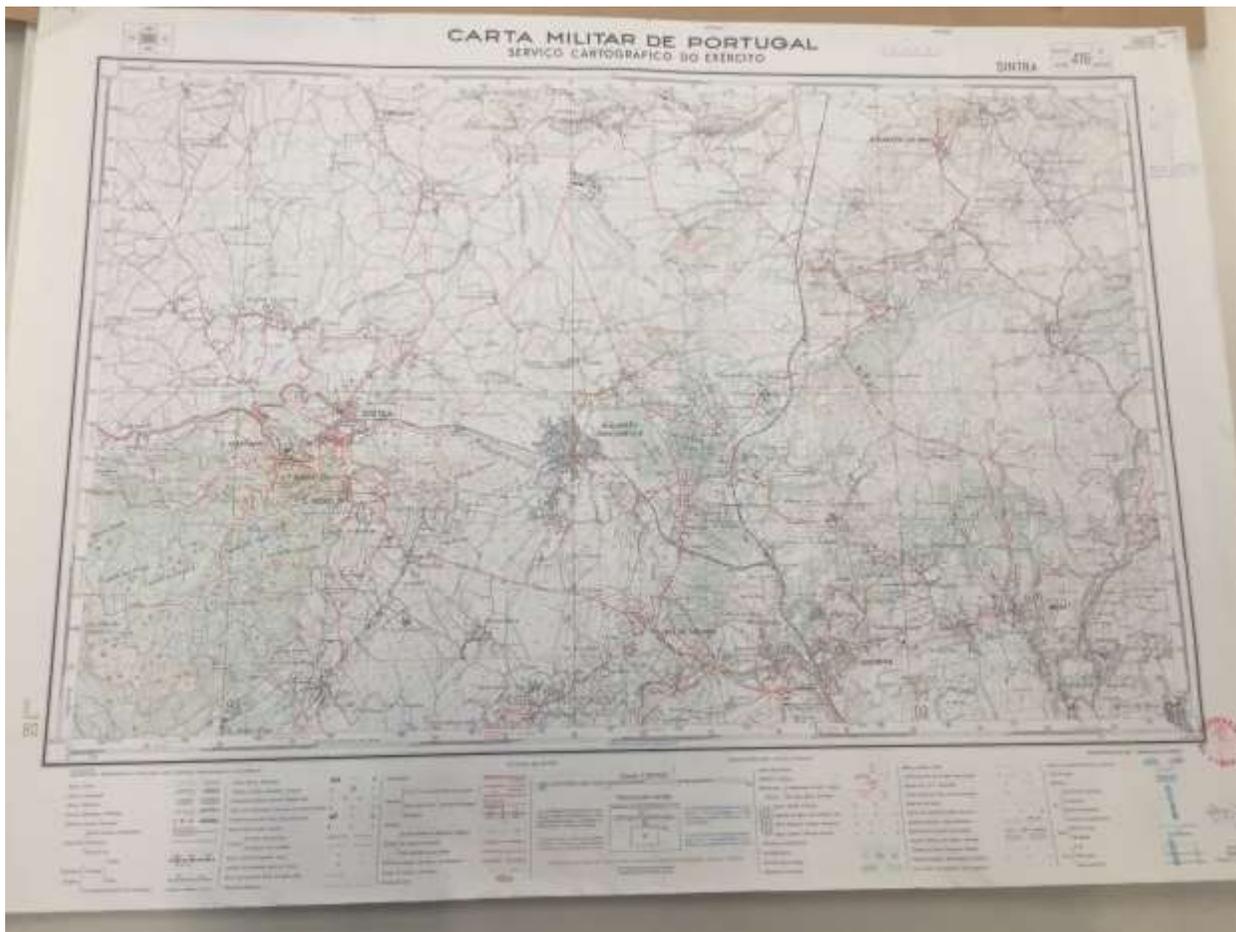


#### Legenda:

1. Espaço aproximado de onde terão sido encontrados vestígios da *Villa Romana* da Quinta da Bolacha.
2. Aqueduto Romano. Marca a Ribeira de Carenque (linha azul a passar na “Carta Militar de Portugal nº 16” de onde era retirada a água. A outra marca 2 no Bairro da Mina terá sido nesses arredores que foram encontrados alguns vestígios do Aqueduto.
3. Moinho do Castelinho e confirma-se a proximidade da *Villa Romana* da Quinta da Bolacha. Também dá para perceber a sua proximidade de espaços habitacionais, mas em 1965 ainda sem grande habitação no próprio local.



### 8.3.1. Carta Militar de Portugal Folha 416



Carta Militar referente, maioritariamente, ao território de Sintra, mas incluindo parte do noroeste da Amadora, referente ao território da atual freguesia de Mina de Água.

**Fonte:** Serviço Cartográfico do Exército, *Carta Militar de Portugal*. Série M 888, Folha 416, Edição 2, [s.l.], Serviço Cartográfico do Exército, 1962. [Disponível para consulta no Colégio Luis António Verney da Universidade de Évora]

### 8.3.2. Carta Militar de Portugal Folha 417



Carta Militar referente a partes do território dos concelhos de Odivelas, Oeiras, Loures, Lisboa, e incluindo parte do nordeste da Amadora, referente ao território das atuais freguesias de Mina de Água, Encosta do Sol e Falagueira-Venda Nova.

**Fonte:** Serviço Cartográfico do Exército, *Carta Militar de Portugal*. Série M 888, Folha 417, Edição 3, [s.l.], Serviço Cartográfico do Exército, 1965. [Disponível para consulta no Colégio Luis António Verney da Universidade de Évora]

### 8.3.3. Carta Militar de Portugal Folha 431



Carta Militar referente, maioritariamente ao concelho de Lisboa, mas incluindo parte do sudeste da Amadora, referente ao território das atuais freguesias de Águas Livres, Alfragide, Falagueira-Venda Nova e Venteira.

**Fonte:** Serviço Cartográfico do Exército, *Carta Militar de Portugal*. Série M 888, Folha 431, Edição 3, [s.l.], Serviço Cartográfico do Exército, 1971. [Disponível para consulta no Colégio Luis António Verney da Universidade de Évora]

## **8.4.Desdobrável Informativo “A Herança Romana a Visitar fora de Lisboa”**

*Este folheto é simples para um público turista que consegue ser todo incluído numa página, provavelmente A5 e papel de cor para chamar à atenção, e sendo possível imprimir frente e verso.*

### **A Herança Romana a Visitar fora de Lisboa**

No centro da Capital Portuguesa, Lisboa, é possível encontrar vários espaços com a história dos vestígios romanos, mas se quiser explorar o mundo dos arredores da capital, nós trazemos-lhe três recomendações.

#### **Museu Municipal de Arqueologia da Amadora**

A uma curta distância da capital, quer de carro, comboio ou autocarro, é possível encontrar a pequena, mas populosa, cidade da Amadora, na qual pode encontrar o Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, que por apenas um 1 euro pode visitar seis exposições e ficar a conhecer um pouco mais da história do território que é hoje à Amadora, destacando a exposição permanente “Antes da Amadora” com vestígios romanos encontrados na cidade, e a exposição temporária “Reflexos da Vida e da Morte no Moinho do Castelinho” que nos mostra um pouco do que tem sido feito na exploração deste sítio arqueológico e os objetos encontrados.

A visita ao Núcleo Museográfico pode ser realizada de Terça-Feira a Domingo, funcionando das 9h00 às 17h00, com pausa de almoço entre as 13h00 e as 14h00, e no Domingo apenas estando aberto da parte da tarde, das 14h30 às 17h30. No fim da mesma não se esqueça de confirmar na receção se existe alguma data próxima para visitar o sítio arqueológico da *Villa* Romana da Quinta da Bolacha, e aproveite para dar um passeio no Parque Aventura, onde fica o Núcleo Museográfico, que é ideal para crianças.

## ***Villa Romana de Freiria em Cascais***

Num dia de sol, depois de aproveitar uma manhã numa das muitas praias da Linha da Cascais, porque não aproveitar a sua tarde para visitar a *Villa Romana de Freiria*. Em cerca de meia hora tem a oportunidade de passear pelas estruturas arqueológicas, caminhando por, maioritariamente, um passadiço, mas também aproveitando um curto troço em laje calcária. Apesar de uma visita livre (aberta todos os dias das 10h00 às 18h00), sinalização presente por toda a *villa*, conta-nos sobre este espaço e a sua história, em duas línguas, português e inglês.

Para além da visita à *villa romana*, também pode ver se existem algumas atividades especiais, tais como visitas guiadas, animação histórica e cultural com representações de teatro clássico, mas também jogos pedagógicos.

## **Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em Sintra**

Nas lindas e românticas paisagens de Sintra é possível encontrar o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde se pode ver a mais variada coleção de epigrafia em pedras tumulares, recolhidos na zona de Sintra e pertencendo desde de cidadãos a escravos ou libertos do período romano, do século I a.C. ao século II d.C., para além desta lápides também pode encontrar outros vestígios romanos, mas também vestígios cristãos e do reino Português.

Antes de voltar ao exterior, dê também um salto à biblioteca, com a sua própria coleção de livros antigos. Fora do edifício do Museu, na mesma propriedade, mas ao ar livre, por isso procure visitar em dias sem chuva e sem muito calor, pode se ainda encontrar ruínas ainda de pé.

O museu funciona de Terça a Sábado, das 14h00 às 18h00, com uma pausa de almoço entre a 13h00 e às 14h00, tem o custo de 2 euros para um bilhete adulto, e se tiver crianças procure uma das várias oficinas oferecidas aos mais jovens.

Pode encontrar mais informação consultando as páginas da Câmara Municipal da Amadora, da Câmara Municipal de Cascais e do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, respetivamente.

8.5. A Identificação das *Villae* Exploradas no Território de Lisboa



Foto do atual distrito de Lisboa, que constitui parte de *Olisipo* e o *ager* em seu redor, com a identificação das localizações de espaços identificados como *Villae Romana*, de seguida é possível ler a legenda.

1. ***Villa Romana da Quinta da Bolacha (Amadora)*** – visitável (mediante horários específicos, com visita marcada)
2. ***Villa Romana de Oeiras (Oeiras)*** – visitável (segundo *Lisboa Romana*, sem informação adicional sobre a visita à *villa romana* no *site* da Câmara Municipal de Oeiras)
3. ***Villa Romana da Granja dos Serrões (Sintra)***
4. ***Villa e Necrópole da Senhora do Ó (Mafra)***
5. ***Villa Romana do Miroiço (Cascais)***
6. ***Villa Romana do Casal do Clérigo (Cascais)***
7. ***Villa Romana de Outeiro de Polima (Cascais)***
8. ***Villa Romana dos Povos (Vila Franca de Xira)***
9. ***Villa Romana de Sub-Serra (Vila Franca de Xira)***
10. ***Villa Romana Morgado (Vila Franca de Xira)***
11. ***Villa Romana de Casais Velhos (Cascais)*** – visitável (segundo *Lisboa Romana*, sem informação adicional sobre a visita à *villa romana* no *site* da Câmara Municipal de Cascais)
12. ***Villa Romana de Vilares (Cascais)***
13. ***Villa Romana de Telhal (Sintra)***
14. ***Villa Romana de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)*** – visitável (associado ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas)
15. ***Villa (Mata Pequena) (Mafra)***
16. ***Villa Romana de Freiria (Cascais)*** – sítio musealizado, com acesso livre, percursos acessíveis e placares informativos (em português e inglês) de forma a tornar a visita autónoma
17. ***Villa Romana de Unhos (Loures)***

18. **Villa e Necrópole (Casal de Rebolo) (Sintra)**
19. **Villa Romana de Santo André de Almoçageme (Sintra)** – visitável (associado ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, mas de acordo com o *site* do Museu, não está mencionado acessos a visitas)
20. **Villa e Estrada (Granja de Santa Cruz) (Sintra)**
21. **Villa Romana de Frielas (Loures)** – visitável (mediante marcação)
22. **Villa e Necrópole Rólia (Mafra)**  
**Villa (Godinheira) (Mafra)**
23. **Villa Romana da Granja dos Serrões (Sintra)**
24. **Villa Romana de Leão (Oeiras)**
25. **Villa (São Marcos) (Sintra)**
26. **Villa Romana do Alto da Cidreira (Cascais)** – visitável (segundo *Lisboa Romana*, sem informação adicional sobre a visita à *villa* romana no *site* da Câmara Municipal de Cascais)
27. **Villa Romana Caparide (Cascais)**
28. **Villa (Quinta da Torre) (Vila Franca de Xira)**
29. **Villa (Serra de S. Julião) (Torres Vedras)**
30. **Villa Romana de Penedo (Torres Vedras)**

Desta forma, observando as várias *villae* que foram identificadas na zona de Lisboa é possível verificar que um número reduzido permite visitas, e apenas em Cascais, na *Villa Romana de Freiria*, é possível visitar a *villa* romana de forma autónoma.

[Mapa modificado, mas tendo como base a imagem retirada de “Municípios do distrito de Lisboa”, *Wikipedia*. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito\\_de\\_Lisboa#/media/Ficheiro:Concelhosdelisboa.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Lisboa#/media/Ficheiro:Concelhosdelisboa.png)

(Consultado a 08/04/21), e informação adquirida através do projeto *Lisboa Romana* (*LisboaRomana*. Disponível em: <https://lisboaromana.pt/> (Consultado a 10/04/21)]

## 8.6. Programa Ficcionalado do “Dia Romano”

**10:30h:** Visita Guiada à *Villa Romana* da Quinta da Bolacha e ao sitio arqueológico do “Moinho do Castelinho”

**13:00h:** Almoço. Interpretação de uma Refeição Romana, tendo em conta alimentos que estariam disponíveis durante o período da presença romana em Portugal

[**15:00h:** Inauguração de um painel de Arte Urbana, com referência à presença Romana na Amadora – neste caso apenas relevante com a marcação do Dia Romano para a data desta inauguração e seria algo único a essa data e não pode ser repetido]

**15:30h:** Visita Guiada ao Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira

**17:00h:** Palestra “A Presença Romana na Amadora e no *Ager de Olisipo*”

ou

**17:00h:** Representação Teatral de um Teatro Clássica da Antiguidade (ou uma Encenação Original sobre a Presença Romana)